Diário de Lisboa

ANO 55.º / 18739 4$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

DÍVIDA PÚBLICA
70 MILHÕES DE CONTOS

Os vinte e sete sindicatos de Empregados de Escritório e Caixeiros de Portugal, reunidos, através das suas direcções, em Coimbra, para estudarem as medidas de verticalização do sector, deliberaram «lutar pela participação e controlo cada vez maior dos trabalhadores em todos os centros de decisão políticos, económicos e sociais, forma de estimular, consolidar e alargar as nacionalizações em curso, e dinamizar, esclarecer e corresponder à marcha irreversível dos trabalhadores para o socialismo».

Defendeu-se igualmente que os sindicatos «devem, cada vez mais, assumir papel revolucionário, a largar as bases de acção e organização e cerrar fileiras contra o desemprego e por um maior equilíbrio na repartição da riqueza nacional». À reunião esteve presente o economista Eugénio Rosa que, falando sobre a actual situação económica, revelou que a dívida pública, de 63 milhões de contos em 1974, subiu, este ano, para 70 milhões de contos. Segundo Eugénio Rosa, o número de desempregados no fim do ano passado era de 177 000, dos quais 37 400 no distrito de Lisboa, 25 800 no Porto e 9800 em Coimbra. Estes números afectam particularmente os trabalhadores têxteis, da construção civil, do vestuário e calçado e das empresas electrónicas. Afirmou, ainda que o «deficit» da balança comercial passou de 28,3 por cento em 1973, para 55,8 por cento em 1974. As reservas do Banco de Portugal, por sua vez, de Janeiro a Dezembro do ano passado, desceram de 67,9 para 53,6 por cento da circulação fiduciária.

VIOLÊNCIAS NA CAMPANHA ELEITORAL
DOIS HOMENS FERIDOS A TIRO EM MONTALEGRE

Um crescendo de violência marcou a campanha eleitoral durante o fim-de-semana, fazendo nomeadamente dois feridos (a tiro) em Montalegre. Outros incidentes registaram-se no Porto e em Viseu, envolvendo em ambos os casos o C.D.S. Na capital da Beira Alta um grupo de jovens não identificados sabotou a Central de Transformação e Distribuição dos Serviços Municipalizados, de onde retirou os fusíveis, precisamente quando usava da palavra num comício o general Galvão de Melo. A cidade esteve algum tempo às escuras.

Os tiros em Montalegre estão na origem de um veemente comunicado subscrito em conjunto pelas comissões concelhias do M.D.P./C.D.E., M.E.S., P.C.P., P.R.P.-B.R. e P.S., a que se associaram dois transmontanos candidatos à Constituinte pela primeira destas cinco formações: Gonçalves André, jornalista do prezado colega «República» (candidato por Vila Real) e Ezequiel Vicente (candidato por Lisboa e membro da comissão central).

O comunicado recorda vários incidentes verificados no concelho desde o passado dia 1, quando foram disparados tiros do exterior de um edifício em Carvalhais onde se realizava uma sessão de esclarecimento do M.D.P./C.D.E. Acabada esta, militantes do partido depararam com duas linhas de arame farpado numa curva da estrada à saída da aldeia, erguidas a cerca de um metro de altura.

No dia 6 uma caravana automóvel do P.C.P. era atacada na própria sede do concelho, sendo arrancados cartazes e queimadas bandeiras do partido. Zona: o bairro da Portela, «onde habita» — diz o comunicado — «a maior parte dos elementos (locais) afectos ao P.P.D.». No dia seguinte, em Lamachã, mais tiros, desta vez sobre uma bandeira do M.D.P./C.D.E.

Os incidentes de ontem à tarde tiveram a precedê-los um pequeno desfile de crianças entre os 5 e os 10 anos de idade com bandeiras do P.P.D. Concretamente o M.D.P./C.D.E. efectuava na vila um comício e terá sido essa a razão das provocações, provocações que cresceram de tom na ocasião em que o M.D.P./C.D.E. formou uma caravana automóvel. Vinda em sentido contrário, uma segunda caravana (do P.P.D.) cruzou-se com aquela e os seus ocupantes passaram ao insulto — diz o comunicado — e, como escrevemos acima, ao tiro. Dois homens ficaram feridos: um activista do M.D.P./C.D.E. (a bala entrou pela parte superior da coxa, de trás para diante) e um septua-

Continua na pág. 20

Hoje
GUARDA
em
Diário de Lisboa
PONTO ELEITORAL

ATAQUE AÉREO EM PHNOM PENH

BANGKOK, 14 — (ANI/R) — Fontes da Embaixada cambojana nesta cidade desmentiram uma notícia divulgada pela agência japonesa Kyodo segundo a qual forças Khmeres vermelhas teriam penetrado já no sector oeste de Phnom Penh.

Após contactos pela rádio com Phnom Penh, essas fontes cambojanas disseram à Reutar: «A situação está sob controlo em Phnom Penh, não há ali forças khmeres vermelhas».

Confirma-se no entanto que um avião governamental bombardeou o quartel-general naquela cidade, tendo morrido cinco pessoas e ficado feridas mais oito.

O general Sutsakahn, chefe do novo Governo militar, decretou entretanto, o recolher obrigatório a partir das 19 horas.

Entretanto, segundo a agênca AKI, as forças khmeres puseram fora de combate 900 soldados governamentais que defendiam Phnom Penh e conseguiram cercar completamente o aeroporto internacional de Pochentong.

A rádio de Phnom Penh, captada em Saigão, anunciou que os khmeres vermelhos se estavam a preparar par o ataque final contra a cidade.

CAMPANHA ELEITORAL

«Há que deixar o povo fazer a História, para que esta seja honesta e pura» — afirmou-se na sessão promovida pelo P.P.M. na Biblioteca Nacional de Lisboa (ao alto). Em Braga, Mário Soares (ao centro) repetiu que o P.S. se bate «pela soberania do povo numa democracia pluralista». Por seu lado, o P.C. organizou uma grande festa popular, com a presença de alguns dos seus candidatos por Lisboa, perto da Torre de Belém

O P.C.P. EM BELÉM: CEM MIL PESSOAS

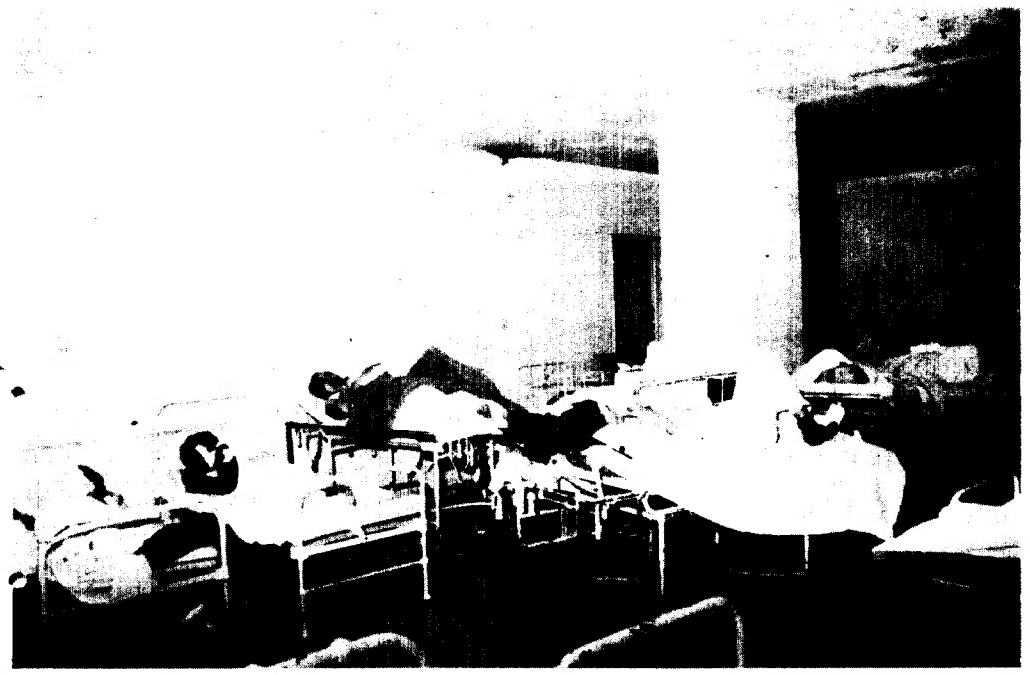
Só quem lá esteve é que poderá dizer como a festa foi grande. E muitas foram as pessoas, ao longo do dia, que se deslocaram a Belém para convívio e participação na Festa Popular do P.C.P. O sol esteve presente durante todo o dia,

Eis o resumo breve da festa revolucionária: em dois palcos improvisados, juntos dos quais a multidão se aglomerava sem espaço para um alfinete, muitos artistas, militantes ou simpatizantes do P.C.P., provaram que a liberdade (finalmente!) existe no nosso País. E, com a liberdade, a revolução. Aqui vão os nomes de alguns desses artistas: Zeca Afonso, José Carlos Ary dos Santos e Conjunto Intróito, Fernando Tordo, Adriano Correia de Oliveira, José Manuel Osório e José Jorge Letria. Presentes, também, grupos de teatro: a Comuna, o Atlético Clube de Campolide, os Jograis Vermelhos, o Coro da Academia dos Amadores de Música (sob a direcção de Fernando Lopes Graça), o Grupo de Música Contemporânea, dirigido por Jorge Peixinho, etc.

Também se efectuou um pequeno comício em que usaram da palavra alguns dos candidatos do P.C.P. à Constituinte.

Depois veio a noite — e com a noite um grande baile que se prolongou até de madrugada. Foi também queimado fogo de artifício, admirado por todas as pessoas — e sempre canções no ar, sempre e sempre. Quantas pessoas? Segundos os repórteres, tiveram na festa do P.C.P. no decurso do dia, «mais de cem mil pessoas».

UM HOSPITAL DE CAMPANHA?



Não, leitor: não é um hospital de campanha. Trata-se de um recanto do Hospital de S. José (não cremos que seja uma enfermaria) onde os feridos se amontoam quase de maneira caótica. Degradante, sem dúvida. Tão degradante como muitas coisas ainda existentes no nosso País. Atento, o Ministério da Saúde, à semelhança de muitos outros departamentos governamentais, certamente que tentará resolver a trágica situação (passe o termo) daquele estabelecimento hospitalar. Esta foto, pois, não é um voto de desconfiança: é documentação para ser recortada e devidamente estudada

24 PÁGINAS

post scriptum

Ex-militar sem emprego

Após ter regressado da Guiné, onde cumpri serviço como soldado, tive, passado um ano, de ser internado por doença. De um hospital civil, passei para o Hospital Militar, de onde saí clinicamente curado. Segui, depois, para Lisboa, tentando arranjar emprego, o que consegui nos C. T. T. da Praça de D. Luís, como contínuo. Como, porém, ainda estava debaixo do domínio militar, não cheguei a estar empregado um mês, porque as autoridades militares me comunicaram que não podia ainda exercer funções. Deixei, pois, o emprego em Janeiro de 1974.

Agora, há quase um ano que estou desligado do Exército e já me informei que não posso entrar novamente no emprego que tinha. Há quase um ano que ando à procura de emprego. Será que não tenho mesmo direito de entrar no serviço? Se sai, não foi de minha livre vontade, mas sim obrigado.

A quem me devo dirigir agora? Serei eu culpado de uma situação para que não contribuí? É que tenho 27 anos, quero trabalhar, preciso de trabalhar para viver e não me deixam. Há justiça nisto?

José Ferreira — Bairro da Ponte — S. Pedro do Sul

Inventor em bolandas

Dois cavalheiros anunciaram na TV que em breve irá publicar-se uma revista intitulada «Inventivo». Espero que em tal revista, a haver, venha a ser possível protestar contra o que se me afigura errado. Patenteei no Brasil e na França um invento e, poucos meses depois, tive o diploma. Mas em Lisboa, no momento em que meti os documentos de outra patente, em 6 de Julho de 1972, entregaram-me um boletim provisório com um distico oblíquo a vermelho, que diz: «Não vale como prova de patente, depósito ou registo.»

Em 17 de Fevereiro de 1975, eu era informado de que só a partir de Maio poderia receber o título definitivo dessa patente. Como é possível negociar uma patente só decorridos três anos, se a ninguém interessa comprar mediante o citado boletim provisório? Já paguei a primeira prestação do imposto referente a ela. Porque hão-de ser necessários três anos para entregarem o definitivo? Não andará aqui algo errado?

Luís Moreira — Porto

Política de remendos

Como se sabe, como os professores têm salientado em plenários sindicais e outras reuniões, o saneamento no Ministério da Educação e Cultura tem resistido ao longo dos meses após o 25 de Abril, isto é, têm sido registados importantes avanços na democratização do País, mas, quanto a uma nova política educativa, urgente, ela tarda a chegar e, o que é grave, alguns avanços ao nível das bases têm sido travados pelo M. E. C.

Pois bem, dentro de uma linha de improvisação, as antigas aulas de Organização Política e Administrativa da Nação, cujos professores tinham em princípio por missão fazer engolir um compêndio onde as «altas virtudes» do «único sistema político admissível: o fascismo» eram «patrioticamente» exaltadas, foram substituídas por «Introdução à Política» e «Vida Política», disciplinas que dispõem de um programa mínimo de tópicos enviado pelo mesmo M. E. C. às escolas e que são leccionadas por quem calha, que fecha a porta da sua sala de aula e desenvolve lá dentro a ideologia (ou a consequência de masturbações intelectuais) que muito bem lhe apetecer, salvas as excepções. Os horários dessas aulas foram atribuídos a quem para eles se propôs, muitas vezes tapando furos de horários dos professores de diversos grupos.

Assim, como não é difícil concluir, pode muito bem acontecer que jovens de 13, 14 e 15 anos tragam nos seus apontamentos da aula de «Vida Política» uma lista dos partidos políticos portugueses por grupos, sendo um deles, por exemplo «Social fascistas — F. S. P., M. D. P./C. D. E., P. C. P., M. E. S.».

Isto aconteceu na Escola Técnica Gago Coutinho, de Alverca. E tudo quanto se possa imaginar a este nível, está visto, pode acontecer. Portanto, compete a todos os verdadeiros progressistas lançar o alerta e manifestar junto do M. E. C., pelos meios ao seu alcance, a discordância de um processo que, estando dependente como está de cada professor individualmente, não pode resultar em esclarecimento, antes pelo contrário. Entretanto, vigilância popular!

Elisabete Pereira França Galamba — Professora da Escola Técnica Gago Coutinho — Alverca

AS VENDAS DE AUTOMÓVEIS

Tendo visitado, há dias, um «stand» de venda de automóveis, para me informar das condições quanto a determinado modelo, foi-me dito que o mesmo só é vendido a pronto pagamento, sendo a entrega condicionada a cerca de um mês...

O automóvel em questão é da marca «Fiat», concretamente o 127, cujo preço não atinge a centena de contos. Desta tomada de posição, podemos concluir o seguinte:

1) O vendedor terá optado por este sistema numa série de automóveis considerada popular (Atendendo ao preço tamanho e consumo) pois conta que os veículos irão sofrer novo aumento (eles, os vendedores, até o afirmam), só interessando nesta altura a modalidade adoptada, visto haver que guardá-los para depois do aumento.

2) Este sistema é ilegal, pois só a partir dos 200

Continua na pág. 11

PLANEAMENTO ECONOMICO E MARKETING SOCIAL

Por MÁRIO BAPTISTA

Agora que, finalmente, a estrutura governamental portuguesa conta com um órgão suficientemente autónomo e em adequada linha da hierarquia para se planear e coordenar o desenvolvimento económico nacional, vem a propósito tecer algumas considerações sobre a dualidade governante-povo expressa através da comunicação social.

O acto de fazer política corresponde a um «serviço» que o governante presta ao povo, este portanto a qualidade de público «consumidor». Mas o acto político não se traduz num serviço clara e objectivamente identificável, de atributos bem definidos, não é facilmente apreendido pelo «consumidor» no contexto de uma «imagem» homogénia, coerente, constante, pacífica.

O governante é, pela sua função, um emissor de mensagens dirigidas a receptores vários, heterogéneos, diferentes na instrução, na cultura, na sensibilidade, nos níveis de necessidade, de expectativas e de aspirações.

Logo, a «qualidade» da mensagem, no espírito do emissor, pode corresponder a diversos conceitos de acordo com as características dos receptores.

Mas o significado dos actos políticos mede-se na sensibilidade crítica do público e não no espírito e nas intenções dos seus autores.

Não basta considerar a coerência e a validade intrínsecas das atitudes mas também — e principalmente — as exigências da psicossociologia das multidões e dos indivíduos.

E estes aspectos tornam-se tanto mais importantes quanto é certo que um país não pode desenvolver-se sem a efectiva mobilização das populações, devidamente esclarecidas quanto aos seus direitos e às suas responsabilidades.

Para que um Governo possa, em plena consciência, interpretar e concretizar os interesses sociais, deverá conhecer o mais correctamente possível as necessidades, as expectativas, os desejos e as aspirações do seu mercado, isto é, do povo a cujo serviço se votou.

Conhecimento que, uma vez adquirido, servirá para fundamentar as decisões e, também, a metodologia a utilizar na comunicação social e na mobilização das populações em termos de participação política e adesão consciente e esclarecida aos programas de trabalho, consumo, poupança, investimento e produtividade.

Questões que se relacionam com os princípios e as técnicas do marketing social. Princípios e técnicas que podem servir, por exemplo, para escolher a localização de uma universidade ou de um hospital, depois de se estudarem e ponderarem as necessidades a satisfazer, no tempo e no espaço, dentro de determinados critérios sociais e políticos de reordenamento urbano.

Metodologia cada vez mais utilizada nos países socialistas, no contexto do mercado social, visando o conhecimento sistemático das necessidades a satisfazer, para maior eficácia e menor sacrifício social na utilização dos recursos produtivos.

Sistema que se espera venha a ser praticado em Portugal, no âmbito da profunda reconversão que não deixará de ser feita relativamente às técnicas e aos métodos de planeamento e de coordenação da economia nacional.

DAR NOVO USO AO TEMPO

Por JACQUES-FRANÇOIS SIMON

Quando em Outubro de 1972 a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (O.C.D.E.) reuniu uma conferência internacional sobre a Organização do Tempo de Trabalho, o primeiro relatório que ela pôs à discussão foi o de um economista. Tema: esquematizar uma previsão do desenvolvimento no decurso dos anos 70.

Pode censurar-se-lhe o seu optimismo? Tudo parecia justificar os seus pontos de vista sobre o futuro dos países ocidentais: aumento regular da produção, da produtividade, do consumo, diminuição correlativa da duração do trabalho e do número de desempregados. Esquema então clássico. A crise veio depois perturbar estas belas perspectivas. Não irão pois tornar-se um pouco supérfluas as discussões sobre a melhor maneira de organizar os tempos de trabalho e os tempos livres?

As perguntas que os europeus hoje fazem são muito terra-a-terra: encontraremos trabalho ou conservaremos aquele que temos? A inflação deixar-nos-á dinheiro suficiente para as necessidades quotidianas? Deixar-nos-á partir para férias? Pedir-lhes que se interessem pela organização dos seus horários de trabalho, pela exposição dos seus fins-de-semana ou feriados anuais, não será desejar que prefiram o acessório ao essencial, o bolo quando o pão se arrisca a faltar?

Em todas as grandes cidades do mundo, as auto-estradas, os metropolitanos, os caminhos-de-ferro, são construídos e equipados para acolher os milhões de assalariados que se servirão deles no princípio e no fim do dia ou da semana, no princípio ou no fim do Verão. Não seria mais económico calcular melhor os horários de trabalho ou as datas de partida para férias? tentar adaptar o conteúdo ao continente depois de ter feito durante tanto tempo o contrário?

O desemprego com todas as suas consequências directas ou indirectas (redução de horários, reformas antecipadas...) ameaça todas as economias ocidentais. Não seria mais justo adoçar-lhes os efeitos facilitando o trabalho em tempo parcial, não só a meio tempo mas a dois terços, a quarto do tempo?

De um modo geral, a crise endurece as reacções e encoraja todos os fenómenos de rejeição que caracterizam o «mal» do nosso século. Por quê abandonar, a pretexto disso, a preocupação de qualidade que pode olear a rodagem de um mundo quotidiano votado a servir a quantidade?

Todos esses elementos dão uma nova actualidade aos esforços que há uns quinze anos são empreendidos nos países ocidentais, para facilitar uma melhor organização dos tempos de trabalho e de lazer. Realizaram-se experiências por toda a parte, a maior parte das vezes em ordem dispersa.

Organizaram-se encontros internacionais, a fim de os comparar. Por alguma coisa é em França — um dos países da Europa onde os hábitos e as tradições são mais firmes — que o trabalho de reflexão sobre este «dossier» foi levado mais longe.

Num século, escreveu Philippe Lamour e Jacques de Chalendar, **o homem transformou a ordem das coisas, mas não ordem da sua própria vida. Ele não modificou sensivelmente os seus hábitos rotineiros, os seus modos de vida desusados, os seus horários inadaptados. Ele remodelou o uso do espaço, não modificou o uso do tempo tal como nas épocas em que a penúria dos meios obrigava à sua utilização em comum. Continuamos a fazer tudo, juntos e ao mesmo tempo...** Trabalho, ócio; ócio, trabalho. Esta alternância, ritmo de vida da criança e do adulto, no decorrer dos dias, das semanas, e dos anos. Na sua vida, o homem começa a aprender antes de produzir e de «se retirar». Como passar bem de uma idade para a outra? Começaram a ser dadas respostas a estas duas séries de perguntas.

JOGAR NOS TEMPOS

A cada dia o seu mal. Há uma discussão sobre a duração diária ou semanal do trabalho, à volta da qual se mobilizam as reivindicações sindicais e que varia segundo os países. Por outro lado há o debate sobre a maneira de organizar o dia ou a semana de trabalho, seja qual fôr a sua duração. Duas preocupações muito distintas.

O princípio da inovação experimentada na maioria dos países europeus com o nome de horário variável ou móvel, é simples. No dia de trabalho clássico, toda a gente tem a sua tarefa a cumprir e deixo-a no mesmo momento. Para os promotores do horário variável, o tempo de trabalho do dia é repartido por vários «Tempos». Três pelo menos: um tempo fixo durante o qual todos estão presentes ao mesmo tempo na fábrica ou no escritório; dois tempos variáveis que o precedem ou lhe sucedem e durante os quais cada um pode escolher livremente o momento em que pega no trabalho ou o larga, com a condição de «fazer» o mínimo de horas previstas. Trata-se, em suma de dar ao conjunto dos assalariados da empresa uma latitude comparável àquela de que beneficiam na prática os seus responsáveis.

Isto é coisa feita em numerosas sociedades europeias principalmente na Suíça, para 30 ou 40 por cento do conjunto dos assalariados, num total de 1 300 000 a 1 700 000 pessoas. Em França há já quatro anos que foi aplicado o horário livre numas quinze empresas e hoje deve existir pelo menos numas oitocentas, cobrindo a maioria das actividades profissionais, mas sobre os serviços administrativos ou sociais. O mesmo acontece na Grã-Bretanha onde a fórmula introduzida há quatro ou cinco anos foi adoptada por umas quinhentas empresas, principalmente no ramo dos seguros. Na Alemanha Federal pensa-se que uma sociedade em três, e seis administrações em dez, praticam o horário flexível. Desde Fevereiro de 1973 que 25 000 trabalhadores italianos da Fiat podem escolher as suas horas de partida e de chegada ao trabalho. É a experiência mais importante tentada numa só empresa.

O horário variável que parece ter uma prática especificamente europeia — os Estados Unidos quase a ignoram —, tem os seus detractores. Inaplicável em certos trabalhos, pode levar à modificação do regime de horas suplementares, entravar as reuniões de informação sindical, etc. A verdade é que poucas empresas renunciaram a este horário depois de o terem adoptado. Ele é por vezes uma necessidade. A direcção de Messerschmidt observara que todas as manhãs eram necessários vinte minutos para que todos os colaboradores da empresa arrumassem os respectivos carros. A modificação impunha-se. Em Paris, os elevadores da nova torre Maine-Montparnasse não podiam conduzir em menos de quarenta e cinco minutos as sete mil pessoas que trabalham nos seus cinquenta e seis andares.

Quanto aos directores da empresa, o horário livre é a maioria das vezes um meio de ratificar — e ordenar — os hábitos do pessoal. Quanto a este, pode ser um meio de começar a «mudar de vida». Os inquéritos mais recentes mostram que o sentimento de liberdade que este horário dá, é ainda mais apreciado do que a supressão desta ou daquela obrigação. É menos importante evitar a aglomeração no metropolitano e suprimir o receio de chegar atrasado do que dar a possibilidade aos assalariados — sobre tudo às mulheres — de ter uma parte do dia livre para atender à sua vida familiar ou pessoal.

OS DIAS SAGRADOS

Do horário variável passa-se, naturalmente, à semana variável. Teoricamente, nada nos impede de imaginar que o assalariado que diariamente adquiriu, no decurso desses tempos móveis, um certo crédito de horas, não possa beneficiar delas durante a semana: à sexta-feira partirá mais cedo; à segunda, de manhã, chegará mais tarde.

Em todos os países europeus onde se generaliza a semana de cinco dias (a fórmula da semana de quatro dias foi praticamente abandonada), o domingo é «sagrado». Deverá fazer-se do sábado um segundo dia sagrado? Um movimento inverso daquele que se verificava nos últimos anos parece desenhar-se hoje. Mesmo na Grã-Bretanha onde foi inventado o «week-end», e também na Bélgica onde ele é largamente aplicado, começam-se a recear as consequências de uma «esterilização» muito forte dos fins-de-semana. Nem todos podem descansar ao mesmo tempo, sob pena de prejudicar todos. Para que o repouso do

Continua na pág. 5

Nacional

"VAI HAVER UM GRANDE BANHO DE SANGUE"

— dizia Manuel Vinhas ao seu motorista pouco antes do 28 de Setembro

Manuel Vinhas, conhecido capitalista da nossa praça, com largos interesses em Angola, onde, em 1952, fundou a Companhia União de Cervejas de Angola «CUCA» S.A.R.L., abandonou precipitadamente o país no dia 3 de Outubro passado, dizendo ao seu motorista que regressaria talvez na quinta-feira seguinte. Mas os acontecimentos não lhe correram de feição e, tanto quanto se sabe, aquele capitalista não voltou a Portugal. Nos dias que antecederam a partida, porém, sobrou-lhe ainda tempo para, através de comentários e avisos ao motorista, confirmar que o 28 de Setembro não foi, como alguns ainda pretendem, uma «inventona», mas uma «intentona» contra-revolucionária, muito embora votada ao fracasso.

Uma semana antes do 28 de Setembro — relata aquele trabalhador, agora consciente de que não deve guardar por mais tempo as histórias curiosas que se passaram com o ex-patrão e que ele presenciou — já o meu patrão me dizia: «Lembro-te que não saias de casa no próximo fim-de-semana porque vai haver um grande banho de sangue.»

UMA CARTA «MISTERIOSA»

Na manhã do próprio dia 28 de Setembro — um sábado — o motorista foi, como habitualmente, a casa do patrão, no Estoril. Atendeu-o uma empregada que lhe disse ser necessário vir buscar uma carta para o «sr. dr.» a um escritório em Lisboa. Veio o motorista a Lisboa e descobriu o dito escritório na primeira transversal à direita (de quem sobe o Campo Grande) da Avenida dos Estados Unidos da América.

Como lá não encontrasse ninguém e se fizesse tarde para regressar ao Estoril, telefonou, de uma loja próxima, para casa de Vinhas. O patrão «já tinha ido para a praia», pelo que falou com o filho mais velho, Francisco, que por sua vez o aconselhou a falar ao dr. Feitor Pinto (chefe de serviço da Informação no Ministério de Moreira Baptista, departamento governamental em que se manteve ainda durante a ocupação da pasta por Raul Rego). Telefonou a Feitor Pinto, tendo-o este aconselhado a esperar. Cerca das 11.30, chegou então um empregado do referido escritório «talvez um contínuo», acrescenta o motorista, que com ele teve o seguinte diálogo:

. «Isso que vem buscar só está pronto lá para o meio-dia e meia hora. Tem de esperar.

«Não posso esperar. Teria ainda de levar isso ao Estoril e depois regressar a minha casa em Moscavide, o que se torna de facto muito tarde» — respondeu o motorista. «Tanto mais que quando vim para cá estive bastante tempo numa bicha, em Caxias, para me revistarem o carro.»

. «Bom, nesse caso, se lhe revistaram o carro, o melhor é telefonar outra vez para o dr. Feitor Pinto.»

O que fizeram. O ex-colaborador de Moreira Baptista deu-lhe ordem para «não levar afinal nada».

«Nessa altura, comecei a ficar intrigado sobre o que iria levar ao Estoril — relata o motorista — e perguntei ao empregado de escritório».

— Esses papéis que você ia levar — respondeu-lhe o outro «parece que era uma brincadeira que queriam fazer hoje na manifestação da maioria silenciosa».

Tratar-se-ia talvez de panfletos para distribuir na tristemente célebre manifestação, na sequência da qual, esperavam os reaccionários, seria restaurado o «paraíso» fascista.

Na praia do Estoril, onde se avistou com o patrão, este voltou a aconselhá-lo a que fosse para casa, porque «ia haver um grande banho de sangue», acrescentando que ele, Vinhas, iria dormir a um hotel a Lisboa.

Menos calmo se revelou o filho, Francisco, que ao saber que os civis estavam ao lado dos militares nas barricadas, comentou alarmado: «Não pode ser! Então, as minhas informações estão completamente erradas!».

«VIOLARAM-ME A CASA!»

Na terça-feira seguinte, já a casa de Manuel Vinhas tinha sido revistada por militares (que lá não encontraram o proprietário), o motorista viu o patrão pela última vez em Portugal.

«Ele estava em casa dum vizinho seu amigo, um pintor francês de cujo nome não me lembro, mas que é Ivo «qualquer coisa». Mandou-me seguir para o Aeroporto de Lisboa.

Apenas levava consigo duas malas de viagem e mostrava-se agitado, quase não falava. No percurso, o motorista comentou o «azar» de o patrão ter quebrado o hábito de passar os fins-de-semana fora, logo naquele sábado, em que as coisas lhe tinham corrido mal. Manuel Vinhas deu então para o que se passara, a seguinte explicação, impregnada de «inocência»:

— Mandei o jardineiro pôr sacos de areia nas janelas, e levei umas espingardas para casa. Uma das empregadas ficou muito aflita com aquilo e telefonou aos pais, que são também meus empregados na quinta do Zambujal. Os pais por sua vez trataram de contar tudo a outros trabalhadores. Estes entraram em contacto com a C. D. E. de Cascais e aconteceu o que sabes. Violaram-me a casa — repetia Vinhas. — Foram comunistas e tipos da L.U.A.R.

A caminho do aeroporto, pararam ainda uns escassos momentos na companhia. Vinhas esteve no seu gabinete, onde falou com a secretária e alguns colaboradores, pensando alguns trabalhadores da «Cuca», que terá então dado, entre outras ordens, a de queimar papéis, porquanto nesse mesmo dia ou no dia seguinte, a secretária rasgou papéis que mandou queimar. A informação é dada pelo trabalhador da companhia incumbido de queimar os ditos papéis o que executou sem saber do que se tratava.

Surpreendentemente, sem qualquer entrave — testemunhou o motorista — Vinhas, cuja casa foi revistada graças ao que se poderá chamar «vigilância popular», passou na vigilância do aeroporto e partiu para Paris. O dinheiro excedente à quantia que lhe permiram transportar — trinta e tal contos — entregou ao motorista, que por seu turno a devolveu ao filho mais velho.

SÓZINHO ENTRE OS PINHEIROS

Depois dessa terça-feira, 3 de Outubro, uma única vez o motorista o viu. Foi em Novembro passado, na cidade de Vigo, em Espanha. Manuel Vinhas mudara-se entretanto de França para Madrid, tendo-se instalado num hotel, com três dos carros da companhia à sua desposição: dois Mercedes e um Jaguar que lhe devem ter chegado pela mesma via que chegou algum (pelo menos) dinheiro de que tem sobrevivido, segundo pensam os trabalhadores: através de visitas rápidas e frequentes que familiares amigos lhe fizeram a Espanha, transportando a quantia máxima de vinte contos legalmente autorizada a sair do país.

Continua na pág. 6

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Necessita:

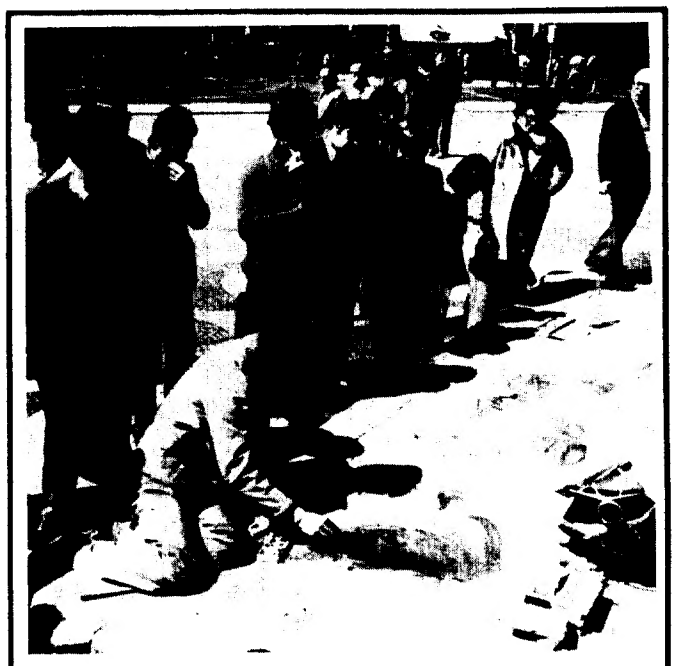
PESSOAL DE ENFERMAGEM

— de nacionalidade portuguesa;
— com o serviço militar cumprido, ou dele isento;
— bons conhecimentos da especialidade;
— para trabalhar em regime de turnos.

Para um total esclarecimento das condições oferecidas para o desempenho da função, contacte, até ao dia 25 do corrente, a Divisão do Planeamento do Pessoal, sita no Aeroporto de Lisboa. Edifício n.º 25, 1.º andar.

No Pão de Açúcar da Venda Nova nova secção de Pronto a Vestir

Ampliada e renovada a partir de 14 Abril



UM PINTOR NA CIDADE

Tantos são os estrangeiros que nos visitam, tantos e tantos, que já não interessa saber como se chamam, de que países procedem, como vivem, de que meios dispõem para uma breve ou longa estadia entre nós.

Assim, por exemplo, temos no Rossio, à hora do meio-dia, um jovem de grande cabelo, barba bem apontada, óculos escuros. O sol é grande, cai na cabeça com toda a luz do céu — e o jovem estrangeiro, utilizando giz de todas as cores, vai pintando na placa a lembrança de quadros célebres. Isto é: estende na placa que rodeia o monumento da Praça vastos cartões, folhas grandes de papel, e, debruçado, muito atento à memória, ali exibe quadros que estão patentes nos museus de todo o Mundo.

E vende. Vende cada obra por cinco escudos, sete e quinhentos, talvez dez escudos. Barato, barato. Até porque o talento não tem preço, acrescendo ainda o facto do giz custar por dia cento e cinquenta escudos.

Interroga-se o leitor: «Talento?» Se não é talento, é habilidade honesta, uma oferta generosa a quem passa, a quem fica por momentos admirando a aventura do giz ao longo da superfície branca do cartão ou do papel. E é também a afirmação de que a anarquia não reina no nosso País — a anarquia, o caos, o encontrão. Porque se assim fosse (como certa Imprensa estrangeira afirma) nenhuma pintura seria possível. Nem uma recta, nem duas linhas paralelas, nem um círculo. E a linha recta vai prosseguindo, lenta, lentamente, até ao coração das pessoas. Até à sua verdade íntima. Até à inteligência política de uma justiça para todos os homens. Irreversivelmente.

CASAS DE REPOUSO DOS ALFAIATES

Reúne-se hoje às 21 horas, na sede (Rua Passos Manuel, 82, 2.º, Esq.º), a assembleia geral ordinária de sócios das Casas de Repouso dos Alfaiates de Portugal. A ordem de trabalhos é a seguinte: discussão e votação do relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal respeitante ao exercício de 1974; proposta de aumento de quotas; e proposta de alteração dos estatutos.

Não havendo número legal de sócios, a assembleia iniciar-se-á uma hora depois, em segunda convocação, com qualquer número.

Cni/Sidemi

O MAR NEGRO É AZUL QUENTE E CALMO

VENHA CONNOSCO ATÉ À ROMÉNIA

15 dias em pensão completa desde 8.400$00

Datas de partida: 14 e 28 de Junho, 12 e 26 de Julho, 9 e 23 de Agosto. Estadia de 15 dias em hotel de primeira classe, em regime de pensão completa na ESTÂNCIA NEPTUNO. Incluídos transportes de e para o hotel e assistência de um representante da CNN.

agência de viagens da companhia nacional de navegação

Rua do Comércio, 85 - Lisboa — Telef. 35215-366315-323021

De sábado a segunda

O SECRETÁRIO DAS PESCAS SEGUIU PARA GENEBRA

Ao embarcar rumo a Genebra, onde chefia a delegação portuguesa à terceira sessão da Conferência do Direito do Mar, promovida pela O. N. U., o dr. Mário Ruivo, secretário de Estado das Pescas, declarou que a nossa posição se baseia «no respeito e na defesa dos interesses dos países em vias de desenvolvimento, dos quais nos sentimos cada vez mais próximos».

«Do ponto de vista prático — acrescentou Mário Ruivo — o aspecto que nos interessa é assegurar que todo e qualquer regime que venha a ser estabelecido para os recursos do mar não tenha um carácter discriminatório». Sublinhou ainda o facto de o problema das pescas constituir um elemento extremamente importante no que diz respeito à nossa economia e sobretudo à alimentação, pelo que «do regime que for aprovado resultarão consequências positivas ou negativas para o nosso país.»

A Conferência vai codificar a legislação que, no futuro, se aplicará à exploração e exportação dos recursos marinhos, vivos e minerais, e igualmente a todos os outros aspectos de direito marítimo que têm grande repercussão sobre a economia dos países, sendo ainda para as grandes potências navais um problema de defesa.

■ CAÇA ÀS BRUXAS

Na Casa dos Açores, foi aprovada uma moção em que se protesta veementemente contra a prisão, ocorrida no passado dia 4, de cinco antifascistas que se haviam deslocado à ilha de S. Miguel com a finalidade de ali tratarem da fundação, com o apoio das autoridades civis locais, de um semanário progressista, apartidário. Os açorianos exigem o esclarecimento público do caso e a libertação imediata dos detidos. Durante a reunião, foi descrita a situação nos Açores como um imbróglio, algo rocambolesco, em que havia vectores detectáveis como «a passagem da droga e a caça às bruxas».

■ CARMONA APEADO

Finalmente foi apeada a estátua do general Carmona, nas Caldas da Rainha. Vencidas, portanto, as resistências de alguns saudosistas locais. À «cerimónia», que decorreu sem incidentes, assistiram numerosos populares, representantes do M. F. A. e membros da comissão administrativa da Câmara Municipal. À praça vai ser dado o nome de 25 de Abril.

■ AUTOCARRO DESVIADO

Moradores do Bairro Monte Formoso, Coimbra, desviaram um autocarro. Mal servida de transportes, aquela gente dirigiu-se ao Bairro Norton de Matos, aí se instalando num autocarro que, chegado à Baixa, encontrou uma barragem de automóveis a bloquear-lhe o curso normal, através da Rua Manuel Rodrigues, sendo o respectivo motorista «convidado» a desviar o itinerário para a Rua da Figueira da Foz e a subir até ao bairro. Hoje deverão realizar-se negociações entre os Serviços Municipalizados e a comissão de moradores, com vistas a uma «plataforma de entendimento».

■ RUSGAS

As brigadas de trânsito da G N. R. e P. S. P. desencadearam duas operações denominadas «Aniversário», a nível nacional, e «Parabém», que obtiveram os seguintes resultados: na primeira, que empenhou 237 elementos, foram fiscalizadas 10 709 viaturas, apreendidas quatro e recuperadas uma; onze indivíduos detidos por conduzirem sem carta e 23 autuações. Na segunda, destinada a detectar elementos marginais na capital, foram detidos sete homens, tendo sido pedida identificação a 182 homens e 29 mulheres; e em rusgas efectuadas nas zonas de Oeiras, Amadora, Queluz e Algés, foram identificados 61 homens e 14 mulheres, tendo sido presos um homem e uma mulher, por burla, e outro homem, por assalto.

■ OS MORTOS

Num acidente na Avenida Marginal, em Algés, perdeu a vida D. Odília Mendes da Cruz, de 50 anos, moradora na Rua Sá de Miranda, 1, 4.º esq., ficando feridas mais três pessoas. E em Elvas, morreu Domingos Adagas, de 54 anos, casado, funcionário da Câmara, que, ao conduzir uma motorizada, foi chocar com um automóvel.

GREVE LATENTE EM VÁRIOS SECTORES

Enquanto os operários da indústria de lanifícios continuam a «greve de zelo» iniciada no passado dia 8, fazendo hoje uma paralisação de meia hora, anuncia-se que todo o sector químico da zona norte entrará em greve de meio-dia, na próxima quinta-feira. Por outro lado, a «entrada em greve geral em todo o sector, a partir das 8 horas da manhã de terça-feira» constitui o ponto mais importante da proposta aprovada ontem num plenário de trabalhadores do ramo dos vinhos, representados pelos Sindicatos dos Armazéns, Caixeiros, Motoristas, Técnicos de Desenho, Telefonistas, Cobradores, Tanoeiros, Garagens, Escritórios e Viajantes do Distrito do Porto.

Mais para Sul, os trabalhadores das Casas do Povo do Distrito de Castelo Branco reafirmam que «estão dispostos a fazer a anunciada paralisação de trabalho a partir do dia 2 de Maio de 1975», enquanto em Lisboa decorre um processo que interessa a muitos trabalhadores de vários pontos do país e cujo desfecho não se sabe qual será. Referimo-nos ao caso dos Empregados de Administração e Revisores de Imprensa que aguardam desde 17 de Março, a homologação do seu novo contrato colectivo de trabalho e que, recentemente, deram ao Ministério do Trabalho um prazo de dois dias, hoje iniciado, para aquela homologação.

Os operários da indústria de lanifícios reivindicam a semana de cinco dias, com a remuneração de sete dias. Perante o silêncio do patronato a esta exigência, os trabalhadores deliberaram entrar em greve de zelo, a partir de 8 do corrente, até que tal reivindicação seja satisfeita. Ainda para protestar contra a maneira como os representantes da Associação dos Industriais de Lanifícios se têm conduzido, nas negociações com os Sindicatos, realizou-se ontem na Covilhã, uma grande manifestação em que participaram representantes de toda a região serrana e ainda de outras localidades. A concentração fez-se no Jardim Público, no Largo de S. Francisco e os manifestantes percorreram as ruas principais da cidade.

Entretanto, e também ontem, milhares de trabalhadores das indústrias de vestuário e lanifícios do distrito do Porto reuniram-se no Palácio de Cristal para decidirem das medidas a tomar sobre o seu antigo contrato de trabalho que tem já três anos. Depois de larga troca de impressões, foi aprovado exigir das associações patronais que as negociações se concluam antes das eleições; e recorrer a todas as formas de luta para impor a imediata satisfação das reivindicações sindicais. Entre as reivindicações, assinalam-se o subsídio de férias e feriados a cem por cento e descanso aos sábados para os lanifícios.

Depois das manifestações verificadas no Porto e na Covilhã, as direcções dos Sindicatos de Lanifícios reuniram-se e emitiram ontem um comunicado em que se assinala a decisão de «prosseguir a greve de zelo a partir de depois de amanhã, até que os patrões que ainda não assinaram a declaração sobre o sábado o façam e tendo ainda vista o recomeço das negociações. Nas fábricas onde não há declaração assinada, continua a greve de zelo na segunda-feira, e pressionam para que o patrão assine o documento».

O comunicado refere também a exigência das 40 horas de horário semanal em cinco dias e a necessidade de insistir junto dos patrões para que as negociações sejam retomadas imediatamente, fazendo-se para o efeito, hoje, «uma meia hora de paragem das 14 e 45 às 15 e 15, com concentração junto das gerências», a fim de recomeçarem as negociações, no máximo até depois de amanhã, «já com o sábado e as 40 horas acordadas».

Quanto ao sector químico da zona norte, a ameaça de greve concretizar-se-à, caso as suas reivindicações não sejam aceites pelo patronato e a intervenção do Ministério do Trabalho não resulte num reforço das posições que o Sindicato dos Químicos considera legítimas. Trezentos e vinte delegados sindicais estiveram presentes no plenário que ontem se realizou no Porto, no Sindicato dos Ferroviários, e durante o qual a proposta (greve, a partir de quinta-feira) foi aprovada. O sector dos químicos da zona norte tem cerca de 15 mil trabalhadores.

Os trabalhadores do sector dos vinhos (Porto) reuniram-se também ontem, no Pavilhão do Futebol Clube de Gaia, tendo sido aprovada uma moção a enviar ao Presidente da República, Conselho da Revolução, Assembleia do M.F.A. e Conselho de Ministros, e na qual se pede «a nacionalização deste importante sector de economia nacional». Novo plenário dos trabalhadores está marcado para quinta-feira, em local e a hora a designar. Os trabalhadores do sector dos vinhos estavam a negociar um contrato colectivo de trabalho vertical e as negociações começaram no dia 20 de Fevereiro, mas foram interrompidas.

Por seu turno, os trabalhadores das Casas do Povo do Distrito de Castelo Branco decidiram «aceitar, até ao dia 30 de Abril, a resolução do Conselho de Ministros acerca da proposta apresentada pelo Ministério dos Assuntos Sociais aos delegados das comissões distritais, no dia 2 de Abril de 1975». Lê-se ainda num comunicado distrital à Imprensa: «No caso de o Conselho de Ministros não aprovar a proposta ou que ela seja alterada para condições ainda inferiores, empregados das Casas do Povo do Distrito de Castelo Branco estão dispostos a fazer a anunciada paralisação de trabalho a partir do dia 2 de Maio de 1975». E a seguir: «Se o Conselho de Ministros aprovar aquela proposta nas condições apresentadas, os empregados das Casas do Povo do Distrito de Castelo Branco aceitá-la-ão durante um período de seis meses, o qual termina impreterivelmente no dia 31 de Outubro de 1975. Findo aquele espaço de tempo, os empregados do distrito acima citado exigem a sua integração na Previdência e que os seus vencimentos sejam considerados com efeitos retroactivos ao dia 1 de Agosto de 1974».

REINTEGRAR OS DEFICIENTES DAS F.A. NA SOCIEDADE

PORTO, 14 — Garantir uma efectiva reintegração na sociedade de todos os deficientes das Forças Armadas, é o desejo imediato da associação daqueles deficientes que organizou, no Pavilhão dos Desportos do Palácio de Cristal, um convívio a que assistiram muitas centenas de pessoas.

O deficiente não é um inválido e tem direito ao trabalho. A A.D.F.A. tem vindo a desenvolver uma campanha junto das massas populares e das entidades governamentais, dado que neste momento existem mais de 30 mil deficientes, só no sector dos militares.

No decorrer do convívio, em que actuaram gratuitamente vários artistas, foi salientado: os deficientes têm sido olhados como pessoas inválidas. São os próprios organismos oficiais que, ao atribuír-lhes uma pensão, os votam ao mais completo ostracismo.

Estará isto certo numa sociedade libertada dos ventos do fascismo e que procura, agora, trilhar os caminhos de uma nova democracia?

ACABA AMANHÃ O PRAZO PARA PAGAMENTO DO SELO AUTOMÓVEL

Termina amanhã o prazo para pagamento do Imposto de Circulação. Os retardatários devem, pois, adquirir os selos respectivos, nas secções de Finanças, sem se esquecerem de tomar nota da quilometragem dos carros, a qual por exigência da lei fica a constar dos registos oficiais.

DIRIGENTES SOVIÉTICOS EM PORTUGAL

Chegam a Lisboa, na próxima madrugada, dois dirigentes desportivos da U.R.S.S.: o chefe do departamento de relações internacionais desportivas do Comité de Cultura Física e Desportos e o secretário-geral do Comité Olímpico. Vêm em visita de trabalho para assinar um protocolo com entidades portuguesas no âmbito do intercâmbio desportivo.

Geral

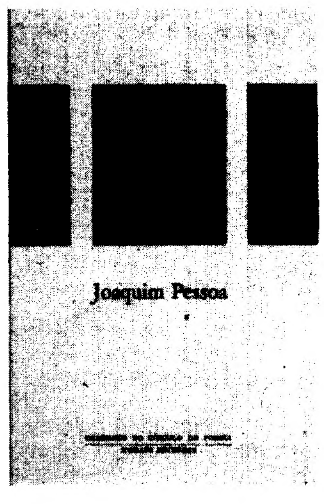
Livros

TORQUATO DA LUZ

"O PÁSSARO NO ESPELHO" de Joaquim Pessoa

É positivo com certeza o balanço da leitura de um livrinho como «O Pássaro no Espelho, com que se estreia Joaquim Pessoa. Mas o flagrante desequilíbrio entre a primeira e a segunda parte do volume («Apenas Caminhar» e «Poemas da Resistência») não pode deixar de induzir o leitor em dúvidas acerca da verdadeira face do poeta.

Os primeiros textos do livro parecem afirmar um poeta altamente preocupado com o rigor da linguagem: cada verso é pesado, cada palavra não está ali por acaso. Há um evidente trabalho de pesquisa ao nível da forma, jogando a aliteração um papel fundamental. Em certos aspectos, inovador Joaquim Pessoa denuncia no entanto, no ciclo com a epígrafe «Apenas Caminhar», uma grande atenção à leitura de Anónio Ramos Rosa, Castão Cruz, Fernando Assis Pacheco, etc..



Mas, à medida que se avança na leitura, essa sensação de rigor progressivamente se desvanece; e em «Poemas da Resistência», Joaquim Pessoa não resiste à tentação de recuperar uma linguagem peculiar a certa poesia característica de meados da década de 60, de que o único nome verdadeiramente significativo e realmente importante é Manuel Alegre.

Tal tentativa de recuperação resulta muito pobre, por vezes. E é assim que nos perguntamos qual o verdadeiro Joaquim Pessoa: o que escreveu o poema «Passo a Passo» (do cilo «Apenas Caminhar») ou o autor de «Poemas do Meu País» (do ciclo «Poemas da Resistência»)? Futuros livros hão-de, decerto encarregar-se de desfazer a dúvida. Moraes Editores, Cadernos do Círculo de Poesia.

LITERATURA PORTUGUESA DE JOÃO MENDES

A Verbo lançou o volume «Literatura Portuguesa I», de João Mendes, autor que, segundo Manuel Antunes, «morreu quase inédito e quase desconhecido», embora se lhe fiquem a dever «alguns das melhores análises críticas realizadas em Portugal, ao longo dos últimos vinte e cinco anos».

Poucos como ele, diz Manuel Antunes, souberam «descobrir paisagens diferentes em campos há muito devassados». João Mendes mostrou-se «superiormente dotado para o exercício da hermenêutica humana analisável no espaço literário».

CULTURA PORTUGUESA DE HERNÂNI CIDADE E RUY D'ABREU TORRES

Editorial Notícias publicou «Cultura Portuguesa», de Hernâni Cidade e Ruy d'Abreu Torres, volume n.º 14. Trata-se de uma obra de divulgação da história de Portugal desde os alvores da nacionalidade, concebida de molde a constituir uma enciclopédia ao alcance de todos. Os capítulos deste volume: reinado de D. Pedro V; o fontismo dos historiadores Oliveira Martins e Rebelo da Silva; a poesia em Soares de Passos e Tomás Ribeiro; e o romance em Camilo e Júlio Dinis.

OUTROS

«Jornal do Observador», de Vitorino Nemésio. Edição da Verbo. Crónicas, notas de viagem e pequenos artigos publicados pelo autor no extinto semanário lisboeta «O Observador». Tratar-se-á, como pretende Nemésio dos *petit-papiers* de um «pequeno-burguês» pouco comodamente entalado entre as classes, que aprendeu tarde e mal a cartilha dialéctica?

«As Waffen SS», de Henri Landemer. Edição da Ulisseia. Nas tabernas enfumaradas de Munique, nos anos vinte, um punhado de homens protege os oradores de um novo movimento: o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Na noite de 30 de Janeiro, de 1933, quando Hitler é eleito chanceler do Reich, são já cerca de 50 mil e ostentam, nos seus bonés negros, a caveira de prata. Serão cem mil a servir nas Waffen SS, em princípios de 1940, e um milhão, cinco anos mais tarde, quando do «Crepúsculo dos Deuses». Himmler, seu chefe, exige que sejam ao mesmo tempo temerários e implacáveis. A história deles vem neste livro.

DAR NOVO USO AO TEMPO

Continuação da pág. 2

sábado conserve um sentido e um interesse, é preciso que ele possa ser, pelo menos em parte, consagrado às compras, às visitas a exposições, a actividades desportivas. O que implica, como é evidente, que ele não pode ser praticado por todos. A pouco e pouco, chega-se a uma fórmula na qual a empresa está aberta seis dias e o assalariado pode escolher livremente o dia em que prefere ausentar-se, o sábado ou a segunda-feira. Já estão a fazer-se, em França e na Alemanha, experiências neste sentido.

Não seria possível ir mais adiante e imaginar uma espécie de «banco do tempo», mantido pela empresa, e que permitisse aos seus colaboradores transferir de uma semana para outra, ou de um mês para outro, as «horas de repouso» que teriam acumulado, sem as aproveitar durante os tempos fixos do dia, da semana ou do mês, e que utilizariam durante dois ou três dias consecutivos de ausência? A lógica permite-o, mesmo que a prática não nos dê nenhum exemplo. Mas notam-se, aqui ou além, reacções que mostram que não se trata de uma hipótese absurda.

A CORRIDA DO VERÃO

Paradoxalmente, o aumento das férias parece suscitar muito mais interesse do que o dos fins-de-semana. Por causa da palavra, prenhe de sonhos? Ou porque os progressos dos transportes e do turismo fizeram das férias uma autêntica indústria, defendendo as suas posições, suscitando novas necessidades através da publicidade? Os dias feriados dos trabalhadores britânicos aumentaram muito de há quatro anos a esta parte, mas os franceses continuam a ser, de todos os europeus, os que têm mais longas férias durante o Verão. São também eles que concentram mais estreitamente as suas partidas, em certos dias do ano: no fim de Julho, no princípio de Agosto. Como romper esses hábitos que levam as grandes cidades da França a esvaziarem-se durante um mês? Há dez anos que se fazem campanhas, sem grande resultado.

Todos os peritos reconhecem hoje que para aumentar as férias é necessário aumentar o trabalho. Não só o trabalho escolar (menos de um francês em dois tem as datas das suas férias ligadas à das férias dos filhos), mas também o trabalho assalariado. Enquanto não se obtiver de alguns grandes sectores industriais um encerramento das fábricas, se não, rotativamente, durante todo o ano, pelo menos, durante uma grande parte do Verão, não poderá obrigar-se os franceses a modificar as suas datas de partida, como o fazem, por exemplo, os alemães. As férias «à carta» com que é possível sonhar implicam, na realidade, um trabalho «à carta» que só agora começa a ser imaginado.

Dia após dia, semana após semana, ano após ano, podemos tentar suavizar as sujeições que pesam na vida activa dos indivíduos, e que os obrigam a suportar o seu trabalho e os seus ócios. Mas essa vida activa não passa de um longo parêntesis entre a escola e a reforma. Põe-se uma questão mais geral: será possível distribuir melhor ao longo da vida o tempo dos estudos, o do trabalho e o da reforma? O objectivo ideal, recentemente lembrado pela O.C.D.E., seria permitir a todos «escolher em todas as alturas a solução que melhor conviesse às suas possibilidades fisiológicas, às suas aptidões intelectuais, às suas responsabilidades familiares, aos seus desejos pessoais».

A reforma do calendário escolar é um quebra-cabeças para os responsáveis europeus da educação nacional. Todos acham que ela implica uma reforma dos programas... e do ensino. A França fez recentemente uma proposta: por que não decidir que o ano escolar começasse a 1 de Janeiro? Ficaria assim alinhado com o ano administrativo. Suprimir-se-ia o assustador «esquecimento», que ocorre durante férias demasiado grandes, férias essas no fim das quais a criança muda de classe. Dismistificar-se-iam também os exames, modificando-lhes muito simplesmente a data.

Outra pergunta: Até que idade será obrigatória a escolaridade? Pelo menos até aos dezasseis anos, acham todos os europeus. Porque não até aos dezoito? E porque não haver depois dos dezasseis anos um «crédito de estudo» de que os jovens poderiam beneficiar mais tarde? Não será necessário a partir de determinada idade, combinar os estudos com uma certa actividade profissional? De um ponto de vista mais geral, que lugar deve dar-se à «formação permanente»?

O debate mais recente, e sem dúvida o mais actual, é o que se instaura a propósito da reforma. Os efeitos da crise caminham no mesmo sentido das reivindicações mais correntemente afirmadas na maior parte dos países europeus. É preciso descer dos sessenta e cinco para os sessenta anos a idade em que se abandona normalmente a vida activa. Mas há algumas dificuldades económicas evidentes e também uma discussão mais larga sobre a maneira como deve ser organizada a passagem da vida activa à reforma, e a conciliação entre duas tendências contraditórias.

Jacques de Chalender faz três perguntas. Porque deve ser igual para todos a idade da reforma? Porque não prever um período de transição para os reformados, com um trabalho em tempo parcial? Porque não autorizar as acumulações, desde que se preveja uma dupla liquidação dos direitos à reforma?

Pelo menos num ponto ele ilustra uma «linha de investigação» muito geral, como o mostrou o inquérito em que 66 por cento dos alemães interrogados se declararam favoráveis a uma **flexibilidade personalizada da idade da reforma**.

ABATER AS PAREDES

Quer olhem o homem no seu trabalho, nos seus ócios ou na sua vida, todos os que se dedicam a «organizar o tempo», como outros tentaram arranjar o território, trabalham com os mesmos objectivos: suprimir ou, pelo menos, adelgaçar todas as paredes dentro das quais o mundo moderno nos encerra: paredes entre as idades, entre o trabalho e o ócio, finalmente entre os homens. A dificuldade provem do facto de todos terem finalmente interesse em preservar essas rupturas verbalmente denunciadas. Em todos os países europeus, os sindicatos patronais receiam que se desorganize a produção por se ter querido modificar profundamente as condições de trabalho. E os sindicatos de assalariados receiam que a mudança dos horários, dos feriados, da idade da reforma, não passem de um alibi para retardar a satisfação das reivindicações mais imediatas e urgentes. Cada assalariado, mesmo que aspire a uma maior independência na escolha das suas tarefas ou dos seus sócios, não quer por isso perder a segurança que as regras em que vive, lhe concedem. E, mais ainda, não agrada aos indivíduos abandonar o conforto dos seus hábitos e das suas tradições. Esta cadeia de reacções explica sem dúvida melhor do que as razões particulares avançadas aqui ou além, a lentidão das reformas empreendidas, para organizar o tempo de viver e melhorar por fim a qualidade da vida.

© (LE MONDE)

320271/2/3
321154/5
resolve qualquer problema

Para execução de:

CARTAZES
"POSTERS"
PUBLICAÇÕES
JORNAIS
REVISTAS

A preto e branco ou com cores

SOMOS:

RENASCENÇA GRÁFICA

Rua Luz Soriano, 44 Tel. 320271/2/3 e 321154/5

Sindicato dos Engenheiros Técnicos

SECÇÃO SUL

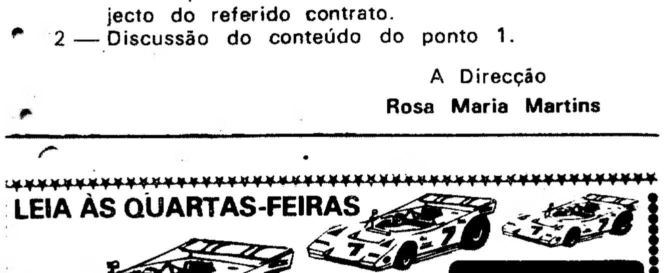
Contrato Colectivo de Trabalho vertical da Construção Civil e Obras Públicas

Convocam-se todos os colegas que trabalham no ramo de actividade de Construção Civil e Obras Públicas para uma reunião geral a efectuar no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ex-I. I. L.) no dia 14, pelas 21.00 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Informação dos resultados da análise do anteprojecto do referido contrato.
2 — Discussão do conteúdo do ponto 1.

A Direcção
Rosa Maria Martins

LEIA ÀS QUARTAS-FEIRAS



O JORNAL motor

4.ª CLASSE
EXAMES RÁPIDOS
Av. Almirante Reis, 188, 1.º
(Junto ao Metro-Alameda)
Telefone 725308

NÃO PINTE
OS CABELOS
USE RESTAURADOR
OLEX
E OS SEUS CABELOS VOLTARÃO À SUA COR PRIMITIVA
Couto, L.da
PORTO
L. S. Domingos, 106

Teatro Maria Matos
A RTP APRESENTA
Todas as noites as 21.45
e aos domingos também ás 16 horas
A peça de
Manuel da Fonseca
«SEARA DE VENTO»
Descanso da Companhia às Segundas-Feiras
Não aconselhável a menores de 13 anos
Bilheteira — Tel. 89 70 17
Bilhetes à venda também na A. B. E. P. — 32 88 23

Nacional

JUNTO DE UMA ESCOLA

POPULAÇÃO DE TELHEIRAS PEDE UM SEMÁFORO

Na Avenida Norton de Matos (ex-Avenida Marechal Carmona) que vem do Campo Grande e se estende até ao Estádio da Luz, existe, em determinado ponto, uma escola primária que serve a população infantil de três bairros: Telheiras, Quinta da Calçada e das Fonsecas.

Ora acontece que o trânsito ali é grande. Impunha-se, por conseguinte, um semáforo. Até porque...

«Até porque há quinze mortos anualmente naquele ponto. Em Março do ano corrente dois homens já foram ali mortalmente atropelados, e duas crianças ficaram bastante feridas quando abandonavam as aulas» — diz-nos um funcionário da farmácia Matos Viegas, sita na Avenida Rainha D. Amélia, 34-B, próxima do estabelecimento escolar acima mencionado.

O semáforo foi requisitado pela população de Telheiras em Janeiro passado. «Que a instalação seria breve». A verdade, no entanto, é que o semáforo ainda ali não existe — e a todo o momento (temem os pais) uma criança (aluna da escola) pode ficar debaixo de um carro...

"VAI HAVER UM BANHO DE SANGUE"

Continuação da pág. 3

Dizem os trabalhadores, que em Espanha, um dos passatempos do patrão continuou a ser a caça.

A Vigo, o motorista foi levar a patroa. Ficou hospedado no mesmo hotel que os patrões e o seu trabalho limitou-se a transportá-los a lojas onde fizeram compras, e à praia. Lá estiveram quatro dias.

— Ele parecia bem disposto. Apenas achei estranho que quando eu e a patroa chegámoa a Vigo, e nos aproximámos do hotel, já de noite, o patrão surgiu de entre os pinheiros que rodeavam o edifício. Achei estranho que não tivesse medo de andar assim sozinho à noite. Ou seria aquilo indício de que as preocupações o não deixavam ter consciência do perigo de andar assim desprevenido?

. Na cidade galega, o capitalista recebeu também a visita do prof. Agostinho da Silva, seu ex-professor, e pessoa que muito estimava, diz o motorista.

— Nada perguntei ao patrão sobre se voltaria a Portugal. Mas um colega meu que o contactou mais vezes fez-lhe a pergunta e ele respondeu apenas: «da minha vida eu é que sei».

A esse propósito, o motorista recorda também uma resposta de um dos filhos de Vinhas:

«Falas bem. Como queres que o pai venha? Escreveu uma carta ao presidente Costa Gomes e nem sequer teve resposta...»

NÃO SE PODE CÁ VIVER

Ainda que com a esperança de que a «velha senhora» voltasse a reinar, Vinhas já há tempo mostrava dúvidas sobre a sua permanência em Portugal.

— Depois de 25 de Abril, o patrão disse-me algumas vezes: «Qualquer dia saio daqui. Deram isto aos comunistas, não se pode cá viver. Vou para o Brasil e depois para Angola.»

Tem constado aos trabalhadores da «Cuca» que, de facto, o patrão tem repartido o tempo entre Espanha e o Brasil, não tendo no entanto provas concretas disso. Já sobre os seus interesses em Angola, por certo uma Angola neocolonizada — o motorista testemunhou alguns factos que os atestam.

— Quando o Silvino Silvério Marques foi nomeado para governador de Angola, depois de 25 de Abril, o patrão mandou-me levar-lhe a casa uma encomenda de garrafas de vinho e ouvi-o comentar: «Agora tenho que lhe arranjar um ou dois secretários...»

(Recorde-se que S. S. Marques foi governador de Angola durante o regime fascista, e foi um dos membros da Junta de Salvação Nacional posteriormente afastados).

Também o motorista ouviu algumas vezes o patrão instigar o ex-director da revista angolana «Notícia», João Fernandes, a tomar posição através dos seus editoriais, contra o processo de descolonização.

Um outro episódio poderá estar relacionado com os interesses de Vinhas na ex-colónia portuguesa: uma reunião de três ou quatro horas que o capitalista teve numa casa da Lapa, em que participaram um indivíduo de apelido Espírito Santo e três ou quatro angolanos negros. Diz o motorista (que transportou o patrão a essa casa) que isso se terá passado pouco depois do almirante Rosa Coutinho ter sido nomeado para a Junta Governativa de Angola.

UMA CARTA PARA SPÍNOLA

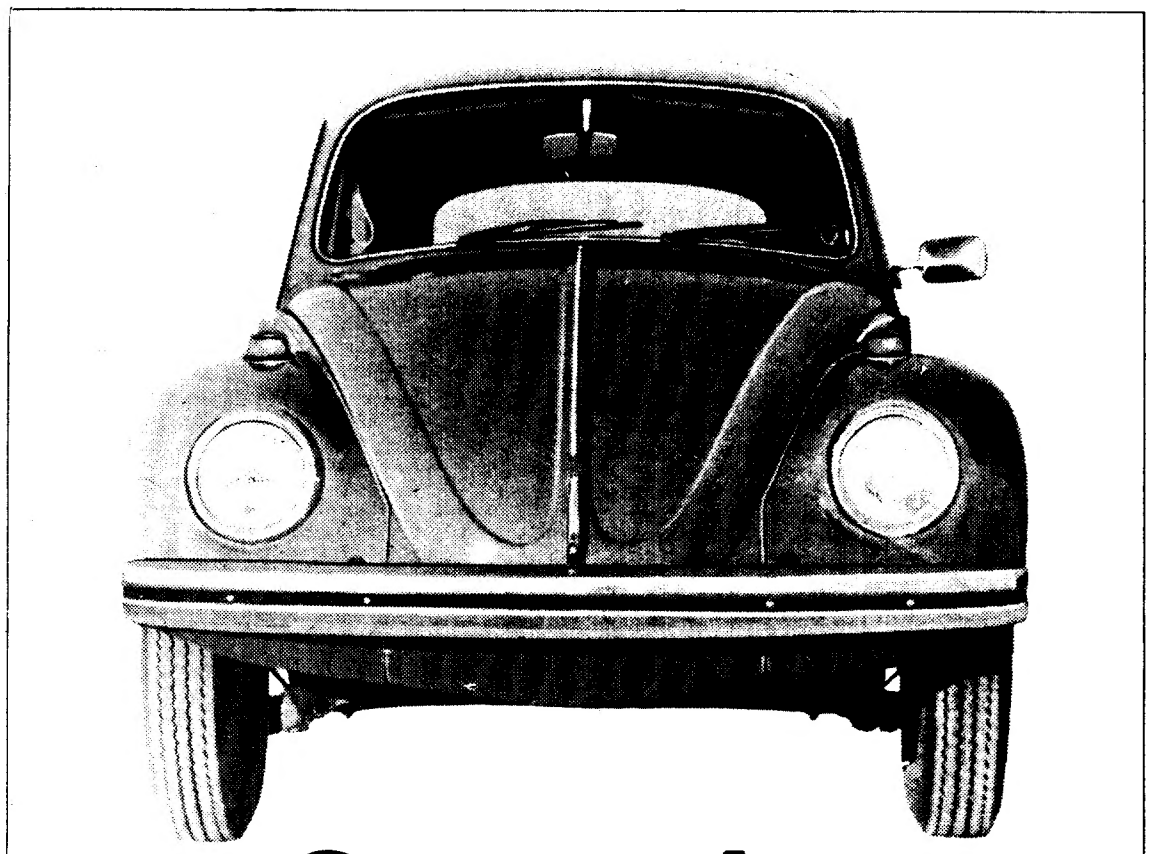
É de supor que, apesar de tudo, como muitos nostálgicos e ansiosos da antiga ordem fascista, Manuel Vinhas não queira perder oportunidades (ainda que desesperadas) de regressar a Portugal. Um facto pode, pelo menos, levar a essa conclusão.

— No princípio de Fevereiro passado — estava o patrão em Espanha — fui encarregado de levar uma carta dele ao sr. general, à quinta de Massamá. A casa estava rodeada até de uns dezasseis elementos da C. N. R. e eu lá deixei a missiva.

O sr. general era evidentemente o ex-general Spínola. Ainda que as conclusões se circunscrevam ao plano conjectural, a verdade é que dificilmente se pode dissociar a proximidade da data da entrega da carta com o 11 de Março, tendo especialmente em conta o papel que Spínola terá desempenhado, neste último golpe contra-revolucionário, cujo objectivo beneficiaria os que compartilham os interesses de capitalistas, que são inequivocamente, os de Vinhas.

— O patrão era já de há muito tempo amigo do ex-general Spínola. Fui várias vezes levar-lhe caça (faisões, por exemplo) à casa da Rua Rafael Andrade.

Já lá vai o tempo dos faisões. Manuel Vinhas escapou ao ajuste de contas, continua do a gozar de bons carros, hoteis, praia e caçadas. A «Cuca» ficou abandonada à sua sorte e, com ela, os seus trabalhadores, cujo futuro é, por enquanto, incerto.



O carocha vale sempre

Económico. Robusto. Resistente. Seguro. Cómodo. Motor de baixa rotação a gasolina normal. Suspensão independente às quatro rodas. Travões de disco à frente. Todo alcatifado. Assentos novos. É um carro com a tradicional qualidade e assistência VW. Longa vida e alta valorização final.

Um VW é um bom investimento.

Volkswagen de Portugal Automóveis, Lda. e Agentes em todo o País

Versões 1500/1 e 1500/11

MARCA adapt.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS DE LISBOA, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS
SECTOR LANIFÍCIOS

Dia 14 de Abril — Segunda-Feira — pelas 21 horas

COM A SEGUINTE ORDEM DE TRABALHOS:

— Contrato Colectivo de Trabalho
— Informações

Esta reunião terá lugar na n/ Delegação de Moscavide — Rua Dr. João Gomes Patacão, 26-1.º — MOSCAVIDE.

NÃO FALTES!

A DIRECÇÃO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Armazém Geral dos Serviços Sociais

CONCURSO PÚBLICO

Torna-se público que no dia 18 do corrente mês, pelas 15 horas, no Refeitório dos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra (Rua Oliveira Matos) se procederá a uma sessão de licitações num concurso para fornecimento de **Géneros Alimentícios.** Os interessados não devem enviar quaisquer propostas escritas, anteriormente àquela data, formulando oralmente as suas propostas na referida sessão.

O prazo de vigência da adjudicação será até 30 de Julho do corrente ano.

Pela Administração
António L. Vaz

Para execução de
IMPRESSOS COMERCIAIS
RÓTULOS - FOLHETOS - DESDOBRÁVEIS
JORNAIS - LIVROS - REVISTAS
Pelos processos Tipográfico e OFFSET
Consulte a
tipografia MIL-HOMENS
TELEF. 62370 . APARTADO 2 . BOMBARRAL

O ENSINO INTEGRADO EM PORTUGAL

COLOCAR A CRIANÇA CEGA NO SISTEMA GERAL DE EDUCAÇÃO

— preconiza a dr.ª Maria Manuela Pinto

. Em despretensioso artigo recentemente publicado no «Diário de Lisboa», tentámos explicar o que é o ensino integrado. Hoje, iniciamos a publicação de depoimentos de pessoas que, pela sua actividade em tal campo, quer como docentes, quer como alunos, conhecem as realidades do presente e as perspectivas de futuro deste ramo do ensino especial.

Assim, ouvimos em primeiro lugar a dr.ª Maria Manuela Pinto, professora de apoio de deficientes visuais, há sete anos, no Liceu D. Manuel II (hoje Rodrigues de Freitas), no Porto. À nossa pergunta «Como se interessou pelo ensino integrado?», respondeu:

. — «Era professora de Matemática no Instituto de Cegos de S. Manuel, da Misericórdia do Porto. É natural que me tivesse interessado pelos problemas dos deficientes visuais. Pouco a pouco, fui-me apercebendo de que os nossos jovens estavam segregados de todos os outros jovens da sua idade. E porquê? Qual a razão por que havíamos de ter uma classe de alunos cegos, já então a nível liceal, se eles eram rapazes como os outros, susceptíveis de serem ensinados pelos métodos normais, embora usassem as suas técnicas especiais?

«A criança cega deve ser preparada para ocupar na sociedade o lugar que lhe compete, com todas as prerrogativas e responsabilidades, e isso só se conseguirá colocando-a dentro do sistema geral de educação das crianças da sua idade, proporcionando-lhe o máximo de experiência académica e profissional.

«Tinha começado já em Lisboa, no Liceu Passos Manuel, uma experiência de ensino integrado, isto é, alunos cegos ou amblíopes, frequentavam as turmas normais, tendo o apoio de uma professora especializada. Quando a técnica dr.ª Ana Maria Bénerd da Costa, no então Ministério da Assistência, a cargo de quem estava a educação especial, me convidou para colaborar numa experiência idêntica no Porto, no Liceu D. Manuel II, foi com entusiasmo que comecei a trabalhar neste sector.»

EXPERIÊNCIA PESSOAL

Como encara, à luz da sua experiência pessoal, o ensino integrado entre nós? — perguntámos.

— «Para quem se debruce sobre o problema do ensino integrado, não há dúvidas que esta solução de ensino é na maior parte dos casos a mais válida. Afirma Borgeault que muitas das experiências tanto do Leste como do Oeste mostram que as necessidades gerais de todas as crianças **com ou sem** vista, podem ser solucionadas na sala de aula comum. As necessidades especiais podem solucionar-se acrescentando-se aos serviços um professor especializado.

«Quem trabalha neste sector pode afirmar que assim é, e entre nós alguma coisa de positivo se tem feito, contando-se já por algumas centenas os jovens que estão assim a ser educados.

«Claro que temos ainda muitas metas a atingir, pois ainda o problema da integração se discute dentro dos estabelecimentos de ensino comum. Nem todos os professores estão de acordo, pois não há dúvida que o ensino, com toda a aplicação de métodos audiovisuais, se tem dificultado para o aluno cego.

«Mas, criando-se condições para que seja um facto a colaboração ante o professor normal e o professor especializado, muitas dificuldades se atenuam — temos disso experiência — e um aluno médio acompanha as aulas sem grandes dificuldades.»

Quais os principais problemas que, em seu entender, há que enfrentar?

. — «Há vários problemas a resolver e estamos talvez na altura de fazer o ponto de tudo o que se fez, e como se fez, para a partir daí podermos andar para a frente. Não pretendendo esgotar o assunto, posso referir alguns problemas de ordem técnica que sentimos prementes no momento.

«O primeiro é a necessidade de se criar um laboratório de material, em que técnicos competentes se debrucem sobre o que se deve fazer para o ensino das diferentes disciplinas. O aluno cego tem que ter o material adequado correspondente àquele que é apresentado ao seu colega com vista. Muito é feito nas salas Braille, «tipo artesanato», e já possuímos também material estrangeiro muito bom. Mas precisamos de ir mais além.

«Outro grande problema para o ensino integrado é o dos livros. Existe em Portugal uma Imprensa Braille — Centro Albuquerque e Castro, no Porto — que tem procurado satisfazer as necessidades do ensino dos cegos. Mas é totalmente impossível, como se compreende, à medida que o número de alunos aumenta e se espalham pelos diveros liceus e escolas preparatórias, trascrever para Braille toda a diversidade de livros que são adoptados, inclusivamente para o mesmo ano. Sobretudo no que respeita a livros de textos de português, francês e inglês, bom seria que se chegasse a um acordo e os liceus onde houvesse alunos cegos adoptassem o mesmo livro.

«Outro problema, que não é propriamente do ensino integrado, mas que nós e os nossos alunos sentimos e vivemos, é o do encaminhamento destes jovens. Estamos a integrá-los na sociedade, mas as portas ainda não lhes estão totalmente abertas e, ao fim de um curso liceal, o que vão fazer? Uns seguirão um curso superior e, no fim de tanto esforço, ver-se-ão recompensados? E aqueles que fazem apenas o curso liceal conseguirão emprego compatível com as suas habilitações? São perguntas que constituem grandes problemas e para as quais gostaríamos que se encontrassem respostas o mais brevemente possível, tornando-se urgente a concretização do programa do IV Plano de Fomento «Estudo das profissões abertas aos cegos».

EXPERIÊNCIAS INTERESSANTES

Pedimos à dr.ª Maria Manuela Mendes Pinto que nos transmitisse algumas experiências interessantes. Respondeu:

. — «As experiências mais interessantes que posso referir são aquelas que podem ser testemunhadas por todos os que convivem com os nossos alunos. É a vida normal que eles fazem de rapazes alegres e do seu tempo, e a evolução que se verifica em muitos deles depois de algum tempo de convívio no ambiente comum.

Como vê o futuro do ensino integrado em Portugal e nos outros países onde este ensino é já também uma realidade?

. — «Penso que não preciso ser muito optimista para prever que o ensino integrado se irá desenvolvendo cada vez mais entre nós. É que ele constituir uma questão social, já que envolve a educação de toda uma sociedade evoluída, que deve ter a preocupação de colocar o deficiente entre aqueles que a compõem e não rejeitá-lo ou segregá-lo como elemento inútil.

«Para isso há que ajudar o deficiente através de métodos psicopedagógicos adequados, tornando-o um ser válido e capaz de assumir a sua quota-parte nas responsabilidades e na realização dos fins sociais. E como o ensino integrado vai possibilitar e ajudar a alcançar estes objectivos, pois então não há dúvida que ele será o sistema normal de educação da maior parte das crianças deficientes.»

ISABEL MAIA

Nacional

A CONFERÊNCIA EPISCOPAL E AS ELEIÇÕES

. «O que está vedado aos católicos é dar o voto a partidos, que, pelos seus princípios ideológicos, pelos seus objectivos e processos que preconizam, ou pela realização histórica para que tendem, se lhes afigurem incompatíveis com a concepção cristã do homem e da sua vida em sociedade» — afirma o comunicado que difunde as conclusões da Conferência Episcopal Portuguesa, realizada em Fátima, de 8 a 12 do presente mês, que, de acordo com disposições estatutárias apreciou os relatórios anuais dos Secretariados e Serviços do plano nacional dela dependentes.

Na problemática das eleições, foi sublinhado o dever do voto, condenada a abstenção, desaconselhado o voto em branco.

A comunicação social, foi também tema dos bispos portugueses. Relembraram o «caso Rádio Renascença, sobre o qual continuam a assumir a posição primeira e mostraram-se apreensivos pelas limitações crescentes da Imprensa «e a tendência monopolista progressivamente revelada neste sector».

Liberdade religiosa, apoio às missões católicas, com particular relevância para o caso dos angolanos que continuam a regressar à sua pátria e a renovação da acção católica, que sustentam, apresenta, neste momento «determinadas carências e desvios», são outras das reflexões dos bispos portugueses, no extenso comunicado enviado aos órgãos de comunicação social.

OS BISPOS E AS ELEIÇÕES

Sob a óptica do «dever pastoral» os bispos pronunciam-se sobre as próximas eleições e, embora considerando terem «perdido parte do alcance que inicialmente se lhes atribuiu», elas funcionarão «como possibilidade de o povo manifestar o que realmente pensa do tipo de sociedade nova a construir em Portugal».

Quanto ao voto como dever, dizem sim: «Isto supõe a obrigação de cada qual previamente se esclarecer sobre os partidos em confrontação», acrescenta o texto.

Quais, portanto, os partidos que os católicos deverão escolher? É opinião dos bispos que «são diversas as opções partidárias por que podem legitimamente decidirem-se. Ao fazê-lo não devem conduzir-se apenas por interesses e simpatias pessoais, de grupo ou de classe. Devem ter sobretudo em vista o bem comum da sociedade pátria, em que devem ter lugar todos os portugueses sem excepção». Após tecerem considerações sobre o que consideram «o bem comum», os bispos salientam: «Nas suas opções o cristão deve acautelar essencialmente os valores que mais directamente se prendem com o seu destino temporal e eterno, como são a religião, a família, a educação, a dignidade do trabalho, a justa participação nos bens materiais e espirituais ao serviço da pessoa humana, e a liberdade frente a qualquer espécie de opressão, económica, e ideológica ou política».

Esta chamada ao personalismo, à dignidade e aos bens materiais e espirituais, conduz a reflexão dos prelados portugueses até ao «bom senso da generalidade do povo português» que lhe fará «escolher entre todos os partidos que prometem uma sociedade mais justa, livre e feliz, os que dão maiores garantias de seriedade, competência, e sintonia com a maneira de ser dos portugueses, recusando pelo contrário, aqueles que apontam para as vias do ódio e da violência ou da aventura utópica».

Finalmente, os bispos voltam a recordar aos sacerdotes «as normas que lhes estão traçadas sobre abstenção de actividades partidárias e de exercícios de cargos políticos e administrativos».

A LIBERDADE DE INFORMAÇÃO

A propósito do caso da Rádio Renascença, problema «suscitado por uma situação de força de que a Igreja é vítima» defendem os bispos que este caso «se insere num problema mais amplo e muito mais grave que o do seu significado imediato, o qual é o da crescente limitação da liberdade de informação entre nós, limitação que a Igreja não deplora apenas relativamente aos meios de comunicação social que lhes pertencem mas pelo atentado que representa às liberdades essenciais de uma comunidade nacional que todos ambicionam democrática e pluralista».

Sobre a Rádio Renascença cujo «problema se tem agravado estranhamente», é opinião dos bispos continuarem a «não poder, em consciência, assumir a responsabilidade da programação de Rádio Renascença, incluindo os programas considerados de carácter religioso».

Tal facto, segundo se depreende do comunicado, deve-se à «criação pelo Governo de uma comissão mista, encarregada de «garantir o normal funcionamento da Rádio Renascença». Em relação a esta comissão os bispos apresentaram o seu protesto às instâncias competentes, tendo sido recebidos pelo ministro da Comunicação Social a quem declararam não existirem condições, sob a actuação concreta da comissão mista, para a «livre orientação doutrinal da Rádio Renascença pela Igreja e à consequente garantia de ela poder escolher os seus colaboradores».

RENOVAÇÃO DA ACÇÃO CATÓLICA

A Acção Católica apresenta determinadas carências e desvios e precisa de ser urgentemente reestruturada e vitalizada», sustenta o Episcopado. Para o efeito, vai ser criado um grupo de trabalho, formado por sacerdotes e leigos que apresentará a curto prazo, um projecto para uma Acção Católica mais coesa e eficiente, garantindo uma colaboração mais perfeita com a hierarquia da Igreja». O trabalho da «futura» Acção Católica terá «uma dimensão essencialmente diocesana».

O apoio às missões católicas, foi outro dos temas de reflexão, adiantando os bispos a necessidade de um auxílio urgente «em géneros e medicamentos para os milhares de angolanos que diariamente estão a regressar às suas terras, provenientes dos países limítrofes de Angola, onde se refugiaram no tempo da guerra».

CONSELHO DE MINISTROS PARA OS ASSUNTOS ECONÓMICOS

Sob a presidência do brigadeiro Vasco Gonçalves, reuniu-se ao princípio da tarde, em S. Bento o Conselho de Ministros restrito para os assuntos económicos. Como se sabe, o Governo funciona agora em reuniões sectoriais, processo tido por mais operacional.

A periocidade das reuniões plenários foi alargada. A reunião desta tarde pode inserir-se num esquema de trabalho extremamente importante para o futuro imediato do País, em consequência das históricas decisões de há dias tomadas pelo Conselho da Revolução, que enveredou claramente por uma via socialista portuguesa, após o 11 de Março.

Da parte da manhã, o Primeiro-Ministro recebeu, sucessivamente, os embaixadores da Grécia, México, Jugoslávia, Marrocos e Hungria que lhe foram apresentar cumprimentos protocolares.

APELO DO M.F.A.

É PRECISO CIVISMO

. A propósito dos incidentes registados na primeira metade da campanha eleitoral foi divulgado o seguinte comunicado do M.F.A., transmitido atrevés da 5.ª Divisão do Estado-Maior-General das Forças Armadas:

. «Estamos a meio da campanha eleitoral, um ano após a queda da ditadura fascista.

«Pela primeira vez, desde há meio século, o povo português participa numa campanha eleitoral no pleno uso das liberdades democráticas e exerce o direito de votar os seus representantes na Assembleia Constituinte.

«O M.F.A. entende ser necessário fazer o ponto da situação, assumindo o papel responsável que lhe compete nesta emergência política, sem que tal corresponda à adopção de uma atitude paternalista em relação ao povo português, ao povo português que lutou duramente para manter vivo o ideal da democracia durante os quarenta e oito longos anos de opressão.

«No entanto, como garante do processo de democratização o M.F.A. tem de prioritariamente manter em vigor a ordem democrática e revolucionária.

«Embora nesta primeira metade da campanha eleitoral não tenham ocorrido incidentes de maior gravidade, há que reconhecer que grande parte da população portuguesa está a ser traumatizada em resultado das palavras intempestivas e de alguns casos de violência física que se vêm registando.

«O M.F.A. considera neste momento oportuno apresentar ao povo português e aos partidos políticos os seus propósitos de evitar que o incitamento e a prática da violência se convertam em processo de intervenção política por parte de certos partidos.

O Conselho da Revolução tem vindo a tomar decisões que demonstram a firme intenção de proporcionar um clima de segurança indispensável a uma tranquila participação do povo português no acto colectivo de exercício democrático com o significado das eleições que se aproximam.

«O Conselho da Revolução apela para a consciência cívica dos dirigentes políticos e de todos os cidadãos portugueses no sentido de orientarem a restante campanha eleitoral de maneira construtiva, aglutinando as forças democráticas para o desenvolvimento da revolução política, económica e social, iniciada em 25 de Abril e que conduzirá a uma Pátria mais justa, mais próspera e mais livre.»

SESSÕES E COMÍCIOS PARA HOJE

F.E.C. (M-L)

No Salão Polivalente, na Brandoa, às 21 e 30; em Famalicão da Nazaré, às 21 horas; em Picassinos, no distrito de Leiria, às 21 horas, e em Mariani (Monte Gordo), às 21 horas

M.D.P./C.D.E.

No Carregado (Alenquer), com Ezequiel Vicente; no Tramagal (Abrantes), com José Tengarrinha Manuel Valente, Maria da Purificação, Gregório Laranjo, Rui Godinho e Graciete Baptista, às 21 e 30: em Castro Verde (Beja), com todos os candidatos pelo distrito, às 21 horas: em Vieira do Minho, com todos os candidatos pelo distrito de Braga, às 21 horas; em Carrazeda (Bragança), às 21 horas; em Lagos, com Luís Catarino, Francisco Guerreiro, António Boronha e António Galhordas, às 21 e 30: e em Caldas da Rainha, com Vítor Dias e Gilberto Ramos.

No Laboratório de Engenharia Nuclear, com Ana Maria Alves e Pedro Ramos de Almeida, às 17 horas; na Cooperativa da Damaia, com o grupo de Economia, às 18 horas: na Lusalite, Cruz Quebrada, com Joaquim José Dias, às 18 horas; na Sociedade Recreativa de Lousa (Loures), com Marques Pinto, às 21 horas; em Bemposta (Loures), com Graça Mexia às 21 horas no Clube Recreativo Sacavenense, com Levy Baptista, às 21 horas; no salão das Furnas, a S. Domingos de Benfica, com Modesto Nevarro, às 21 e 30: e ainda em Figueiredo (Torres Vedras), Carvalital (Mafra), com José Sousa e o grupo de agricultura ra; Jerumelo (Mafra), com José Gouveia; S. João das Lampas (Sintra), com Helena Cidade Moura, Carvalheiro e o grupo de Economia; na Sociedade Guilherme Coussul, com Jorge Carvalho, e em Trajouce (Carcavelos), com Henrique Graça, todas às 21 e 30.

Haverá ainda sessões em várias localidades dos distritos de Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real.

M.E.S.

No distrito do Porto: Junta de Freguesia de Bonfim, na Tuna Musical de Santa Marinha (Gaia) em Canelas (Gaia), na Associação «Os Bairristas e o Formigueiro», em Aguas Santas (Maia), e nos Bombeiros Voluntários de Valbom, todas com início às 21 e 30.

P.C.P.

Na Amadora, na garagem de J. Pimenta, às 21 horas; em S. Brás de Alportel, às 21 horas; em Vila Praia de Âncora, às 21 e 30; em Montalegre (Vila Real), às 21 horas; na Empresa Cesol, em Coimbra, com a presença dos candidatos Alberto Vilaça e Carlos Campolargo; e na Auto-Industrial de Coimbra, com a presença de Carlos Luís Figueira e Marques, ambos às 18 horas. Em Canados (Alenquer), às 21 e 30; Mata de Palhacana (Alenquer), às 21 e 30; Casais de Lagoa (Azambuja), às 21 horas; Colectividade de Tires (Cascais), ás 21 e 30; Sociedade Alvide (Cascais), às 21 e 30; Fábrica de Calçado Novotex, Trajouce (Cascais), às 10 horas: para os trabalhadores da Utic (Avenida Infante D. Henrique), às 18 horas; Carris (Santo Amaro), às 17 e 30; Refeitório da Soponata (Beato), às 18 horas; Fábrica Militar de Braço de Prata, com Pedro Soares, às 18 horas; Sacor (Avenida Infante D. Henrique), às 18 horas; Academia Recreativa da Ajuda, às 21 e 30; Associação Recreativa Musical de Sacavem; às 21 horas; Escola do Bairro de Santo António, Camarate, às 21 horas; para o pessoal de Móveis Olaio, em S. João da Talha, às 18 horas; Covina (Santa Iria de Azoia), às 17 e 15; União Desportiva de Santa Maria (serra da Luz), Odivelas, às 21 horas; Ormiz (Loures), às 18 horas; Copan (S. João da Talha), às 18 horas; Junta de Freguesia de Ponte de Frielas (Loures), às 21 horas; Charneca (Mafra), às 21 horas; Igreja Nova (Mafra), às 21 horas; na Damaia (Amadora) às 18 e 30; na Truz (Amadora), às 18 e 30; Cine-Teatro de Paço de Arcos, às 21 e 30; Sociedade Cruzquebradense, às 21 e 30; Sociedade Filarmónica de Pero Pinheiro, às 21 e 30; Santa Susana (Sintra), às 21 e 30; Bombeiros de Queluz, às 21 e 30; Lourel (Sintra), às 21 e 30; Pero Negro, às 21 e 30; Condruzeira (Torres Vedras), às 21 horas, Lapas Grandes (Torres Vedras), às 21 horas; Bairro da Mata, Vila Franca de Xira, às 21 e 30; para os trabalhadores da Iberol/Copaz, em Alhandra, às 17 horas; na Evineze (Vila Franca de Xira), às 17 horas; Sociedade Central de Cervejas (Alverca), às 18 horas; na Sonzre (Vila Franca de Xira), às 18 horas; Sociedade Recreativa de S. Francisco, Alcochete, às 21 horas; Grupo Desportivo das Torcadas, Almada, às 21 e 30; Clube Recreativo Raposende, Monte de Caparica, às 21 e 30; Santo Antoniense Futebol Clube, Barreiro, às 21 horas; na colectividade «Os Franceses», no Barreiro, às 21 horas; na Escola do Viso, Grandola, às 21 horas; no Clube de Futebol Legameças, Palmela, às 21 horas; no Cine-Teatro Alvalade, Santiago, às 21 e 30; na Casa do Povo de Deixa-o-Resto, Santiago, às 21 horas; Casebres (Alcácer do Sal), às 21 horas, e no Liceu Nacional de Setúbal, às 21 horas.

P.P.D.

Em Trancoso, às 21 hora em S. Pedro de Sintra, Cas nheira do Vouga (Agueda), F dralva (Anadia), Requei (Aveiro), Siens (Feira), Serr do do Vouga (Agueda), Vale- lhavo, Gomes Aires (Arnoc var), Cervães (Vila Verde, B ga), Covide (Terras do Do Taide (Póvoa de Lanhoso), A raiolos, S. Marcos da Ser Marmelete, Santo Estevão, Ameixial, no distrito de Far Olivais Leiria, Gavião, Monta gil e Galveias no distrito Portalegre; Várzea da Ovel (Marco de Canaveses), Este (Póvoa de Varzim), Rebordã (Santo Tirso), Fânzeres (Go domar), Mação (Santarén Rossio ao Sul do Tejo, Bombe ros Voluntários de Almad Castanheira do Sul (S. João Pesqueira, S. Pedro do Sul, Joaninho (Viseu) e Magoce (Viseu), todas às 21 e 30.

P.P.M.

Na Casa do Povo de Arrai los, Serrazes (S. Pedro do Su Fonte Arcada (Sernancelhe Ervedosa do Douro (S. João Pesqueira), Oliveira do Cond Fornos de Alfornos, Prados Figueira da Granja, no distri da Guarda; e Feira Nova (Am res).

P.S.

Em Alhandra, com Már Soares, Igrejas Caeiro, Rosár Moniz, Sottomayor Cardia Luís Covas, às 21 e 30; em P gueira do Castelo Rodrig com Miller Guerra e todos candidatos pelo distrito Guarda, às 21 horas, e aind em Mora (Évora), às 21 e no Teatro Vasco Santana, co Aquilino Ribeiro) e Maria d Pilar, às 21 e 30; na Estaçã Agronómica, em Oeiras, co Riço Calado e Anselmo Aníba às 17 e 30; no Pavilhão Socia lista, no Cacém, com Antóni Ribeiro e Rui Santos, às 21 30; para os trabalhadores d construção civil, em Miraflores Algés com Rosa Gomes, Jos Manuel Duarte e Rui Santos às 17 e 30; no cine-teatro d Póvoa de Santa Iria, com Jos Medeiros Ferreira e Alfred Carvalho, às 21 e 30; em Alver ca, com Manuel Moura, Rui Cu nha e Mário Nunes da Silva às 17 e 30; em Aldeia Gavinh (Alenquer), com Mário Nune da Silva, Manuel Moura e Re Cunha, às 21 e 30; em Carva lhal (Alenquer), com Teófilo C Santos, às 21 e 30 horas: n Cidla (Marquês de Pombal) com Aquilino Ribeiro e Teres Vidigal, às 17 e 30; em Enxan dos Cavaleiros (Malveira), con Gualter Basílio e Maria da As sunção Simões às 21 e 30; no salão paroquial das Galinhei ras, com Nuno Godinho de Ma tos e Mário Pina Correia, às 21 e 30; na Companhia de Se guros Alentejo, com Nuno Go dinho de Matos e Zemael Espa da, às 21 e 30; no Teatro Laur Alves, com Teresa Vidigal Mário Mesquita e Florival No bre, às 21 e 30; na Junta Nacio nal dos Vinhos, com Carlos Marques e Carmelinda Pereir às 18 horas; no Instituto dos Cereais (Rua do Salitre) com José Amaral e Fernanda Lopes Cardoso, às 18 e 30; em Co ria (Torres Vedras), com João Carlos, às 21 e 30; na Serra de S. Julião (Torres Vedras), com Alberto Avelino, às 21 ho ras; na Escola Manuel da Maia, com Arons de Carvalho e Ama rino Sabino, às 21 e 30, e nos Bombeiros de Colares, com Ar mando Soares e Sousa Montei ro, às 21 e 30.

U.D.P.

Na colectividade de Vale de Lobos, às 21 e 30; e no Centro de Instrução e Recreio do Laranjeiro (Almada), às 21 horas.

Nacional

CAMPANHA DE NORTE A SUL

Mobilizar a opinião e as vontades

A comissão política do Partido Popular Democrático explica as razões porque aceitou o pacto constitucional, considerando que, entre as possíveis, esta será a melhor solução «para a construção da democracia pluralista em Portugal». E proclama o seu firme propósito de continuar a trabalhar nos termos do programa do P.P.D. por uma ordem política democrática.

O P.P.D. efectuou igualmente diversos comícios, o mais importante dos quais nas Caldas da Rainha. Magalhães Mota encerrou esse comício, salientando que uma boa parte da campanha e até da actividade política em Portugal tem sido dedicada ao esclarecimento, quer nas sessões dos partidos, quer nas sessões de animação cultural, e considerando que «a democracia não pode existir sem cultura. Não há regime político oposto à liberdade que se não baseie na ignorância e não procure perpetuar essa mesma ignorância. As censuras são uma forma de evitar que se saiba. Cultura e democracia têm o mesmo fundamento: a liberdade».

Considerando a situação do País que descreveu, referiu seguidamente que na actual fase do processo político português «temos agora consciência plena que é o momento de escolher. Que as escolhas do futuro não podem mais ser adiadas nem as suas consequências disfarçadas ou ocultadas».

Por isso, só haveria duas soluções políticas: «Impor as escolhas» ou «mobilizar a opinião e as vontades», concluindo «sem mobilização das energias, da vontade, das capacidades de todos e de cada um de nós, sem que tomemos consciência, e a assumamos, de que somos todos a ter que ver com tudo, não escaparemos ao restabelecimento, progressivo ou lento, do proteccionismo paternalista. Quando, porém, nos resignamos, como homens e Povo, a que alguem ou alguns decidam por nós, estamos a favorecer a morte (lenta ou violenta) da democracia.»

Efectuaram-se também comícios do P.P.D. em Mira, Ílhavo, Alquerubim e Bragança, onde foram apresentados os candidatos pelo distrito. Na conferência de Imprensa realizada por essa ocasião afirmou-se que o P.P.D. representa em Trás-os-Montes «o único partido que apresenta a via social-democrata para o socialismo. E assumimos perante esse partido o compromisso de apresentar com total fidelidade um rosto e uma opção que nada tem a esconder que o envergonhe.

Impossível regressar ao 24 de Abril

Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português participou, neste fim-de-semana, em diversos comícios efectuados no Norte do País, tendo-se os dois mais importantes efectuado em Viana do Castelo e Viseu. Nesta última cidade, referiu-se à grande reacção ao processo revolucionário existente no distrito e ao facto de haver pessoas no distrito que ainda pensam ser possível voltar ao 24 de Abril, afirmando que isso será impossível, porque as forças progressistas estão vigilantes.

Álvaro Cunhal sublinhou ainda que o P.C.P. sempre lutou pelas liberdades democráticas em Portugal e tudo fará para que estas se consolidem, inclusivamente no campo religioso (e referiu-se, a propósito, à campanha que certos sacerdotes desenvolvem contra o processo em curso). Frisou, por outro lado, que as liberdades democráticas, por si só, não satisfazem todos os anseios dos trabalhadores portugueses, porquanto há ainda que resolver todos os seus anseios e carências de vária ordem.

Entre os temas que abordou, um dos mais importantes relacionou-se com o pacto dos partidos com o M.F.A. afirmando não se perceber bem o que significavam as assinaturas do C.D.S. e do P.P.D. porquanto havia razões para duvidar da atitude daqueles partidos, cujos militantes gritam «morte aos comunistas» em tantas localidades do País. Considerou ainda estranho que o Partido Socialista assinasse o pacto e, logo a seguir, fosse à televisão atacar o P.C.P.

Em Viana do Castelo, Álvaro Cunhal falou particularmente dos latifúndios e do problema agrário, situando-o em relação a cada uma das províncias, particularmente o Minho. Referiu-se também à coligação governamental, fazendo notar que, embora haja uma aparente ligação de todos os partidos participantes, há alguns que cá fora atacam constantemente o Partido Comunista. Considerou oportuno denunciar esta campanha, afirmando que a passividade do P.C. tem de acabar: «Temos desejado o diálogo e a unidade das forças democráticas, mas verificamos que os nossos propósitos são iludidos com atitudes agressivas da parte de certos partidos. Recordou depois a luta do partido na clandestinidade, declarando que «se porventura a reacção pudesse tornar a governar Portugal, seria o Partido Comunista a sua vítima mais directa e perseguida».

Outros comícios importantes do P.C.P. realizaram-se em Évora, no Porto, em Alhandra e em Lisboa.

Esclarecer e mobilizar o povo

«A luta do M.D.P./C.D.E. continuará, sejam quais forem os resultados das eleições», afirmou César Pratas em Palmela, acrescentando: «Quem quer tirar proveito da ignorância do povo é contra o povo. Quem é contra o povo não se pode sentar em assembleia eleita pelo povo». Por seu lado, Armando de Castro declarou que «os partidos políticos que nada têm para oferecer ao povo trabalhador fazem a sua campanha com ataques aos partidos políticos progressistas», salientando que «o M.D.P. não só repudia esse procedimento como também chama a atenção de todos os portugueses progressistas para que o façam no acto de votar, a fim que se solidifiquem as vitórias já alcançadas».

Outros comícios de sessões de esclarecimento do M.D.P./C.D.E. tiveram lugar em Évora, Montemor-o-Novo, na Ota, no Barreiro e em Azeitão.

Neste último, Daniel Cabrita insistiu na necessidade de mobilização e organização popular, afirmando nomeadamente: «Não esclarecer o povo é atraiçoar. O grande objectivo do M.D.P./C.D.E. é esclarecer e mobilizar o povo português. Todos os que trazem a receita no bolso e dizem saber resolver todos os problemas andam a enganar o povo. O socialismo não caiu do céu, nem nós o temos na manga. O povo organizado é que o irá construir, avançando».

Extinção dos monopólios e reforma agrária, foram os temas abordados em Montemor-o-Novo, no comício em que participou José Manuel Tengarrinha. Em Ota, um apelo à unidade dos «operários, camponeses, empregados, comerciantes e industriais, intelectuais» para a consolidação de um Portugal «novo, próspero e democrático», foi lançado por Blasco Hugo Fernandes.

Projecto viável e não utópico

Uma caravana automóvel do Partido Socialista, com Mário Soares, percorreu durante o fim-de-semana o Minho, efectuando comícios e sessões de esclarecimento, alguns dos quais improvisados. Destino final, Braga, onde intervieram, além dos candidatos do distrito, Salgado Zenha e o secretário geral do P.S. Este último, afirmando que o seu partido é hoje o penhor de que «a nossa revolução siga por um caminho original numa sociedade em liberdade», considerou que o projecto que propõe «é viável e não utópico». Referiu-se também às medidas tomadas pelo Conselho da Revolução e pelo M.F.A..

Adiante, disse que «o Partido Socialista tem o projecto viável e não utópico, a caminho de um socialismo sem violência, na paz e na ordem». Referiu-se às profundas medidas do Conselho da Revolução e do M.F.A., «em contraste com este carnaval desenfreado de demagogia e de violência que nos tem procurado entravar na nossa acção política. O povo não quer ditaduras nem da direita nem da esquerda. Daqui em diante, se o povo não estiver contente com a política de um Governo, o povo vai passar a ter nas mãos o poder de o substituír». Depois de afirmar que o P.S. «bate-se pelo respeito religioso de todos os portugueses, em liberdade e justiça», falou de liberdade sindical, declarando «que a unidade não pode resultar de uma lei de Estado», e de liberdade de Imprensa, alegando que «num país em que essa liberdade é subordinada a um partido, caminhamos, sem remissão, para a ditadura». Reconhecendo que há 200 mil portugueses sem trabalho e outros com salários baixos, manifestou a esperança de que «a situação económica resultante das nacionalizações e da reforma agrária prestes a ser promulgada, deverá modificar o viver de todos os portugueses. O salário mínimo deve subir, imediatamente, sustendo-se a subida de preços. Queremos uma sociedade em que o Poder seja entregue ao trabalhador, este é o projecto do M.F.A. e é também o projecto do Partido Socialista».

Antes, Salgado Zenha tinha reafirmado que «o único socialismo é o socialismo em liberdade». É este o socialismo do povo de Braga, acrescentou, recordando a seguir as figuras ligadas à Primeira República, como Simões de Almeida, Domingos Pereira e o padre Almeida, amigo pessoal de Afonso Costa, o que prova que «os padres não são reaccionários». E mais adiante afirmou: «Nós, os socialistas não pregamos o ódio, a desordem ou a anarquia».

O ministro da Justiça sumariou depois a conjuntura económica, qualificando-a de «difícil»: «não se pode esperar que um milagre aconteça de um dia para o outro», preveniu.

Mais adiante, o dr. Salgado Zenha lembrou que «em África permanecem ainda 45 mil soldados portugueses que esperam o regresso ao seu País» depois de 12 anos de guerras coloniais em que perderam a vida onze mil homens, 35 mil ficaram feridos e se gastaram 150 milhões de contos, segundo os números apresentados pelo dirigente socialista.

Pelo poder operário e popular

O encontro de trabalhadores da região de Lisboa, promovido ontem pelo M.E.S., «mostrou a necessidade de, na situação actual, levar por diante uma luta ofensiva, criando o poder operário e popular, fazendo do processo de transformação económica e política em curso um processo que caminhe na direcção do socialismo», nos termos da síntese elaborada por Augusto Mateus, membro da comissão política nacional do M.E.S., ao apreciar as conclusões da reunião.

O M.E.S. integrou o encontro de ontem na sua estrategia de criação de uma Assembleia Popular que reuna as comissões autónomas de luta e outras vanguardas de trabalhadores. Estiveram durante todo o dia no ginásio do Liceu Gil Vicente, cerca de 350 trabalhadores, afectos ou não ao M.E.S., vindos de 100 empresas da capital e periferia. O encontro processou-se em dois plenários e em reuniões de quatro secções. O plenário final, em que falaram os dirigentes do M.E.S. deu a público as conclusões do encontro, que foram, resumidamente, as seguintes:

I Secção (Despedimentos) — Procedeu a uma análise dos sectores mais afectados pelos despedimentos e das formas de luta a desenvolver: por um horário de 40 horas semanais e pela fixação de salários mínimo e máximo.

II Secção (Comissões de trabalhadores) — Abordou as diferenças entre comissões de trabalhadores e comissões sindicais, as bases em que deverão funcionar as comissões de trabalhadores e os objectivos da sua luta.

Conclui-se que as comissões de trabalhadores são uma forma mais avançada de organização do que as comissões sindicais, e um meio extremamente importante de criar a unidade dos trabalhadores, fundamental no controlo dos trabalhadores sobre a economia portuguesa, em particular nas nacionalizações.

III Secção (luta sindical) — Abordou questões como: unicidade sindical, apartidarismo, democraticidade, sindicalismo de classe e sindicalismo vertical.

Conclui-se que a unicidade sindical favorece a luta pela unidade, mas só por si, não assegura essa unidade. Assim, foi considerada fundamental a luta pelo controlo dos trabalhadores sobre os sindicatos, eliminando o controlo partidário sobre os mesmos.

Considerou-se que isso se poderá obter assegurando a democraticidade interna dos sindicatos, dando o poder às assembleias sindicais e fazendo dos delegados sindicais, eleitos na base, os elementos fundamentais da luta sindical. Conclui-se ser correcto avançar para sindicatos organizados por ramos de actividade e não por bases profissionais.

IV Secção (crise económica) — Depois da análise aos vários sectores, conclui-se da necessidade de estender as nacionalizações às grandes empresas de construção civil, cimentos, siderurgia, indústrias extractivas, cerâmica, vidros, celulose, adubos, petroquímica, madeiras, de produção e distribuição de energia, de construção naval, pesca, transportes (incluindo a sua produção), comércio externo e comércio interno de produtos essenciais.

Conclui-se ainda que o «controlo» dos trabalhadores no sector nacionalizado devia ser feito do seguinte modo: através de uma comissão de gestão com delegados do Governo, controlada por uma comissão de trabalhadores de cada empresa, dando à assembleia dos trabalhadores o poder de decisão sobre os aspectos fundamentais da vida da empresa.

Comunitarismo auto-socializado

«A revitalização de Portugal oprimido terá que partir das suas bases, isto é, do comunitarismo auto-socializado de profundas raízes históricas e tradicionais no nosso povo», afirmou Isabel Wolmar, candidata do P.P.M. num comício efectuado na biblioteca nacional.

Por sua vez, Ferreira do Amaral justificou a atitude do P.P.M. perante o M.F.A. e a plataforma de acordo com os partidos políticos, dizendo que o seu partido tem confiança no M.F.A. «pois acreditamos que nele o povo encontrará o seu firme aliado para que a reacção não se intrometa, para que o fascismo não retorne, para o triunfo de uma democracia política, social e económica. Mas confiança não é demissão», acrescentou.

Quanto a Gaspar de Campos, explicou as razões pelas quais o P.P.M. participa nas eleições para a Assembleia Constituinte, acrescentando que «não há revolução que rompa com a verdade de um povo sob a pena de morrer - e é esta originalidade que os partidos radicais buscam em vão». Após ter afirmado que «certas instituições do Estado têm de ser apartidárias para que a política também o seja, o dr. Gaspar de Campos terminou dizendo:

. «O P.P.M. defende a revolução que esteja na base do encontro quotidiano dos homens, ao nível do posto de trabalho, na empresa, do sindicato, do partido. O P.P.M. defende uma democracia que ultrapasse os equívocos que identificam o poder político e o poder económico.»

Com Galvão de Melo em Viseu

O facto marcante do comício do Centro Democrático Social em Viseu foi, sem dúvida a intervenção do general Galvão de Melo — intervenção interrompida aliás por um corte da corrente eléctrica. Depois de ter declarado que «nunca tinha sido político», nem ido a um comício, Galvão de Melo atacou «aqueles que criticam sem argumentos válidos», qualificando-os de demagogos que pretendem «enganar o povo». Manifestou-se igualmente contra todas as formas de ditadura, «de direita ou de esquerda» — ponto da sua intervenção em que se verificou o corte da luz.

Terminou categoricamente o seu discurso, afirmando que «todos nós não vamos renegar o passado, nem ficar em contemplações, vamos sim lutar por um Portugal livre, mais rico e melhor. Para quê, destruir o presente? Destruir é como que cortar uma árvore que facilmente se abate e que leva tantos anos para se desenvolver».

Por seu lado, Adelino Amaro da Costa, vice-presidente do partido, afirmou que o C. D. S. «se inspira nas tradições cristãs do nosso povo» e terminou dizendo que «Portugal será grande se a Europa for grande, Portugal será grande se a Europa for unida».

motor revista

Nacional

MANOLO DIAZ: SETE CANÇÕES PARA A RTP

. Sábado de manhã, no Frou-Frou, café-concerto, ensaiava-se, como habitualmente, para a gravação, que de tarde se faria, de mais um programa «Nicolau no País das Maravilhas». Mas havia quem lá estivesse para matar saudades de um velho amigo, «cantante» espanhol, de nome Manolo Diaz, contratado especialmente para actuar naquele programa, onde cantará sete canções.

Manolo está na mesma, aparentemente. Mas só aparentemente. Saiu de Madrid, foi trabalhar para a Suíça, tem estudado música e deverá vir a Portugal, mais precisamente ao Porto, participar numa série de conferências sobre Pedagogia Musical, em Setembro próximo.

Sobre a sua saída de Madrid, afirma que está farto da grande cidade, da vida de estúdio e dos discos. Um pouco desiludido com o rumo tomado pelo grupo «Aguaviva», que ajudou a criar e com a editora «Acción», que nasceu por sua iniciativa.

Paulo de Carvalho, que já interpretou canções suas, acompanhou-o durante toda a manhã, assitindo com interesse ao ensaio. Chegou mesmo a cantar. Quando todos cantavam Manolo levantava a voz «Mi vida limita al norte/con la muerte/y al sul con mi madre herida/a la derecha mi amo/contabilizando el aire/y a la izquierda tu sonrisa/amiga de amar, amante».

MELO ANTUNES:

NÃO ALINHAMENTO COM AS GRANDES POTÊNCIAS

. Qual a posição futura de Portugal face à política dos blocos — é uma das questões que mais tem interessado na evolução do processo português os países do Terceiro Mundo. Nesta entrevista, o major Melo Antunes, considerado como um dos interlocutores privilegiados da Frelimo, do M.P.L.A. e do P.A.I.G.C. expõe os seus pontos de vista sobre o assunto a Aquino de Bragança, da revista «Afrique-Asie». Foi em 11 de Março em Argel, onde conversara longamente com o presidente Houari Boumedienne, e preparava-se para regressar a Portugal.

AQUINO DE BRAGANÇA

O senhor ministro estava no gabinete do presidente Boumedienne quando chegou o telex que anunciava a tentativa de golpe de Estado contra-revolucionário em Portugal. Ambos confiantes na boa continuação, em Portugal, do processo em curso, prosseguiram a conversa, conversa essa em que trataram de numerosos assuntos.

MELO ANTUNES — Portugal, que é um país pequeno, não pode ter pretensões a uma falsa grandeza. Colonizador-colonizado até uma data recente, o nosso país rompeu em 25 de Abril com um passado vergonhoso. O sentido profundo das transformações políticas, económicas e sociais que ele hoje conhece, é favorecido por um sector maior: **a independência nacional,** que tem como corolário um **rigoroso não-alinhamento** em relação às grandes potências, a rejeição da política dos blocos.

É aqui que nos encontramos com as ideias que a República Democrática Argelina e o seu prestigioso presidente, Houari Boumedienne, defendem tão brilhantemente. É esta a razão da minha viagem à Argélia. Como sabe, não é esta a primeira vez, que aqui venho, e não é a primeira conversa que tenho com o presidente do Conselho da Revolução e com os seus colaboradores mais próximos. A Argélia teve um papel de primeiro plano no difícil processo de descolonização portuguesa. As minhas conversas de hoje com o chefe do Estado confirmam a nossa identidade de pontos de vista sobre certos problemas vitais que interessam a ambos os povos.

A convergência de opiniões acerca do papel que devem ter os nossos países nesta zona mediterrânica, objecto de tantas cobiças imperialistas, abre perspectivas concretas de cooperação em numerosos domínios.

As nossas relações já estavam «normalizadas». O que de certo modo fiz foi «oficializar» o facto consumado. Em breve estabeleceremos relações diplomáticas e assinaremos acordos comerciais já em laboração.

A. de B. — Esta visita à Argélia poderá ser interpretada como a vontade de Portugal assumir uma «vocação terceiromundista» e afastar-se da Europa?

M. A. — O peso do nosso passado histórico — a longa presença árabe na Península Ibérica — marcou-nos profundamente. As incidências do colonialismo, na metrópole, fizeram do Portugal «europeu» um caso singular em relação ao resto do Continente.

Veja as nossas excelentes relações com os defensores do nacionalismo revolucionário em Angola, em Moçambique e na Guiné-Bissau. Não será paradoxal que após tão duros anos de guerra, as nossas aspirações coincidam com as dos povos africanos, oprimidos tal como o povo português, pelo mesmo sistema colonial-fascista? Nenhuma metrópole europeia entrou nesta via nova e original — um modelo de convivência humana multinacional. É neste sentido que devemos interpretar a nossa «vocação terceiromundista» e a nossa vontade de trazer uma contribuição ao debate em curso sobre a instauração de novas relações entre «países pobres» e «países desenvolvidos» do Ocidente.

Dito isto, quero sublinhar que não somos de modo algum «antieuropeus», mais que não seja devido a imperativos geopolíticos que obrigam a uma evolução prudente, tendo em conta o equilíbrio da Europa e a necessidade de manter boas relações com todos os países europeus. País «pobre» que somos, precisamos da ajuda e da compreensão de todos.

A. de B. — Disse-se que não podia deduzir-se do Programa do M.F.A. a evolução de Portugal que se desenrola aos nossos olhos.

M. A. — É preciso saber ler o «Programa do M.F.A.». Ele não é a Bíblia nem qualquer outro texto sagrado. Tal como para o Plano Económico de Transição, há várias leituras possíveis; uma da esquerda, uma do centro, outra — arrisquemos a palavra — da direita, uma leitura mesmo spinolista.

A redacção definitiva do Programa do M.F.A. foi o final de um compromisso entre os que tinham **pensado** a revolução — os «capitães» — e aqueles que vieram mais tarde juntar-se a nós para derrubar Caetano e varrer o seu regime fascista — os oficiais superiores da velha geração.

O texto do «Programa» tinha pois concessões feitas aos generais, que não estavam no nosso projecto inicial, mais radical. Apresentava-se assim mais como um manifesto para uma democracia clássica, de tipo liberal. Era, apesar disso, um alistamento «progressista» já que o nosso ponto de partida era o fascismo.

Derrubado este, encontrámo-nos numa situação para-democrática, mas sentiamo-nos muito mais livres de definir uma orientação mais próxima das nossas preocupações. Tinha por fio condutor o contencioso colonial. Frente aos partidários de uma autêntica descolonização, erguiam-se os mantenedores de um neocolonialismo, que tinham como chefe de fila o general António de Spínola, presidente da República. Mas, firmado nas forças vivas do povo — partidos de esquerda e sindicatos — o M.F.A. tinha homogeneidade bastante para travar o novo combate que terminaria a 28 de Setembro, com a eliminação de Spínola e dos seus amigos, nova e importante vitória da aliança Povo-M.F.A.

O novo Governo, dirigido pelo brigadeiro Vasco Gonçalves, personalidade eminente que tem toda a confiança do M.F.A., surgia como a expressão política, do «bloco Povo-M.F.A.». O que, enquanto este último não era institucionalizado, lhe conferia a legitimidade do Poder abrinco passagem a um regime democrático de fortes conotações socializantes...

A O.N.U. desistiu de intervir no conflito entre o M.P.L.A. e a F.N.L.A.

. LUANDA, 14 (Especial para o «DL») — Uma missão formada por quatro representantes da Organização da Unidade Africana e das Nações Unidas encontra-se em Luanda, vinda de Dar-es-Salam, a a capital da Tanzânia, a fim de ser inteirar da situação em Angola.

Na semana passada, funcionários da O.U.A. haviam anunciado em Dar-es-Salam que a missão se propunha estudar o panorama político em Angola, onde as lutas entre o M.P.L.A. e a F.N.L.A. ameaçam pôr em risco a passagem pacífica para a independência. Contudo, após um protesto do M.P.L.A., os representantes da O.N.U. asseguraram, com insistência, que a situação política está excluida dos objectivos da missão. Declararam que qualquer inquérito a que se proceda sobre os recentes acontecimentos em Luanda será efectuado separadamente pelos representantes da O.U.A. integrados na missão.

Os quatro enviados permanecerão cerca de 10 dias em Angola, a fim de estudarem as necessidades do país no campo social e económico — salientou um porta-voz do Centro de Informação da O.N.U. em Dar-es-Salam.

A missão, chefiada por Abdulrahib Farah, assistente do secretário-geral das Nações Unidas para as Questões Políticas Especiais, integra representantes dos secretariados da O.U.A. e da O.N.U.

Um dirigente do M.P.L.A. disse no sábado que o seu movimento se opunha formalmente ao envio a Angola de uma missão da Organização da Unidade Africana e da Organização das Nações Unidas, a fim de investigar «in loco» as recentes confrontações armadas em Luanda.

Lúcio Lara, chefe da delegação do M.P.L.A. em Luanda, disse numa conferência de imprensa que considerava como interferência contrária aos interesses nacionais a presença da missão em Angola, como comentário à declaração de que a O.U.A. e as Nações Unidas enviariam uma missão conjunta para investigar, em pormenor, as sangrentas confrontações recentemente ocorridas entre partidarios do M.P.L.A. e da F.N.L.A. em Luanda.

ESTIVADORES

SINDICALIZAÇÃO DOS "HOMENS DA RUA"

Estão a ser tomadas as providências necessárias para evitar que a sindicalização dos «homens da rua» do Porto de Lisboa no Sindicato dos Estivadores e do Tráfego venha a prejudicar os direitos dos actuais associados como beneficiários da Caixa Auxiliar que completa os benefícios conferidos aos trabalhadores portuários pela respectiva Caixa de Previdência.

Segundo informação do gabinete do secretário de Estado do Trabalho, decorrem estudos pelos serviços competentes com vista a determinar se os «homens de rua» que virão a ser sindicalizados nos termos do despacho normativo de 16 de Dezembro de 1974 do secretário de Estado do Trabalho, devem ou não, e em que termos, ser beneficiários da Caixa Auxiliar. A mesma informação assinala que serão feitos contactos com a Secretaria de Estado da Segurança Social para o estudo de eventuais compensações financeiras à Caixa Auxiliar para impedir prejuízos aos actuais beneficiários».

MORADORES DA FREGUESIA DE S. PAULO

. No Sindicatos dos Professores, à Rua das Gaivotas n.º 2, efectua-se na quarta-feira, às 21 horas, uma sessão de esclarecimento destinada aos moradores da freguesia de S. Paulo, e que terá a participação de elementos do Movimento das Forças Armadas.

VAI SER DECLARADA A FALÊNCIA DA "ÉPOCA"

. Vai ser declarada a falência da Companhia Nacional Editora, proprietária do jornal «Época» e indemnizados os seus trabalhadores, de acordo com um parecer do ministro da Comunicação Social, sancionado em Conselho de Ministros. Entretanto, a Editorial República, proprietária do nosso prezado colega «República», que se mostrara interessada na aquisição daquela empresa, desistiu da proposta que apresentara, por várias razões expostas por escrito, mas que não foram divulgadas.

Extinta a A. N. P. de que era órgão, a «Época» deixou de ter razão para existir. No entanto, houve ainda várias tentativas para que o jornal subsistisse, logo depois do 25 de Abril, mas todas foram frustradas.

A Editorial República teria sido a primeira empresa a mostrar-se interessada na compra da «Época», logo no I Governo Provisório. Mais tarde, mostraram-se interessados também a Editorial Avante e a Intersindical. A Editorial Avante desistiu, posteriormente a favor da Intersindical, e o Conselho de Ministros, analisando o assunto, decidiu que as negociações fossem feitas com a Editorial República.

No relatório presente ao Conselho de Ministros, a Comissão Interministerial, constituida em Janeiro último, para a transferência do estabelecimento da C.N.E. para a Editorial República, declarava-se pronta a efectuar a transferência, sob condição de lhe serem confirmados os seus poderes de negociação. Esta condição era levantada pela comissão (construída por representantes dos Ministérios da Comunicação Social, das Finanças e do Trabalho), dado o elevado encargo financeiro que representaria para o Estado a transferência, e tendo em vista a defesa dos interesses dos trabalhadores.

O parecer do ministro da Comunicação Social sobre o relatório foi tomado em atenção, para além dos outros importantes aspectos do problema, a extrema urgência de que a situação dos trabalhadores ficasse, finalmente, definida em termos claros.

Esse parecer, que foi sancionado pelo Conselho de Ministros, estabelece, nomeadamente, que se dê por cumprida a missão de que havia sido incumbida a Comissão Interministerial, que é dissolvida, e que seja declarada a falência da Companhia Nacional Editora, com pagamento antecipado das indemnizações a que terão direito os trabalhadores. Este pagamento será feito pela comissão liquidatária da ex-A. N. P., a quem fica entregue a liquidação de todo o contencioso da C. N. E., a qual será dotada, para o efeito do pagamento das indemnizações pelo Ministério das Finanças, com uma verba especial.

Naciona

CAMPANHA DE NORTE A SUL

Com as bases do P.S.

. Resultante de uma cisão no Partido Socialista, a F. S. P. ocupou com essa questão a maior parte de um comício que ontem se realizou em Setúbal.

Historiando a origem da Frente, Ricardo Santos lembrou que durante os três dias do Congresso do P. S. que antecedeu a ruptura da ala Manuel Serra, «fomos nós, trabalhadores, considerados como os mais mal vestidos, pelas senhoras de casacos de peles e pelos senhores bem fardados. Todas as propostas apresentadas foram dominantemente da esquerda, só que quando chegou a votação das listas A e B a lista A venceu. Mas foi-nos garantido, por Mário Soares, que o número de votantes na lista B seria garantido. Mas tal não sucedeu por que Mário Soares limitou esse número e Manuel Serra e o padre Sampaio não aceitaram para não atraiçoar os seus camaradas.

«A Frente Socialista Popular, no entanto, está ao lado das bases do Partido Socialista, ao lado dos trabalhadores desse partido, mas está contra a sua cúpula, que, ultimamente, através de umas ligações ao imperialismo americano e à burguesia, traiu as classes trabalhadoras,» acrescentou o orador.

Outro dos militantes da F. S. P., Jorge Severino, defendeu uma linha política de «socialismo marxista» que nalguns pontos parece convergir com as teses do M. E. S. «A nossa linha é precisamente colaborarmos na auto-organização da classe trabalhadora, porque só os trabalhadores, conjuntamente, através das suas comissões de empresa, de bairro e rua, é que podem na realidade, unidos, saber problemas e só eles resolverem estes problemas. Portanto, nós somos pela auto-organização da classe trabalhadora, porque só através dela podemos levar a cabo o que é nosso objectivo principal: a sociedade sem classes,» sintetizou Jorge Severino.

Desenvolvimento da luta de massas

O problema da habitação, as nacionalizações, foram os principais temas abordados ontem numa sessão de esclarecimento da Liga Comunista Internacionalista, no Liceu Padre António Vieira, em Lisboa. Um delegado sindical de uma empresa de transportes, salientando que o ponto fundamental que se põe desde já é o da habitação, disse que o número de pessoas a viver em barracas aumenta assustadoramente. «Essas barracas não têm o nínimo de condições chegando a viver mais de sete pessoas num espaço de quatro a seis metros quadrados», apelando em seguida à solidariedade dos trabalhadores da saúde da câmara e de organismos como as Companhias Reúnidas de Gás e Electricidade».

Por outro lado, a L. C. I. manifesta-se contra a recente suspensão de propaganda eleitoral de que foi alvo a F. E. C. (M-L). Pronuncia-se também «pelas mobilizações anticapitalistas dos trabalhadores, onde reside a via para a defesa e alargamento dos seus direitos, conquistas e organizações».

Nova frente de luta

A constatação de que não existe em Portugal, neste momento, «nenhum partido implantado seriamente», leva a Frente Eleitoral de Comunistas (marxista-leninista) a considerar a necessidade de abrir uma nova frente de luta «em que domine a luta pela liberdade de expressão que diz estar também restringida». Estas considerações foram tecidas num comício efectuado em Cacilhas. Entretanto, a F. E. C. (M-L) protesta contra a medida de suspensão de que foi alvo, afirmando ter sido suspensa «porque diz as verdades e porque demonstra a sua capacidade mobilizadora das massas nas fábricas, nos campos, na luta antifascista e na luta pela habitação».

O comunicado refere ainda ter sido proibida pelo governador militar a sua actividade na Ilha da Madeira, «onde os fascistas se reorganizam e passam ao ataque», afirma ter-se verificado, nos últimos dias, uma aliança entre o C.D.S. e o P.P.D., os quais organizam «bandos de 300 a 400 energúmenos que perseguem os militantes revolucionários» e informa terem sido arrombadas as sedes de «O Grito do Povo», na Foz do Douro, e da F.E.C. (M-L) em Matosinhos.

Sindicalismo de classe

A U.D.P. apresentou ontem em Leixões as bases programáticas do seu programa político, destacando em especial, naquela concentração portuária e piscatória, a sua linha de «sindicalismo de classe».

A sessão, nos Bombeiros Voluntários, decorreu com larga assistência de pescadores, perante quem o seu camarada Manuel Pereira denunciou as «medidas antipopulares» da Intersindical quanto à questão da pesca de arrasto.

Outra das frentes de luta discutidas na reunião foi a das operárias da Scantexo (têxtil) em que se travam sucessivas batalhas contra os despedimentos e o encerramento da fábrica.

No plano da organização, o militante Miguel Machado disse a dada altura: «Reforcemos os núcleos U.D.P. em Matosinhos, em organizações locais para que nas fábricas, nos bairros, nos quartéis e nos campos, possamos detectar e pôr daqui para fora todos os fascistas».

Miguel Machado, terminou: «Devemos desencadear uma acção organizada de propaganda e localização dos fascistas nas nossas fábricas, nos bairros, etc., para travarmos uma luta feroz contra a fera fascista».

AFIRMA O M.C.S.:

O VOTO EM BRANCO NÃO É INCENTIVADO COMO VOTO NO M.F.A.

Alvitrar a hipótese do voto em branco aos eleitores impreparados ou menos esclarecidos não equivale a propor uma votação específica no M.F.A.

lê-se num esclarecimento prestado anteontém pelo ministro da Comunicação Social a propósito do exacto conteúdo de algumas informações proferidas na sua última reunião (em 10 do corrente) com os representantes da Imprensa estrangeira.

O documento, onde se fala também dos partidos políticos e seu comportamento até agora, é do seguinte teor:

. «Em virtude de interpretações menos correctas dadas às declarações feitas pelo ministro da Comunicação Social na sua última reunião de rotina com os órgãos de Informação estrangeiros, esclarece-se que as posições assumidas sobre os pontos que maior controvérsia e perturbação poderão provocar são as seguintes:

1) VOTO EM BRANCO

. Preconizado pelo M.F.A. como solução para todos aqueles que não se sintam verdadeiramente esclarecidos ou politicamente preparados para tomar uma opção. A seguir-se esta recomendação, os resultados das eleições permitiriam ajuizar de uma forma mais correcta a estrutura política do País. Nega-se formalmente que o voto em branco seja incentivado como voto no M.F.A. ou como futura clientela política de novo partido a criar.

2) PARTIDOS POLÍTICOS

. Na reunião referida foi claramente explicado que o M.F.A. não considerava o comportamento dos partidos, durante o período entretanto decorrido, como verdadeiramente construtivo, na medida em que punham interesses sectoriais frente de interesses globais população portuguesa. N ga-se formalmente que haja do declarado que o M.F.A. co siderasse um erro a formaç de partidos políticos. A fo mação de partidos é uma eta fundamental no processo democratização do País constitui, por isso mesmo, u conquista de que o M.F.A. le timamente se orgulha.

3) PARTIDO ÚNICO

. A referência a novas fo mações políticas que viesse a emergir em Portugal na tem a ver com fórmulas u tárias ou partidos únicos in nuados malevolamente pe Imprensa estrangeira. Um pa tido ou movimento, ou fren que viesse a traduzir em te mos civis a vocação do M.F seriam naturalmente bem ac lhidos, mas isso não implic como é óbvio, a asfixia das fo mações já existentes. Consid ra-se, aliás, que as formaçõ políticas em Portugal tende naturalmente a evoluir segu do linhas que não será fá nem tão pouco compete M.F.A. pronunciar-se.»

ANA MARIA PINTO

CALDEIRA RODRIGUES CONDENA A VIOLÊNCIA

. **Do sr. eng. Caldeira Rodrigues, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, recebemos a seguinte carta relativa à agressão, por elementos do M.R.P.P., de que foi vítima Ana Maria Pinto, militante da U.E.C., no dia 2 do corrente:**

. «Esse jornal, nos passados dias 10 e 11 de Abril, relatou a brutal agressão da jovem estudante Ana Maria Pinto por parte de militantes de um partido político. Antes de expor o aspecto que particularmente me toca e sobre que peço desagravo, devo afirmar a minha indignação, não só por essa brutalidade tal como foi narrada, mas também por outras bárbaras agressões pro provocação e vingança políticas que, apesar de menos graves nas suas consequências, merecem total repugnância como processo.

«Aliás, a agressão de Ana Maria não foi um acto isolado, antes se situa numa série de agressões em que alternam agredidos e agressores, recaindo por vezes a vingança sobre terceiros apenas porque são correlegionários de um dos grupos partidários envolvidos na refrega.

«No caso de Ana Maria Pinto, houve aspectos dolorosos tão graves que justificarão a sua especial publicidade nesse jornal, desligada da sequência dos casos lamentáveis que referi. Só não é correcto (e é o caso que particularmente me magoa como pai) que na segunda edição do dia 11 se acentue que participou na agressão a Maria João Caldeira Rodrigues. Que esta é minha filha, embora o seu nome venha alterado, não tenho dúvida visto que ela confirma ter estado junto à sede da U.E.C., mas não participou nem presenciou sequer o posterior espancamento de Ana Maria, aliás em local distante daquele. A sua presença junto da sede da U.E.C., onde Ana Maria a poderá ter identificado, não se pode pois confundir com participação ou conivência na agressão.»

Colombiana a monte

. Contínua a monte a colombiana Maria Bermudez Rodriguez, uma das autoras do assalto à agência dos Anjos do Banco Pinto de Magalhães no passado dia 27 de Agosto, que, esta madrugada, se conseguiu evadir espectacularmente do Hospital de S. José, onde estava internada sob prisão.

Na fuga colaboraram duas pretensas enfermeiras, que envergando bata branca foram à enfermaria em que se encontrava Maria Bermudez e, a pretexto de a conduzir «a um tratamento urgente», transportaram-na numa maca, para não mais voltarem a ser vistas. Maria Bermudez é o segundo elemento da quadrilha a conseguir escapar-se às autoridades portuguesas. O primeiro foi o francês Louis Beaumont, que fugiu há dois meses da cadeia do Linhó, no porta-bagagens de um automóvel.

MÓVEIS

FABRICANTE EXECUTA POR ENCOMENDAS

ARMÁRIOS, ROUPEIROS, ESTANTES E QUAISQUER OUTROS MÓVEIS MODERNOS OU DE ESTILO.

PERFEIÇÃO, RAPIDEZ E PREÇOS ACESSÍVEIS.

FÁBRICA DE MÓVEIS SUPERCONFORTO.

(ENTRE O BAIRRO DAS COLÓNIAS E PENHA DE FRANÇA) TEL. 82 49 54.

Lisboa, Abril/75 Telef. 86 89 81

Informamos que já inaugurámos o nosso Terraço c/vista sobre o Tejo para almoços e jantares.

RESTAURANTE BAR

O Faz Figura

RUA DO PARAISO, 15-B (A Feira da Ladra) — LISBOA

post scriptum

Continuação da pág 2

contos é exigido o imediato pagamento (o que está absolutamente correcto). É evidente que, para a firma, a modalidade, economicamente falando, até é correcta, mas na conjuntura actual pode-se até considerar reaccionária, porque para modelos mais caros (até 200 contos) adopta a modalidade de letras, beneficiando neste caso classes mais favorecidas.

Um carro económico não é um luxo. Haja em vista a carência de transportes públicos na cidade. Temos de desmascarar estas manobras oportunistas.

António da Silva Mesquita . . Amadora

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCAÇÃO

AOS DELEGADOS SINDICAIS DE PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO RAMO DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

(EX 17.ª e 19.ª SECÇÕES)

No próximo dia 15/4/75 pelas 21 horas, nas instalações da Rua do Alecrim, 46-1.º, Lisboa, haverá uma reunião de trabalhos, para conhecimento, apreciação e aprovação dos moldes e sistemas em que se vai processar o ingresso dos trabalhadores de escritório no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa.

A tua presença é imprescindível, pois dela está dependente a formação dum Sindicato com cerca de 100 000 trabalhadores.

COMPARECE !

A COMISSÃO PROVISÓRIA

Estrangeiro

PLANO AMERICANO DE EVACUAÇÃO DE 200 MIL SUL-VIETNAMITAS

NOVA YORK, 14 (FP/R) Segundo a revista «Newsek», o Governo norte-americano encara a hipótese de enr para o Vietname do Sul s divisões de combate a fim assegurar a evacuação de uns milhares de sul-vietnaas que colaboram intimante com os norte-americas e que por isso poderiam alvo de represálias se caísn em poder do Vietcong.

A revista diz ter sabido de tes militares que o presiite Gerald Ford aprovou um no a que foi dado o nome código «Operação Talon Vi- e que prevê a evacuação 200.000 pessoas.

Os refugiados partirão do oporto de Tan Son Nhut em ões de transporte ou serão olhidos por navios norimericanos no porto de ng Tau, a 64 quilómetros a ste de Saigão.»

As autoridades saigonesas taram fretar um avião de a companhia aérea euroa fim de enviarem 73 mies de dólares em lingotes ouro, pertencentes, ao que ece, ao presidente Van eu e ao Marechal Lon Nol escreve por seu lado a rea «Time» no seu último nero.

A campanha Balair, filial da issair foi contactada em Março último para transportar «algumas coisas pessoais» da família Thieu — diz o semanário. Mas, pelo seu lado, a companhia recusou-se a transportar essas 16 toneladas de ouro, que continuam em Saigão, à espera de «um transporte aéreo mais compreensivo» — acrescenta a «Time».

PRESSÃO SOBRE FORD

WASHINGTON, 14 — (R) — O presidente Ford começou hoje a ser pressionado por congressistas para iniciar a evacuação de 5500 norte-americanos do Vietname do Sul, antes de tropas dos Estados Unidos se tornarem necessárias para cobrir a sua retirada.

Congressistas pretendem que Ford aja agora, antes da situação militar em Saigão, em redor da qual se aperta o cerco do Vietcong, se agravar ainda mais.

Considera-se como tendo poucas possibilidades de ser aprovado o outro pedido do presidente de 722 milhões de dólares em auxílio militar de emergência, descrito como frívolo pelo destacado sanador Henry Jackson

O VIETCONG A 24 KM gde saigão

SAIGÃO, 14 (R) — As forças do Vietcong avançaram para posições situadas apenas a 24 quilómetros de Saigão, enquanto prossegue a luta pela posse de Xuan Loc, cidade situada a 72 quilómetros a nordeste desta capital.

O comando militar anunciou que a aviação governamental foi enviada contra as forças comunistas que ocuparam posições perto de Ben Luc, na Estrada 4, que liga Saigão à zona densamente povoada do delta do Mekong. Calcula-se em mais de cinquenta as baixas causadas pela aviação ao Vietcong.

Entretanto, a batalha de Xuan Loc vai no sexto dia consecutivo, com intenso bombardeamento de artilharia e foguetões contra as posições governamentais em torno da cidade.

Correspondentes que ontem visitaram Xuan Loc de helicóptero disseram que o centro da cidade está em ruínas, mas confirmam que as tropas governamentais continuam a resistir, depois de terem recebido reforços helitransportados, uma vez que a estrada principal se encontra cortada a 15 quilómetros de distância, para Oeste.

Para além da ofensiva das forças regulares comunistas, registaram-se operações isoladas de guerrilha perto de Saigão e a bandeira do Vietcong chegou a ser içada numa aldeia.

NOVO GOVERNO

O presidente Nguyen Van Thieu revelou hoje dados acerca de um novo Governo que, nas suas palavras, se empenharia em derrotar a ameaça comunista e a preparar uma contra-ofensiva.

No entanto, a reacção inicial de observadores diplomáticos ao novo gabinete, que prestou hoje juramento e é chefiado pelo primeiro-ministro Nguyen Ba Can, foi a de que parecia irrelevante e era de importância secundária.

Trabalhadores supérfluos no império Volkswagen

WOLFSBURG (REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ), 14 — (R) — Os administradores da Volkswagen reunem-se hoje para decidir a sorte de milhares de trabalhadores da companhia tornados supérfulos devido ao declínio na venda de veículos dessa marca.

Informadores da fábrica disseram que a junta directiva da firma ia efectuar, à tarde, uma sessão de emergência para estudar como e até que ponto a produção de veículos da Volkswagen deveria ser reduzida para se equiparar à procura.

A gigantesca fábrica de carros alemã ocidental perdeu mais de 500 milhões de marcos (cerca de 5 400 000 contos) no ano passado, principalmente devido a um declínio de 130 por cento nas vendas no vital mercado dos Estados Unidos, combinado com a baixa do valor do dólar em relação ao marco.

Fontes disseram antes que a Volkswagen planeava despedir 10 000 trabalhadores nas suas fábricas de Hanover e Salzgitter e nas pertencentes à Audi-NSU, sua subsidiária.

Quaisquer despedimentos no império da Volkswagen deverão ter repercussões políticas devido a 36 por cento do capital da empresa pertencerem ao Estado.

MORTE DE TOMBALBAYE

ODINGAR DOMINA A SITUAÇÃO APÓS O GOLPE NO TCHAD

N'DJAMENA (Tchad), 14 (R.) — O general Odingar, comandante interino do Exército do Tchad, parece hoje controlar firmemente este país da África Central, após um golpe de Estado militar em que o presidente Ngarta Tombalbaye perdeu a vida.

O presidente Ngarta (François) Tombalbaye que foi morto durante o golpe de Estado militar de ontem, no Tchal. (Telefoto UPI-Telimprensa).

Odingar, que dirigiu aparentemente o golpe de Estado, ao alvorecer de ontem, pediu à França, que tem cerca de 2.000 soldados estacionados neste país, para não intervir.

O comandante do Exército, que se anunciou ter sido ferido nas costas durante a luta, cancelou ontem uma conferência com membros do Governo e da Assembleia Nacional em que deveria explicar as razões do pronunciamento.

Horas depois do assalto ao palácio presidencial, vários oficiais, presos por estarem envolvidos, ao que se supõe, numa intentona, no princípio deste mês, foram soltos.

Um comunicado militar emitido por Rádio Tchad informou que o presidente Tombalbaye, que governara o país desde que se tornara independente da França, em 1960, fora morto quando tropas atacaram o palácio.

O general Odingar, anunciando o levantamento militar pediu a todos os funcionários civis, políticos e membros do Governo deposto para não abandonarem a capital.

Foi imposto o recolher obrigatório em todo o país e encerrado o aeroporto.

O golpe de Estado principiou aparentemente quando tropas atacaram o palácio e agentes dos serviços de segurança os enfrentaram a tiro. Afirmou-se que o general Odingar participara no assalto e na ocupação do edifício.

O regime do presidente Tombalbaye fora afectado frequentemente por conflitos internos. A seu pedido, a França enviou tropas para o Tchad, em 1968, para lutarem contra rebeldes muçulmanos no Norte.

Em 1971, ocorreu uma intentona contra Tombalbaye.

Entre os oficiais libertados ontem acham-se o general Djogo, chefe da casa militar do presidente, e o coronel Djimet, comandante da Guarda Nacional.

IM REPRESENTANTE DA OPOSIÇÃO ERIA CONFERENCIADO OM O CONDE DE BARCELONA

MADRID, 14 (R) — O chefe Casa Real de Espanha, D. an de Borbon, conde de Barona, conferenciou recentente com um representante principal organização clanstina da oposição contra o ime do general Franco, a nta Democrática — revelam tes bem informadas em Mad.

A entrevista, que durou 90 nutos, realizou-se a pedido conde de Barcelona, e teve ar na sexta-feira a bordo do iate particular ancorado no to de Palman, no Mediterneo.

Durante o encontro, o represntante da Junta, que é uma igação ampla de comunis, socialistas moderados, moquicos liberais e democrano-alinhados, entregou a Juan um documento intitula- «Manifesto de Reconci-ção», no qual se apela aos panhois para uma acção cífica contra o regime fransta a favor da instauração democracia.

O texto foi divulgado no smo dia por um porta-voz Junta Democrática numa nferência de Imprensa seta em Madrid.

Segundo o manifesto, as cossões regionais da Junta rão de futuro autonomamenescolhendo amplas plataforis políticas susceptíveis de bilizar pacificamente a pulação contra o Governo. Quando as condições tiverem atingido o ponto de maturação, a Junta emitirá uma ordem de greve geral para acelerar o fim do regime instaurado há 36 anos pelo general Franco — acrescenta.

O conde de Barcelona, de 61 anos, reside no Estoril e nunca renunciou oficialmente aos seus direitos ao trono espanhol, de que é o herdeiro natural. Seu filho, o príncipe Juan Carlos, foi nomeado rei-designado da Espanha pelo general Franco.

DECLARAÇÕES DO MINISTRO GARCIA HERNANDEZ

SAN SEBASTIAN, 14 (FP) — O ministro do Interior e primeiro vice-presidente do Governo, José Garcia Hernandez, excluiu categoricamente qualquer possibilidade de contacto entre o Governo espanhol e «grupos subversivos» ou o Partido Comunista.

«O Governo espanhol está disposto a todo o tipo de abertura e diálogo, mas nunca se entenderá nem entrará em contacto com grupos subsersivos ou o Partido Comunista», declarou o ministro, falando, no sábado, em San Sebastian.

Mas o ministro deu a entender que está disposto a encontrar-se com grupos sociais-democratas-cristãos ou «socializantes», como dissera em Fevereiro último Arias Navarro, presidente do Governo.

A respeito do futuro do regime, Garcia Hernandez declarou: «Enganam-se aqueles que pensam que a nossa situação política está ligada à existência de Franco e que tudo mudará quando ele desaparecer. O Governo e o povo espanhol sabem o que querem.»

48 horas no mundo

■ O presidente Ngarta Tombalbaye do Tchad perdeu a vida num golpe militar que derrubou o seu Governo, no Poder há cerca de quinze anos. Nas ruas da capital, N'Djamena, a população manifestou-se «entusiasticamente» com gritos de «vivam as Forças Armadas» e «viva a revolução do 13 de Abril».

■ Morreram 26 palestinianos e outros 19 ficaram feridos em recontros ocorridos em Beirute entre guerrilheiros da O. L. P. e forças falangistas de extrema-direita. Entre os falangistas libaneses houve três mortos e vários feridos.

■ Enquanto os Kmers Vermelhos permaneciam na periferia de Phnom Penh, o príncipe Norodom Sihanouk que vive em Pequim, rejeitou um convite norte-americano para reassumir o Poder no Camboja. No sábado, fuzileiros navais dos E. U. A. desembarcaram por algum tempo na capital cambojana para proteger a evacuação de norte-americanos e indivíduos de outras nacionalidades.

■ Numa grandiosa homenagem às vítimas de Buchenwald, reuniram-se milhares de pessoas no local do antigo campo de concentração nazi, onde foi tocada a «Marcha Fúnebre» de Chopin e se acenderam 18 gigantescas chamas da liberdade. Cerca de 3 000 antigos prisioneiros encontravam-se presentes.

■ A visita do presidente francês à Argélia terminou com um acordo para a construção de uma canalização através do Mediterrâneo destinado a fazer chegar à Europa o gás natural argelino. O custo da obra está calculado em cerca de 50 milhões de contos.

■ Trinta bispos católicos do Chile, reunidos em retiro durante uma semana, manifestaram no final a sua «profunda preocupação» pela extrema miséria das classes pobres chilenas e pela expulsão de prisioneiros políticos levada a cabo pela Junta Militar.

■ Uma neta do filósofo pacifista inglês, Bertrand Russell, faleceu num hospital após ter sido encontrada desmaiada perto de um cemitério de onde foi vista a sair, envolta em chamas. A Polícia investiga a estranha morte de «Lady» Lucy Russell, de 26 anos, que aparentemente se tentou imolar pelo fogo.

■ Num bar situado na área católica de Belfast, explodiu uma bomba, matando sete pessoas e ferindo outras 13.

ARSENAL ASSALTADO

ROSÁRIO (Argentina), 14 — (A. N. I.) — Quarenta guerrilheiros armados de caçadeiras, espingardas de grande calibre e pistolas-metrabalhadoras assaltaram um arsenal militar perto da cidade de Rosário, tendo morrido pelo menos três pessoas,incluindo um coronel e dois guerrilheiros — anunciou a Polícia Argentina.

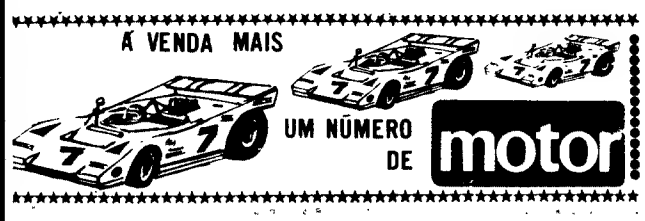
Governador marxista reeleito em Tóquio

TÓQUIO, 14 — (A. N. I.) — M governador marxista de Tóquio, Ryokichi, Minobe, foi hoje reeleito para um terceiro mandato.

Minobe, de 71 anos, venceu o seu adversário conservador, o político e romancista Shintaro Ishihara, de 42 anos, nas eleições realizadas ontem.

Com 59 por cento dos votos contados na província mais povoada do Japão, Minobe, teve 1.598.800 votos contra 1.443.500 de Ishihara, apoiado pelo Partido Liberal Democrático do primeiro ministro Takeo Miki. Misatashi Matsushita, candidato pelo Partido Socialista democrático, ficou em terceiro lugar, com 123.200 votos.

Os candidatos conservadores a governador alcançaram a vitória na maioria das províncias onde se realizaram eleições, dando um forte mandato à administração do primeiro-ministro Takeo Miki.



Nacional

CURSOS DO INSTITUTO GULBENKIAN

. O Instituto Gulbenkian de Ciências, de Oeiras, no âmbito do programa do 7.º ano de estudos avançados, promove os seguintes cursos, com início nas datas que lhes vão indicadas: «Cultura contínua de microrganismos», 12 de Maio; «Biomembranas», 21 de Julho; «Biometria», 28 de Julho; «Mitocôndrias», 4 de Agosto; e «Ultrastrutura celular», 1 de Setembro.

Estes cursos (cada um dos quais tem a duração de quatro semanas), estão abertos a alunos qualificados de Portugal, Comunidades Arménias, das antigas colónias portuguesas e outros países, dando-se preferência a doutorandos e outros licenciados que pretendam seguir uma carreira no ensino superior e na investigação científica.

As inscrições e quaisquer esclarecimentos podem ser solicitadas ao secretário dos Estudos Avançados de Oeiras, Fundação Gulbenkian, Oeiras, telefone 243131.

ASSOCIAÇÃO VEGETARIANA

. Amanhã e no dia 18 efectuam-se às 21 e 30, na sede da Associação Vegetariana Portuguesa, à Rua do Salitre, 136, 1.º, em Lisboa, duas conferências, a primeira das quais versará «O ioga e as suas aplicações terapêuticas». Será orador o indiano Janakiraman. A segunda, proferida pela dra. Susete Ribeiro e integrada no Ano Internacional da Mulher, tem como tema «A mulher e a sociedade».

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA

No Instituto Italiano de Cultura, à Rua do Salitre, 146, o prof. Giuseppe Tavani, catedrático de Filologia Românica da Universidade de Roma, profere amanhã às 18 e 30, uma conferência subordinada ao tema «Problemas da expressão linguístico-literária nos países africanos de nova independência».

ESCLARECIMENTO A PROPÓSITO DE UMA CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS

A reportagem de uma conferência de Imprensa, dada recentemente pela direcção do Sindicato dos Bancários, motivou uma carta de esclarecimento assinada por Carlos Vilhena, Lino Marques, Coimbra Torres e Nandin de Carvalho. A necessária rectificação tinha sido já feita pela própria direcção do Sindicato. No entanto, publicamos a seguir a carta recebida que é do seguinte teor:

«Pela leitura dos jornais que publicaram extractos de uma conferência de Imprensa da Direcção do Sindicato dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa, entre os quais se encontra o «Diário de Lisboa» tomámos conhecimento da indicação dos nomes dos signatários como exemplos de directores usufruindo de empréstimos, concedidos pelo Banco Fonsecas e Burnay, sem juros e utilizados em fins especulativos.

Cientes embora do clima pouco favorável em que a maioria dos «quadros», designadamente os bancários, estão actualmente a viver neste país, custa-nos a crer que afirmações inexactas e tão graves — para verdadeiros profissionais, os previlégios citados são totalmente inadmissíveis — pudessem ter sido produzidos por oficiais do mesmo ofício, a não ser por mera deficiência de informação.

Entretanto, dada a extraordinária divulgação conferida à notícia, muito gratos ficaríamos a V. Ex.ª se, com a publicação desta carta, nos facultasse a já só parcialmente possível reparação de prejuízos morais, permitindo-nos esclarecer que as operações em causa, tal como tantas outras similares, não representavam efectivos empréstimos de que os titulares tenham extraído qualquer benefício pessoal, mas apenas uma modalidade, então corrente neste país, que visava exclusivamente o preenchimento do número mínimo legal de accionistas para a constituição de sociedades anónimas.

A declaração que fizemos é de fácil e definitiva comprovação por simples consulta dos «dossiers» que serviram de exemplo às afirmações feitas na aludida conferência de Imprensa, consulta aliás que estamos nesta data submetendo à superior consideração das autoridades monetárias e financeiras.

Sindicato dos Técnicos de Desenho

Contrato Colectivo de Trabalho
Metalurgia

CONVOCAÇÃO

Convocam-se todos os trabalhadores Técnicos de Desenho do Sector Metalúrgico para as reuniões a realizar de acordo com o quadro indicado e com seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1 - a) Discussão e apreciação do anteprojecto do CCT Vertical da Metalurgia

b) Matéria específica a incluir no CCT Vertical

2 Contratação Vertical e suas implicações.

Dia	Hora	Localidade	Local
12	15	Porto	Sindicato Prof. Seguros Rua do Breiner, 359-1.º
15	21	Tramagal	Sind. Metalúrgicos do Tramagal
18	21	Lisboa	Bombeiros Voluntários Lisbonenses R. Camilo Castelo Branco, 33-1.º
21	21	Setúbal	Instalações da FNAT
19	15	Leiria	Sind. Emp. Escritório e Caixeiros R. Henrique Sommer, 2-1.º

NÃO FALTES.
A VITÓRIA ALCANÇA-SE NA LUTA DIÁRIA!

Lisboa, 9 de Abril de 1975

Pela DIRECÇÃO

SINDICATO DOS TÉCNICOS E OPERÁRIOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE LISBOA
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL
SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO
SINDICATO DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL DA INDÚSTRIA METALÚRGICA

CONVOCATÓRIA

Como é do conhecimento geral, está em discussão em todos o País o Anteprojecto do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical da Indústria Metalúrgica. Este contrato irá abranger mais de 200.000 trabalhadores de várias profissões.

No intuito de avançar para a fase final da discussão, a Comissão Directiva dos Metalúrgicos está a promover no nosso Distrito vários Plenários nas zonas da maior actividade Industrial.

Assim, convocam-se todos os trabalhadores da Indústria Metalúrgica abrangidos por este contrato (Metalúrgicos, Electricistas, Técnicos de Desenho e Empregados de Escritório) para os seguintes Plenários a realizar:

AMADORA
3.ª-Feira, dia 15 de Abril, às 20,30 horas, na Rua D. Dinis, Lt. 7
Junto à Minabela — Reboleira

TORRES VEDRAS
4.ª-Feira, dia 16 de Abril, às 18,30 horas, no
Clube Artístico e Comercial C. A. C.

CACÉM
5.ª-Feira, dia 17 de Abril, às 20,30 horas, no
Salão dos Bombeiros Voluntários da Agualva
Largo da Agualva

ALHANDRA
Sábado, dia 19 de Abril, às 20,30 horas, na
Sociedade Euterpre Alhandrense — Largo Serpa Pinto

com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Discussão do Anteprojecto do Contrato Colectivo de Trabalho (Vertical)
2.º Verticalização

Estes Plenários são Verticais, por isso terão a participação de representantes dos Sindicatos dos Metalúrgicos, Electricistas, Técnicos de Desenho e Empregados de Escritório e ainda da Federação dos Metalúrgicos.

NOTA: É indispensável a apresentação do cartão de sócio dos respectivos Sindicatos.

— PARTICIPA NA DISCUSSÃO DO NOSSO CONTRATO!
— EM FRENTE PELO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO!
— EM FRENTE POR UM SINDICATO VERTICAL!

Lisboa, 11 de Abril 1975

AS DIRECÇÕES DOS SINDICATOS

GARAGEM OU ARMAZÉM

PRETENDE-SE ALUGAR NA ZONA PRÍNCIPE REAL OU BAIRRO ALTO

Pretende-se alugar garagem ou armazém com possibilidade de recolha de carros, com capacidade mínima de 10 a 12 carros, na zona do Príncipe Real, Bairro Alto, Santa Catarina ou São Bento. Aluguer imediato. Resposta indicando local e condições ao n.º 1564.

Medicina

OS INVESTIGADORES CONCLUIRAM QUE MUITAS PESSOAS SURDAS PODEM SOFRER ALUCINAÇÕES AUDITIVAS

Médicos de Boston e dos «Veterans Administration Hospitals» noticiaram que alguns dos seus doentes completamente surdos ouviam canções de Natal, hinos, sinos e música de «rock and roll». No entanto não eram doidos. Médicos internos concluiram que algumas pessoas surdas sofrem, por vezes, alucinações auditivas sem que,no entanto, estes sintomas sejam de natureza psiquiátrica.

Os Médicos de Boston afirmam que a maior parte dos médicos, quando enfrentam doentes que afirmam ouvir música, consideram os sintomas como sendo originados por epilepsia, tumores cerebrais,, lesão cerebral provocada por alcoolismo crónico ou perturbações mentais, tais como, psicose ou esquizofrenia. As alucinações auditivas afectam muitas vezes doentes paranóicos que descrevem as vozes que ouvem com indicações de uma natureza ameaçadora.

A diferença entre este tipo de doente com alucinações auditivas e aquele que não tem qualquer doença física ou psíquica é que ao doente «saudável» não é possível aplicar-se-lhe qualquer terapêutica para o libertar das alucinações que sente.

Mas, se lhe for assegurado que «não está a perder as suas faculdades mentais», a maior parte dos surdos recupera rapidamente.

Unicamente uma mulher se queixou que, depois de ser surda durante 20 anos as canções de Natal não a deixavam dormir.

JM MÉDICO DE CHICAGO DESCOBRIU QUE A MARIJUANA PODE SER PREJUDICIAL PARA ALGUNS DOENTES CARDÍACOS

Um investigador de Chicago revelou que a droga marijuana acelera o ritmo cardíaco e aumenta o fluxo sanguíneo e que pode ser perigosa para as pessoas que sofram de certas perturbações cardíacas. O dr. Charles Kanakis Jr., professor assistente de Medicina na Escola de Medicina Abraham Lincoln informou, baseado num estudo em 19 homens, de idade compreendida entre os 22 e os 30 anos, que o ritmo cardíaco se acelerava bastante nos consumidores daquela droga mas que a pressão arterial se apresentava inalterável. Kanakis disse que nos consumidores de marijuana o coração gastava menos tempo a desenvolver a pressão para abrir a válvula e mais tempo para expelir o sangue, indicando tais ocorrências que, provavelmente, expelia mais sangue a cada pulsação do que o normal.

O médico crê que aquele facto não seja indicativo de riscos, e pode até ser uma boa terapêutica para alguns doentes cardíacos.

Para outros doentes, no entanto, tais como os que apresentem perturbações da artéria coronária pode ser fatal.

A RESPOSTA DO ORGANISMO AO MEDICAMENTO ESTA RELACIONADA COM O LOCAL EM QUE AQUELE FOR INJECTADO

Médicos europeus e americanos fizeram uma surpreendente e nova observação que vem modificar os conceitos tradicionais quanto à prática médica convencional de injectar drogas nos músculos dos braços e das nádegas. Os médicos informaram que a quantidade de droga que chega ao sangue depende do músculo em que for injectada.

A maior parte das drogas injectadas alcança mais rapidamente o sangue quando são injectadas nos músculos dos braços do que quando injectadas nas nádegas.

Embora os resultados não sejam aplicáveis a todas as drogas a serem injectadas, as novas descobertas ajudam a determinar em que parte do corpo enfermeiros e médicos deverão injectar muitas das drogas, particularmente aquelas que são administradas em situações de emergência.

UM PÂNCREAS ARTIFICIAL

Tem-se desenvolvido um sistema que controla contínua automaticamente o açúcar no sangue dos doentes diabéticos e, por outro lado, estimula a actuação normal do pâncreas. No «University Medical Center» em Ulm, West Germany foi instalado um dessses sistemas onde tem sido utilizado com bastante sucesso no controlo dos doentes diabéticos em estado grave.

O sistema consiste num analisador para uma micromedição do açúcar no sangue, um microcomputador para um cálculo preciso da insulina ou da glicose necessárias para manter o nível do açúcar do doente dentro da normalidade um sistema de transferência para a infusão em doses exactas.

Mantém o nível normal do açúcar no sangue do doente diabético independentemente da dieta ou do «stress» — em nivel de controlo fisiológico que raramente se consegue com uma dieta convencional ou pela terapêutica da insulina.

Este sistema de libertação da insulina tem aplicações importantes na pesquisa da diabetes, nos centros de treino de tratamento, e especialmente no tratamento de diabéticos sensíveis à insulina e de doentes diabéticos em coma, sujeitos a intervenção cirúrgica, à dialise renal ou que estão cravidas. O sistema é também um passo em frente para desenvolvimento de um pâncreas artificial que poderá ser usado pelos doentes diabéticos.

MSD Colaboração dos Serviços Profissionais da MERCK SHARP E DOHME

EXAMES DE SAÚDE "PUSH-BUTTON" PODEM PREDIZER DOENÇAS LATENTES

Por **WALTER FROEHLICH**

«Dorme bem esta noite?»

. «Considera o seu apetite normal»

. «Costuma ter dores toráxicas?»

. Uma a uma, estas e outras perguntas aparecem num «ecran» de televisão. John Blink (que não é o seu verdadeiro nome), lê cada pergunta, depois carrega num botão com a legenda «Não», existente no teclado à sua frente.

«Tem tosse persistente?»

Carrega no botão «Sim».

Em vez de saltar para outro assunto, o «ecran» da TV apresenta uma série de perguntas relacionadas.

«Há quanto tempo tem essa tosse?» «Sente algum aperto no peito quando tosse?»

Nenhum outro ser humano participa nesta «conversa» entre John Blink e a máquina. Finalmente, o questionário acaba com esta mensagem no ecran:

«Muito obrigado. Isto completa a obtenção da sua «história médica». A informação ficara confidencial — só o seu médico a verá. Siga, por favor, a seta para a sala contígua. Aí, começará o seu exame médico».

De caminho, John Blink passa através de um raio de luz, que põe em funcionamento um interruptor electrónico, o qual provoca o início de uma mensagem gravada. De acordo com as instruções emanadas de um altifalante, John Blink retira de uma prateleira uma máscara de borracha, coloca-a no rosto, e sopra para dentro desta, com tanta força quanto possível.

Um tubo liga a máscara ao espirómetro, um aparelho que mede a «capacidade pulmonar» — a quantidade de ar que os seus pulmões podem reter de uma só vez, e a quantidade que eles podem expelir numa só expiração. As medições podem fornecer «chaves» para a doença pulmonar. John Blink inspira fundo, e, depois, torna a expirar, conforme as instruções.

Então, a voz do altifalante formula outro pedido: «Dispa-se, por favor, até à cintura, segure as suas roupas na mão e siga a seta até à sala seguinte, para fazer uma radiografia ao tórax...»

Alguns observadores qualificados chamam a isto «a medicina push-button». Queixam-se de que ao exame médico, sem médico, falta a relação humana, indispensável para bons cuidados de saúde.

Outros observadores mais diferenciados, que aparentemente se integram na esmagadora maioria, dizem que a automatização é necessária, se se quizer proporcionar a toda a gente «checkups» médicos periódicos.

Argumentam que um exame médico de rotina é, principalmente, uma actividade de recolha de informação e que não haverá no futuro, que se prevê, médicos suficientes para fazer estes «checkups» a toda a gente. Ao deixar que as máquinas o façam, libertar-se-á os médicos, de forma a poderem dispender a maior parte do seu tempo e capacidades no tratamento de pessoas que estão doentes.

Os médicos, evidentemente, hão-de estudar o resumo do exame de cada doente, feito pela máquina, interpretam os resultados e recomendam ou actuam, na medida em que achem necessário, com base nos resultados do exame. Mas têm de ocupar pouco tempo com doentes saudáveis.

No entanto, a tecnologia para «checkups» de saúde, completamente automáticos, não acaba aqui. Ainda se necessita da assistência de técnicos ou de enfermeiros para muitos exames vitais. Mas casos, como o acima descrito, acontecem todos os dias nos «centros de rastreio sanitário» e nos hospitais e clínicas dos Estados Unidos.

O Instituto de Investigação de Stanford, na Califórnia, uma organização particular independente, que analisa os rumos científicos e sociais, calcula que o número de pessoas, que rotineiramente usufruem das facilidades do «check-kup» de saúde semi-automático nos Estados Unidos, aumentará de 250.000 em 1973, para mais de 17 milhões em cerca de 10 anos. O Instituto antevê a existência nos Estados Unidos, de 250 centros deste género, em 1975, e de mais de 1000 em 1980.

Entre as vantagens estaria a que um computador, ligado aos instrumentos do exame, pode registar, guardar e analisar todos os resultados do exame, e fornecer ao médicio uma ficha — um resumo legível, posto instantaneamente à disposição pelo computador.

A simplicidade do processo e menor despesa — cerca de 1/3 da do exame médico completo convencional — pode encorajar os doentes, que evitam ir ao médico a não ser que tenham sintomas de doença grave, a fazer «checkups» de saúde frequentes. Assim pode-se descobrir as doenças nos seus estádios mais precoces, altura em que o tratamento é normalmente mais eficaz.

Dado que o computador tem uma vasta capacidade de armazenagem de informação, é possível proporcionar a cada doente, em cada exame de rotina, uma maior variedade de testes, do que se o registo dos dados fosse feito manualmente.

Ao facto de proporcionar muitos diferentes tipos de testes em cada uma das séries dos «checkups» de saúde periódicos — e ao processar electrónico dos resultados dos testes — chama-se «rastreio multifásico», e tem aberto novos horizontes na medicina.

Ao preparar o seu resumo, o computador compara automaticamente os resultados com normas baseadas em médias de pessoas saudáveis com a mesma idade, peso e outras características relevantes. A ficha chama especial atenção para quaisquer desvios significativos destas normas, e também indica a possível razão para desvios, tais como situações de doença específica. O médico pode, então prosseguir o exame com testes, que rejeitarão — ou confirmarão — tais doenças, e, se necessário, prescreverá tratamentos.

O computador também compara os resultados do último exame de um doente com os registos arquivados dos exames anteriores do mesmo doente. Assim, alterações subtis, que, de outro modo, passariam despercebidas, podem dar indícios de um possível início de processos de doença.

O exame de um doente, por exemplo, pode mostrar que o seu peso, pressão sanguínea e química do sangue estão «normais» — como na maior parte das pessoas saudáveis. Mas a comparação com os resultados dos exames anteriores do mesmo doente mostra um aumento ou uma descida gradual no peso ou na pressão sanguíneas, e alterações na química do sangue, ao longo de vários exames. Uma tal tendência poderia indicar que o doente está a caminhar na direcção de uma anomalia e para uma possível situação de doença.

Se os registos fossem feitos manualmente, a procura de tais rumos seria incómoda e dispendiosa.

Uma análise de tendências, deste tipo, torna possível a previsão do início da doença, antes que quaisquer sintomas se tornem aparentes ao doente.

Esta «medicina predictiva» é particularmente valiosa em países como os Estados Unidos, em que as doenças crónicas substituíram as doenças infecciosas, como causa principal de doença e de morte. As doenças crónicas aparecem, frequentemente, de uma forma lenta e quase sem serem percebidas, e quando o doente toma consciência da sua doença, esta pode já estar num estado demasiado avançado, para poder ser controlada.

O rastreio multifásico, acompanhado da «medicina predictiva», foi iniciado nos Estados Undiso há mais de 20 anos. À medida que os registos do doente se foram acumulando, o valor da técnica tornou-se cada vez mais evidente.

O Plano Sanitário e Hospitais da Fundação Kaiser, na Califórnia, começou estes exames em 1951, e está, presentemente, a investigar, por mês vários milhares de pessoas. Alguns sindicatos têm iniciado programas de rastreio para os seus membros e famílias, assim como algumas organizações industriais o têm feito para os seus empregados. O Plano de Seguros de Vida da Grande Nova Iorque, inaugurou recentemente um Centro de Investigação de Saúde Multifásico.

Os planificadores de Saúde prevêem o tempo, em que uma rede global de comunicações ligará a maior parte dos computadores médicos, de forma a que a infor-

Continua na pág. 18

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

BRECHT COM SAMBA DENTRO

«GALILEU GALILEI», de Bertold Brecht. Criação Colectiva da Comunidade Oficina-Samba. Orientação de José Celso Martinez Correia. Figurinos: Geraldo Touché e Mariana Monteiro. Objectos de Cena: Joel Cardoso e Bebel. Cenografia: Caco Caetano, Ana Heleno Camargo e Corpo de Bombeiros Sonoplastia: Celso Lucas e Zé Celso. Iluminação: Trabalhadores do Teatro S. Luís. Intérpretes: José Celso, etc. Teatro S. Luís. 5/4/75.

O tempo antigo acabou — eis agora o tempo novo.

B.B.

Um espectáculo com muito de improvisado (no mau sentido), de caótico, de infantilmente provocante, de pseudo-revolucionário — com algumas ideias e com soluções cénicas que mereceam bastante mais do que a indiferença e o desinteresse com que foi recebido. Para além de Brecht, claro, que serviu sobretudo, e nos servirá nesta crónica, como ponto de referência. Comecemos, pois, por eliminar esse motivo de fricção: o «Galileu» de José Celso tem pouco a ver com o «Galileu» de Brecht, em alguns dos seus aspectos coloca-se mesmo numa perspectiva oposta à perspectiva de Brecht — só aceitando esse ponto de partida (o da liberdade de recriação) poderemos tentar entender algumas das implicações suscitadas pelo espectáculo brasileiro.

Espectáculo brasileiro — será esta uma primeira achega para o seu entendimento. As liberdades linguísticas introduzidas no texto jogam com as próprias liberdades da escrita cénica — e uma e outras têm muito a ver com vivências específicas, com formas determinadas de cultura.

O espectáculo que vimos — o terceiro no S. Luís — começou no Largo de Camões, onde, meia hora antes do horário, alguns jovens dentro do programa aguardavam a chegada dos artistas. Estes chegaram com bandeiras (vermelha, negra, amarela, verde), com instrumentos musicais, com um grande letreiro onde se lia: «Comunidade Oficina Samba Saúda A Revolução Portuguesa E Pede Passagem», com cheiro de incenso queimado e sobretudo com música e canções. Os artistas fazem roda à volta da estátua e esta figura geométrica não acontece por acaso, será uma das figuras fulcrais da marcação de José Celso, referência evidente a toda a problemática da peça (a negação da terra como centro do universo, a substituição dela pelo homem como centro).

O cortejo — artistas e público — dirige-se para S. Luís, cujas portas estão fechadas. É estranho porque ainda há meia hora a realização do espectáculo estava prevista. Momento de «suspense». As senhoras da bilheteira dizem que uma coisa daquelas (o espectáculo) nunca se viu naquele teatro! Os artistas, no átrio, tocam e cantam enquanto José Celso parlamenta com uma autoridade qualquer. Problema resolvido, o espectáculo pode começar. Escassas dezenas de pessoas, talvez umas cem, algumas das quais já viram o espectáculo mais do que uma vez.

Como poderá o espectáculo aguentar o vazio, a arquitectura, os dourados e os veludos de uma sala feita para outra civilização. Aqui, teremos que admitir, trata-se de um erro: na impossibilidade de arranjar outro espaço, José Celso tentou conquistar este, afrontando-o. Os actores ocupam camarotes, desdobram bandeiras, há uma rampa que desce do palco (verifica-se nesta «ocupação» um paralelo curioso e certamente casual com uma cena de «A Noite de 28 de Setembro» representada no Centro Cultural de Évora). Também nesta marcação se procura rodear o público com um círculo cuja função simbólica já apontámos.

Esta tentativa de adaptação a um espaço inadequado e também a um outro tempo histórico (fala-se do passado e ouve-se um fado de Amália), dificilmente poderia resultar. Não podemos dizer que o espaço tenha devorado o espectáculo, que os veludos tenham abafado os sons do espectáculo, que os dourados tenham dominado a agressividade do espectáculo — houve, no entanto, um desfasamento, um desencontro que prejudicou gravemente a sua intencionalidade e a sua carga comunicativa. Sentiu-se excessivamente o esforço dos actores nesse sentido, o que se sobrepunha pateticamente à própria clarificação do discurso cénico. «Galileu Galilei» é uma peça dividida em 15 quadros, a encenação de Celso em 12 (relacionação com os planetas do sistema solar), mais 1. Como se sabe, Brecht analisou nesta peça a trajectória de Galileu desde a descoberta que **a terra gira alegremente à volta do Sol, e as peixeiras, os comerciantes, os príncipes e os cardeais, e o próprio Papa, giram com ela,** até à aceitação aparente da submissão ao Poder (identificado com a Santa Inquisição), embora subterraneamente Galileu continue a lutar escondendo uma cópia dos seus trabalhos, cópia que um discípulo salvará.

Duas das linhas mestras da obra de Brecht são definidas por esta fala de Galileu: **As verdades mais respeitadas, agora batemos-lhes familiarmente no ombro; do que jamais fora posto em dúvida, hoje duvidamos. Isto provocou uma corrente de arte que, se assim se pode dizer, levantou os vestidos bordados dos príncipes e dos prelados: podemos ver as suas pernas gordas ou esquálidas iguais às nossas. (...) De um dia para o outro, o universo perdeu o seu centro e adquiriu muitos outros. De tal maneira que cada um de nós pode ser considerado o centro...**

A terra deixou de ser o centro do Universo; Deus não está no céu porque não há céu; o homem é igual a outro homem, independentemente da sua posição pessoal e do seu poder. O homem está no centro das coisas. É esta concepção antropomórfica que José Celso vai seguir, e sublinhar, no seu trabalho, tanto quanto nos pareceu. Desmistificada a situação da terra como centro do Universo e a da função religiosa como centro do poder, o homem ocupa esse centro. O homem aqui personificado em Galileu trabalhador incansável, cientista que assume um combate político, animal sensual e amante da vida. É assim que José Celso (Galileu) surge como o centro do espectáculo. O que poderia ser um reflexo de narcisismo, de culto da personalidade e de vedetismo tem aqui uma função cientificamente determinada a de consagrar a transformação do mundo pela passagem da história a uma nova era. Há um momento, contudo, em que mesmo essa passagem é insuficiente, em que esse novo sistema é incorrecto porque é incompatível com a dialéctica da história: é então que Galileu deixa de ser o centro, os espectadores são chamados ao palco, e são agora eles que formam o círculo, mas devem ser eles também o centro. A história não é feita pelo homem, é feita pelas massas. Cena fundamental mas cena falhada porque procura uma libertação ilusória, uma participação falsa do espectador (um espectáculo brechtiano a participação é feita através do entendimento, ocupação que deve ser simultaneamente uma forma de prazer).

O espectáculo do «Oficina-Samba» é muito prejudicado pelo simplismo de algumas soluções, pela tentação de tornar directo e imediato o que deve ser distanciado e crítico, pela utilização de sinais elementares. Em contrapartida, algumas soluções e alguns sinais são muito bem achados e demonstram a capacidade de Celso como criador teatral. A cena do Carnaval que aparece como desmascaramento do real; o diálogo do Papa com o Inquisidor-Mor em que aquele surge nu em cena e à medida em que vai sendo vestido e paramentado vai-se distanciando de Galileu, deixa de apoiar as suas ideias, os seus trabalhos. Esta cena é de Brecht, simplesmente Celso deu-lhe o tempo certo, o ritmo que a torna opressiva, e exprime nela a força dos objectos e dos sons, a materialidade das coisas, que é fundamental em Brecht. Essa materialidade é expressa também com muita simplicidade e eficácia pela pedra que Galileu não larga (**a sua pedra da evidência**). Uma outra imagem admirável é a do poder hierarquizado em que os actores se colocam em forma de pirâmide, com o Papa no vértice e os trabalhadores na base. A produção vai de baixo para cima e a distribuição de cima para baixo: o pão que os trabalhadores produzem e que é absorvido pelos que estão no alto, chega apenas em forma de parcas migalhas a esses trabalhadores. Essa forma estática, em que o poder hierarquizado parece eterno como Deus no céu, é desfeita pela descoberta de Galileu, que não tem apenas consequências científicas mas também sociais.

O círculo como símbolo do sistema ptolemaico, primeiro; copérnico, depois; Galileu como centro, e depois como parte como símbolo do poder do homem contra o sistema; o movimento constante do espectáculo como símbolo de que tudo se move, asserção que Galileu é obrigado a renegar; a interligação, nem sempre correcta, de objectos e de sinais de várias épocas (desde a máscara antigás do Papa até à saudação nazi, passando pelo retrato de Nixon e pela voz de Salazar) como símbolo de que esse movimento é também histórico; o uso do objecto como símbolo da materialidade — são algumas das linhas principais desta leitura de »Galileu Galilei». Outra linha é constituída pela actualização política da peça (cena da tortura marcada por experiências vividas, última cena em que os actores mostram os passaportes com os quais já não podem entrar no seu país).

Leitura irregular, por vezes primária, por vezes profunda, leitura que não substitui uma encenação rigorosa do texto à luz das teorias brechtianas, o trabalho de José Celso é naturalmente polémico. Um Brecht com samba dentro, um Brecht que passou pela contra-revolução de signo nazi que mergulhou o Brasil no **tempo antigo**, não é uma opção — é uma fatalidade geopolítica.

Um bom trabalho de interpretação de José Celso, bem acompanhado por três ou quatro actores cujos nomes ignoro num conjunto que não brilha pela homogeneidade.

SERVIÇOS TÉCNICOS

ESPECIALIZADOS
EM REPARAÇÕES
DE **RÁDIO E TV**
SERVIÇO DOMICILIÁRIO
RÁPIDO
Largo D. Estefânia, 12-D
Telefs. 48856/534536 - Ext. 4
LISBOA

Guarda Nacional Republicana

COMANDO GERAL

2.ª REPARTIÇÃO

Lisboa, Carmo, 9 de Abril de 1975

CONCERTO DA BANDA DE MÚSICA DA GNR NO TEATRO MUNICIPAL DE S. LUIZ

No sentido de dar o seu contributo para a dinamização de cultura popular, a Banda de Música da GNR oferece uma série de concertos ao Povo de LISBOA, a realizar no Teatro S. LUIZ, o primeiro dos quais no próximo dia 16 às 21.30 horas.

A entrada é gratuíta, podendo o público desde já levantar os bilhetes na portaria do quartel do Carmo e na bilheteira do Teatro no dia do concerto.

Televisão

Hoje

I PROGRAMA

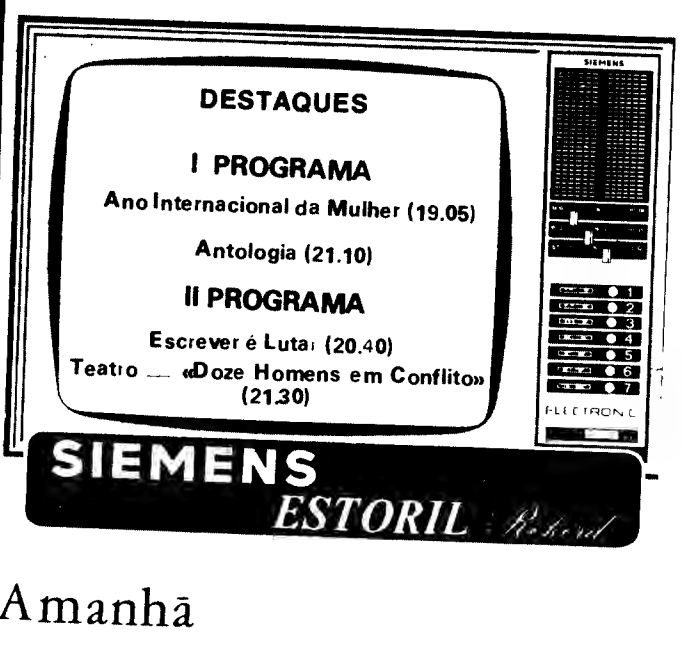
18.40 **TV Juvenil** — «Os Músicos de Bremen»
19.05 **Magazine do Norte** — Ano Internacional da Mulher
19.30 **Teledesporto** — reportagens e comentários dos acontecimentos desportivos de domingo.
20.00 **Telejornal** — 2.ª edição
20.30 **Propaganda Eleitoral** — Frente Socialista Popular (F.S.P.) e Partido Socialista (P.S).
21.10 **Antologia** — «A Morte de Sidonie Mertens» de Pierre Desgraupes. Realização de Marcel Cravenne, com Maria Casares, François Maistre, Claude Pieplu e Paul le Person.

No ano de 1967, Matilde Louise é acusada de assassinio...

23.10 **Esclarecimento Eleitoral**
23.25 **Telejornal** — 3.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
23.30 Fecho

II PROGRAMA

20.00 **«Ivanhoe»** — o célebre romance de Walter Scott dramatizado por Alexandre Barou. Realização de David Maloney — 6.º episódio — com Anthony Bate e Eric (Ivanhoe).
20.25 **Desenhos animados**
20.40 **Escrever é Lutar** — entrevista com João José Cachofel.
21.00 Telejornal — em diferido a edição das 20 horas transmitida no I Programa.
21.30 **Teatro** — «Doze Homens em Conflito» — de Reginald Rose. Tradução de Artur Ramos, Maria Helena Ramos e Brun do Canto. Realização de Artur Ramos. Intérpretes: Agostinho Alves, Luís Alberto, António Ramos, Brun do Canto, Joaquim Rosa, Manuel Cavaco, Amilcar Botica, Baptista Fernandes, Armando Cortez, Pedro Lemos, Carlos Santos, Jorge Listopad, David Silva e Branco Alves.
23.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

. . . . 12. 5: Abertura e comida, dinheiro e saude; **13.15**: Propaganda eleitor **13.30**: Telejornal; **13.45**: «Dominic»; **14.10**: Logo à noite; **14.20** Ciclo Preparatc TV — Educação Religiosa (1.º ano): **1 . 5**: Português (2.º ano); **15.10**: Educac visual (1.º ano); **15.35**: Educação Física (2.º ano); **16.00**: Iniciação à Ling Portuguesa (2.º ano); **16.25**: Ciências da Natureza (1.º ano); **16.50**: Histó e Geografia (2.º ano); **17.15**. Português (1.º ano); **17.40**: Trabalhos manuais (ano; **18.05**. Iniciação à Língua Portuguesa (1.º ano); **16.30**: TV Infantil . «Vo ao Mundo em 80 Dias»; **19.00**: Nome mulher — o voto das mulheres; **20.(** Telejornal; **20.30**: Propaganda eleitoral; **21.10**: Estudio aberto; **22.00**: Esclare mento eleitoral; **22.15**: Temas e problemas; **23.15**: Telejornal; **23.35**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura e «Dominic»; **20.30**: Comida, dinheiro e saude; **21.00**: Te jornal; **21.30**: Noite de cinema — «Hakuchi» («O Idiota»); **23.15**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNC
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Resultados e classificações

1.ª DIVISÃO

RESULTADOS:

. . Sporting-Oriental, 3-0; Belenenses-Cuf, 1-1; Olhanense-Espinho, 2-1; Académico-Boavista, 1-2; F. C. Porto-Leixões, 1-1; V. Guimarães-Farense, 3-0; V. Setúbal-U. Tomar, 2-1; Atlético-Benfica, 0-3.

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BENFICA	28	20	6	2	58-10	46
Sporting	28	17	8	3	58-22	42
F. C. Porto	28	17	6	5	56-29	40
Boavista	28	15	6	7	55-29	36
V. Guimar.	28	15	6	7	60-34	36
Belenen.	27	12	6	9	39-35	30
Leixões	28	10	9	9	29-31	29
Farense	27	11	3	13	36-46	25
CUF	28	8	9	11	31-37	25
V. Setúbal	28	9	7	12	38-35	25
Atlético	28	9	6	13	34-63	24
Un. Tomar	28	8	5	15	33-54	21
Oriental	28	5	9	14	20-48	19
Académ.	28	7	5	16	31-44	19
Olhanen.	28	5	5	18	37-63	15
Sp. Esp.	28	4	6	18	24-59	14

PRÓXIMA JORNADA (A 4 DE MAIO):

. . Sporting-Benfica, Oriental-Belenenses, Cuf-Olhanense, Espinho-Académico, Boavista-F. C. Porto, Leixões-V. Guimarães, Farense-V. Setúbal, U. Tomar-Atlético.

2.ª DIVISÃO

RESULTADOS

. . Braga-Varzim, 1-0; Fafe-Penafiel, 2-1; Famalicão-Paços Ferreira, 2-0; Sanjoanense-U. Coimbra, 0-0; Chaves-Tirsense, 0-0; Gil Vicente-Régua, 3-3; Alba-Riopele, 0-1; Vila-Novense-Feirense, 0-0; Salgueiros-Lourosa, 1-1; Beira Mar-Oliveirense, 1-0.

ZONA NORTE

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
SP. BRAGA	30	16	8	6	37-21	40
Beira-Mar	30	14	11	5	45-20	39
Varzim	30	15	8	7	47-21	38
Riopele	30	15	7	8	44-26	37
Famalicão	30	14	7	9	45-31	35
Sanjoanense	30	12	9	9	30-33	33
Penafiel	30	10	10	10	26-24	30
Gil Vicente	30	12	6	12	37-31	30
Salgueiros	30	11	8	11	42-41	30
Fafe	30	11	8	11	27-26	30
Régua	30	11	7	12	31-47	29
L. Lourosa	30	9	11	10	40-30	29
P. Ferreira	30	9	10	11	38-36	28
U. Coimbra	30	12	4	15	43-48	28
Alba	30	12	3	15	33-49	27
Desp. Chaves	30	8	11	11	26-33	27
Feirense	30	8	8	14	25-46	24
Vila-Novense	30	6	11	13	19-35	23
Oliveirense	30	7	8	15	28-45	22
Tirsense	30	8	5	17	26-46	21

PRÓXIMA JORNADA

Oliveirense-Braga, Varzim-Fafe, Penafiel-Famalicão, Paços Ferreira-Sanjoanense, U. Coimbra-Chaves, Tirsense-Gil Vicente, Régua-Alba, Riopele-Vila Novense, Feirense-Salgueiros, Lourosa-Beira Mar.

RESULTADOS

Caldas-Montijo, 1-1; Torriense-Portimonense, 0-2; Juventude-Estoril, 2-3; Almada-Estrela, 1-0; Torres Novas-U. Leiria, 0-0; Marinhense-Sesimbra, 0-0; Maritimo-Lusitano, 4-0; Sintrense-Odivelas, 1-0; U. Montemor-Peniche, 1-0; Barreirense-C. Piedade, 2-1.

ZONA SUL

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
ESTORIL	30	20	8	2	74-22	48
Barreirense	30	18	9	3	54-21	45
Marítimo	30	16	7	7	56-31	39
Portimonense	30	16	6	8	54-33	38
Montijo	30	15	6	9	47-34	36
Torriense	30	15	3	12	53-44	33
Caldas	30	10	13	7	45-30	33
U. Leiria	30	12	7	11	47-41	31
Sesimbra	30	11	9	10	28-37	31
E. Portalegre	30	8	13	9	26-34	29
Marinhense	30	8	13	9	37-27	29
Penicho	30	6	14	10	21-26	26
Almada	30	9	8	13	40-52	26
União Sport	30	10	6	14	31-43	26
Lusitano	30	8	9	13	28-49	25
Sintrense	30	7	11	12	20-39	25
Juventude	29	9	6	14	28-36	24
Torres Novas	29	7	8	14	25-52	22
Odivelas	30	7	4	19	34-63	18
Cova Piedade	30	4	6	20	17-51	14

PRÓXIMA JORNADA

. Cova da Piedade-Caldas, Montijo-Torriense, Portimonense-Juventude, Estoril-Almada, Estrela-Torres Novas, U. Leiria-Marinhense, Sesimbra-Maritimo, Lusitano-Sintrense, Odivelas-U. Montemor, Peniche-Barreirense.

NACIONAIS DE FUTEBOL

BENFICA A UM PONTO DO TÍTULO

Com a vitória de ontem na Tapadinha, nas condições que noutro local se registam, o Benfica fica apenas a um ponto da reconquista do título: e isto quando faltam ainda duas jornadas para o termo do campeonato, quando cada equipa tem ainda ao seu alcance a conquista de quatro pontos.. Acontece, no entanto, que os «encarnados» têm de viajar até Alvalade para depois receberem no seu estádio um «aflito» chamado União de Tomar. Isto significa que a equipa da Luz pode muito bem ir a casa do campeão «roubar-lhe» o título, bastando para tal não sair derrotado de Alvalade.

Em relação à jornada de ontem, há a assinalar dois factos menos normais: os empates que o Belenenses e o F.C. do Porto cederam nos seus estádios, frente ao Desportivo da Cuf e ao Leixões respectivamente; estes os dois resultados menos esperados da jornada, se tivermos em linha de conta que a vitória do Boavista na cidade do Mondego era tida e esperada como normal, tendo em linha de conta a diferença de classe entre os dois «onzes».

O Sporting, «escutando» a Tapadinha derrotou o Oriental por margem suficiente de golos (3), tendo Yazalde bisado nos tiros que acertaram no alvo. Esta nova derrota dos orientalistas vem criar um ambiente particularmente sombrio nas aspirações dos rapazes do Poço do Bispo, principalmente porque o Olhanense conseguiu livrar-se do Espinho e tem ainda ao seu alcance a probabilidade de apanhar não apenas os orientalistas mas também o Académico. Se nos lembrarmos de que na última jornada o Oriental tem de visitar a turma algarvia, poderemos admitir a hipotese de uma troca de lugares na classificação geral. Embora remota, esta hipotese tem de ser considerada.

Em Coimbra o Académico sofreu nova derrota, desta feita frente ao Boavista: resultado que (uma vez mais se afirma) apenas vem sublinhar a diferença de classe entre as duas turmas.

Em Setúbal, o Vitória local bateu o União de Tomar pela diferença mínima: ou tão apenas o realce que é devido fazer à luta que os menos pontuados estão a dar, na busca da fuga aos lugares perigosos.

Em Guimarães as turmas de dois Mários defrontaram-se num encontro em que apenas contava cumprir o calendário: tanto o Vitória minhoto como o Farense estão longe de estarem em aflição e daí que o espectáculo tenha sido agradável de seguir: O triunfo dos nortenhos aceita-se como normal. Nada normal foi o que se passou nas Antas, onde o árbitro Inácio de Almeida teve de receber dois pontos na cabeça por ter sido agredido, quando ia para dar início à segunda parte: tensão nas Antas, com um empate a um golo e o espectro da agressão física a entristecer um domingo de futebol.

Em Guimarães: Benje deu espectáculo

2.ª DIVISÃO

Na segunda divisão, dois encontros suscitavam particular interesse: o da zona Norte em que se defrontavam os «guias» e o da zona Sul em que o «guia» tinha de ir a Évora. No primeiro caso, o vencedor foi o «team» que jogou em casa (ou seja o Sporting de Braga) que logrou vencer por 1-0; no segundo caso o Estoril chegou a 3-0 com relativa tranquilidade, mas acabou por vir a sofrer nos minutos finais, quando Rui Paulino se magoou seriamente obrigando um seu camarada da frente a ocupar o seu posto; felizmente para os «estorilistas» que tudo isto aconteceu a dois minutos do final, lapso de tempo que chegou apenas para o Juventude marcar um único golo: o segundo.

De resto, em ambas as zonas, foi o doce cumprir de um longo campeonato...

ORLANDO DIAS AHUDO

Foi num lance muito parecido com este que Godinho conseguiu o empate para o Belenenses

Duda: os dois golos do Vitória sairam do seu talento

TUMULTO E PERSPICÁCIA

O jogo para a final do torneio de futebol «do clube multinacional», da África do Sul, disputado ontem em Joanesburgo entre as equipas «Hellenic» de brancos e a «Kaizer Chiefs» de negros, teve de ser suspensa durante 20 minutos por causa de tumultos surgidos nas bancadas dos espectadores.

A Polícia acorreu ao local para restabelecer a ordem, sabendo-se que ficaram feridos um juiz de linha e um agente da autoridade, em consequência de projecteis atirados pela multidão, de quase 40 000 negros e brancos.

O «Hellenic» ganhava por 5 a zero, quando o pandemónio começou, depois do árbitro britânico ter rejeitado um protesto da equipa negra, afirmando que o marcador do golo se encontrava fora de jogo.

Fred Davies completou 40 anos no desempenho do cargo de apanha-bolas do Clube de Futebol Shrewsbury, da quarta divisão inglesa, cujo campo margina o rio Severn.

Quando um pontapé mais violento atira a bola para a água, Davies vai buscá-la servindo-se do «coracle», minúsculo bote de coiro ou oleado usado pelos antigos bretões, que traz amarrado às costas.

Davies, que conta 63 anos, sucedeu ao pai neste serviço que tem poupado muito dinheiro a um clube pobre como o Shrewsbury e que a ele, além de um lugar cativo no campo, lhe rende um pequeno pagamento por cada bola que recupera.

Actualmente, uma bola de futebol custa na Inglaterra 15 libras (cerca de 900 escudos).

Polónia ganha ao Valência

. A selecção polaca de futebol venceu a equipa espanhola do Valência, por 3-0, num jogo de futebol particular, que serviu de preparação aos jogadores polacos para o seu jogo do próximo dia 19 frente à Itália, a contar para o Campeonato da Europa das Nações.

Ao intervalo os polacos venciam por 1-0.

Os golos marcados por Szarmach, Lato e Gorgon.

TOTOBOLA A CHAVE

Belenenses - CUF	X
Olhanense - Espinho	1
Académico - Boavista	2
Porto - Leixões	X
Guimarães - Farense	1
Setúbal - União Tomar	1
Atlético - Benfica	2
Braga - Varzim	1
Fafe - Penafiel	1
Famalicão - P. Ferreira	1
Caldas - Montijo	X
Juventude - Estoril	2
T. Novas - U. Leiria	X

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no CAFÉ REMO

Desta feita a bola não chegou a Yazalde; aliás o marcador estava feito

Desporto

ATLÉTICO,0-BENFICA,3

VERMELHO: A COR DA MODA

Por
NEVES DE SOUSA

. Tapadinha: invasão vermelha, sol a jorros, calor e refrescos. Birra contra os cartões federativos a ir por água abaixo: mas, perto de 400 contos a entrarem pelos cofres. Os micros a anunciarem, na turma da casa, um nome que parecia desconhecido: António Manuel. Afinal, tratava-se de Nogueira, titular em Alcântara: o disfarce seria para o abrigar de olhares graduados ou para funcionar como interrogativa perante o Benfica?

Por falar em Benfica, aqui temos uma verdade de ferro: a voos largos, tem apenas o degrau de um ponto a separá-lo do título. Ontem, num espectáculo com fases de empolgante réplica, firmou o prestígio e justificou o brilho do seu emblema: é (sem sombra de qualquer dúvida) a formação mais capaz, mais apta, mais compenetrada e mais bem dirigida, que se encaminha para o trono. Um técnico (PAVIC) que veio justificar a contratação, que é espelho de alto profissionalismo e bem sabe levar a água ao seu moinho: uma equipa com força nas pernas e o sentido da baliza contrária vincado em todos os componentes. E, para cúmulo, agora a contar de novo com uma «estrela» refulgente: Artur Jorge, que bem merece um aplauso de todo o tamanho, de cada vez que evocamos aquele fabuloso terceiro golo, todo feito de uma subtileza maviosa que só é interpretada pelos mestres do futebol.

CANDEIAS E ARTUR JORGE

Abriu-se a melancia com os rubros em tom cauteloso, no tacteio da fera que era necessário amansar. Extremos colados à linha e, logo ao lance inicial, Diamantino a aplicar uma «gambeta» em Esmoriz que marcaria, pelo tempo adiante, a sua superioridade no confronto. De tal maneira vincada que seria por intermédio do louro ponta, muito tempo «perdido» no vasto «plantel» benfiquista, que os vermelhos carrilariam o perigo maior para as redes de Lapa: esfrangalhada a frente defensiva, onde Caló e Franque (mau graudo o seu voto íntimo) eram companheiros de desdita do lateral direito. Salvar-se-ia, pelo tempo fora, um alcantarense em forma de espanto: Candeias, a sobrepor-se a todos os confrontos, a ocupar todos os olhares, a tentar os volte-faces possíveis e imaginários.

Dois-zero ao intervalo reflectia o espelho do «show»: superioridade técnica e táctica do Benfica, cadência de inconformismo alcantarense mais acentuada (para além de Candeias, evidentemente) num José Eduardo que é dos melhores praticantes da moderna geração, a carecer de um apelo para mais dilatados saltos.

Os tentos têm as suas histórias. Moinhos e Vítor Baptista a desbaratarem as hostes contrárias: bola em mim, bola em ti. Lapa e Esmoriz atordoados: Diamantino a chegar com a cabeça onde o guarda-redes não tocava com as mãos. No segundo golpe mortal, Toni a arrancar (de compasso e esquadro) um «canto» a primor. Humberto e o impagável Diamantino a tocarem por alto e, fulgurante, Artur Jorge a empurrar a bolinha para dentro do véu da noiva. O labor de Vítor Baptista, retalhando todo o meio campo adverso, encontrava na segurança defensiva do professor Humberto e do jovem aluno Bastos Lopes, mais num Messias sem a mais leve falha e um Barros discreto como os sabedores, todo o suporte que tinha o ângulo de incidência no barreirense Bento: que roçaria o topo da craveira em meia dúzia de paradas pictóricas.

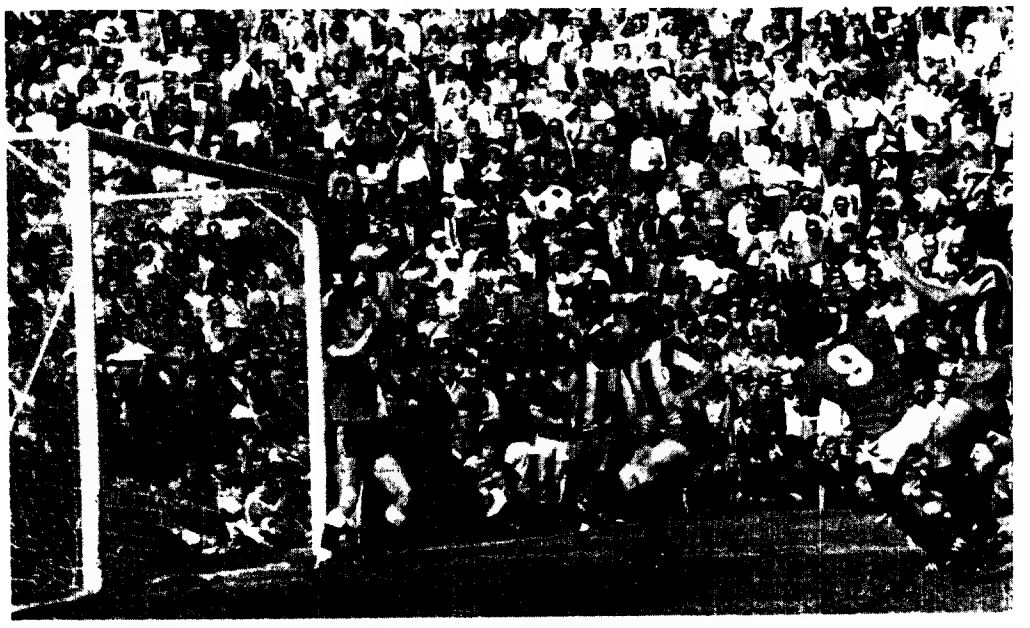
Mas, o Benfica não era apenas isso: ainda tinha um Simões que virava o jogo como queria (num fruto de experiência reunida durante anos); um Toni que se preparava para ser, no segundo período, a alavanca e o motor; um Moinhos a quem será difícil reconverter em reservista, tal a tenacidade com que aproveita a «chance» de se fixar entre os maiorais.

O Atlético, por parte de Luis Horta, José Eduardo, Vasques, Nogueira e Candeias ia dando o toque de florete na couraça que protegia os sabristas da Luz. Mas, era fraca a força (técnica) que se opunha ao dique dos camisas papoilas, embora os complementares 45 minutos introduzissem alterações no duplo xadrez e manifestassem (paradoxalmente) uma melhor coadjuvação entre os donos da relva. José Eduardo, com os bofes a fugirem pela boca, foi substituido por um estuante e generoso Belchior. Todavia, o terceiro golo era de tal modo esperado que apenas ergueu a multidão porque a meia-volta antológica de Artur Jorge foi um pequeno prodígio de graciosidade, uma figurinha de Sèvres na mesa rasa do grande banquete.

Candeias foi sempre o grande opositor da avançada benfiquista

. Prieto pegaria no posto de Arcanjo, que jamais acertara com a calibragem do disparo. Ibraim renderia Diamantino, que fora «tocado» sem maldade. Dois cartões amarelos saíriam da toca: para Toni (não na bola) e Nogueira (carga a puxar pró duro). 8.ª falência de Jailson era visível a olho nú: só que o treinador Carlos Silva não podia mudar «team» por «team». Nem tão-pouco, ir ajudar aquela defensiva que mais parecia um filtro que uma barreira.

Na outra banda, deixava-se correr o marfim: Toni (opulento) saltava da casca e Vítor Baptista prosseguia, sem qualquer acinte ou maldade, a mandar no seu castelo. Assim se chegaria ao termo do espectáculo, para satisfação de uns e conformismo de outros tantos. Tudo ante uma primorosa arbitragem da tripla mais coesa e apta do futebol português: António Garrido, Angelino Santos e Vítor Serra. Isso mesmo o compreendeu o público que, na maioria adepto dos donos da casa, raramente deixou de concordar com o perfeito critério julgador do melhor juiz do nosso quadro arbitral. Uma moldura rutilante, na hora e meia de festa.



O portentoso 3.º golo do Benfica marcado por Artur Jorge

HÓQUEI EM PATINS

Selecção recupera campeões do mundo

. Em entrevista ontem transmitida por Rádio Clube Português, Torcato Ferreira, o seleccionador-treinador da selecção nacional de hóquei em patins, revelou que irão muito possivelmente ser convocados para os treinos, nada mais nada menos do que os quatro campeões do Mundo que estão em inactividade, por não terem chegado a acordo com o Benfica na renovação do contrato.

A simples revelação desta possibilidade abre um mundo de considerações ao jornalista que pretende entender um pouco da modalidade ao mesmo tempo que deixa antever a injustiça de uma lei que prende o atleta amador ao clube a que se dedicou de alma e coração. No primeiro caso è evidente que Torcato Ferreira não ficou nada satisfeito com as exibições efectuadas na Suiça, no recente torneio de Montreux, procurando agora remediar um mal reconhecido e aceite com a convocação de elementos de classe insuspeita, não obstante a inactividade a que foram obrigados; no segundo caso é clara a ideia de que ele reprova por completo esta lei que atinge atletas amadores e que prejudica não apenas esses jogadores, mas a modalidade e a nível de representação nacional.

Refira-se ainda um pormenor: o simples facto de Torcato Ferreira ir chamar aos treinos da selecção (para o Torneio de Cadiz) os quatro campeões do Mundo, pode muito bem significar que todos eles estão dispostos a voltar à competição, com uma camisola bem diferente da que sempre vestiram. E Torcato sabe sempre as linhas com que se cose...

Modalidades

ANDEBOL: o recomeço do Campeonato Nacional de Andebol de Sete ficou assinalado com cenas lamentáveis e de condenar veementemente, registadas perto do final do encontro Belenenses-Porto. Agressões, recinto invadido e abandono de equipa nortenha fizeram com que ficassem por jogar 2 minutos e 44 segundos. Mais um problema a turvar as já escuras águas do andebol. Os resultados da jornada (17.ª) foram: Belenenses-Porto, 20-18; Campo de Ourique-Académico, 21-19; Passos Manuel-Beira-Mar, 15-13; Benfica-Técnico, 28-14: Vitória de Setúbal-Sporting, 12-16 e Almada-Desportivo de Portugal, 21-18. A classificação é comandada pelo Benfica, com 49 pontos, seguido do Sporting, com 46.

BASQUETEBOL: terminou o nacional de basquetebol, que registou na sua última jornada, os seguintes resultados: Sporting-Conimbricense, 62-49; Sangalhos-Cuf, 75-68; Académica-Benfica; 55-92; Académico-Belenenses, 85-66 e Algés-Porto, 54-65. No cimo da tabela já não podia haver alteração, uma vez que o campeão (o Benfica) já estava encontrado. O Belenenses acompanha a Académica na descisa de divisão, tendo Conimbricense e Académico de disputar os jogos de competência. O resultado final da prova ainda não é contudo definitivo, uma vez que está pendente o protesto apresentado pelo Benfica, referente ao jogo com o Porto.

RÂGUEBI: resultados da penúltima jornada do nacional:

Agronomia-C. D. U. P., 7-12; Académica-Benfica, 0-28; Belenenses-C. D. U. L., 33-6; Técnico-E Amadora, 12-0; Medicina-Direi 3-11; O Benfica tem o título qu assegurado.

HÓQUEI EM CAMPO: o Ber ca conquistou o título de campe regional, ao vencer o Atlético p 2-0. Outros resultados: Belene ses-F. Benfica, 2-1 e Palmen Hóquei, 5-0.

CICLISMO: na clássica P ris-Roubaix, a que concorreu a eq pa do Benfica, apenas José Mad ra, conseguiu chegar ao fim da p va, tendo os outros ficado pelo minho. Entretanto, em Amorobe (Espanha), os ciclistas da Coeli tiveram comportamento positi João Martins foi o 2.º classifica a 25 s dos vencedor; João Sa paio entrou em 12.º e Joaqu Andrade foi 13.º. Apenas sistiu Mário Silva. A partir de h disputa-se a Volta ao País Bas com a presença do Sporting e Coelima.

ATLETISMO: Adília Silvé foi a figura principal da prime jornada do Torneio de Abertu que a Associação de Atletismo disputar no Estádio Nacional. lançamento do peso, a atleta lec na bateu novo record ibérico, c 15,23 m. João Sequeira, iniciado Belenenses, bateu o máximo nac nal da categoria, nos 80 m bar ras, com 11,4 s. Ana Oliveira, Cuf, fez 4,43 m. no salto em com mento, marca que constitui n máximo nacional de infantis. A gunda jornada disputa-se sábad domingo, também no Estádio N cional.

CURSOS

● MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO / VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 16 - Abril
Informações e Matrículas no
Externato Continental
APROVADO PELO M. E. C.
Tel. 36 42 72
R. do Arsenal, 100-1.º

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

BRASÍLIA

UM NOVO CARRO
A MESMA MARCA

EM EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 23 HORAS DE 1 A 15 DE ABRIL, DIAS ÚTEIS

AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AVENIDA PADRE MANUEL DA NÓBREGA, 10-A

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL ÚNICA PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS

Convocam-se todos os trabalhadores deste SECTOR DE ACTIVIDADES para uma Assembleia Geral a efectuar:

— Dia 15 de Abril de 1975 às 21 horas no Pavilhão dos Desportos,

com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Discussão e aprovação da proposta final a apresentar aos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas.

NÃO FALTES!
NA UNIDADE A FORÇA DOS TRABALHADORES!

Lisboa, 11 de Abril de 1975

Grupo de Trabalho de Dinamização do C. C. T. Vertical para o Sector da Const. Civil Obras Públicas

Geral

Exames de saúde

ontinuação da pág 14

nação, depositada num computador qualquer, possa ser instantaneamente utilizável por qualquer outro. O registo médico de uma pessoa vítima de doença ou lesão longe de casa, ficaria imediatamente à disposição de um médico que a tratasse.

Os viajantes podiam fazer cartões de identidade electronicamente um computador para numerados, que um médico podia inserir desvendar a informação armazenada sobre esse doente.

Alguns observadores chamam a estes sistemas a «Medicina do Amanhã». Os componentes destes sistemas e a capacidade de organizar os componentes, de modo a formar estes sistemas, são já hoje uma realidade.

O MUNDO QUE NÃO CONHECE

Venha conhecê-lo na Rua D. Estefânia, 40, 2.º esq.º onde pode adquirir, pelo melhor preço, Electrónica, Relojoaria, Whisky, Tabacos, Perfumarias, Pronto-a-Vestir, Auto-rádios e Reprodutores de cassetes.

PROCURE-NOS NAS SUAS HORAS LIVRES OU DE TRABALHO

MANUEL MONTEIRO MOREIRA

m ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António antos Labisa)

AUTARQUIAS LOCAIS REUNIRAM-SE NA LOURINHÃ

Na Lourinhã realizou-se mais uma reunião das autarquias locias, promovida pelas Juntas de Freguesia do Distrito de Lisboa, tendo em vista a preparação das teses a apresentar no Congresso Nacional das Autarquias Lociais, a efectuar em Coimbra nos dias 30 e 31 de Maio e 1 de Junho.

Após o esclarecimento de certas dúvidas acerca das próximas eleições para a Assembleia Constituinte, aprovou-se uma mozão na qual se defende a continuidade do processo em curso no nosso País, preconizando-se uma «acção vigilante das massas populacionais no período de discussão da Constuinte».

No desenrolar dos trabalhos, os problemas das autarquias foram levantados e buscadas soluções para eles. A certa altura, surgiu a questão: «O vinho que vai para a Rússia sai a que preço? Será esse preço de interesse para nós ou eles mandam para cá alguma coisa em troca?»

2.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário LIC. ANTÓNIO LOPES FERNANDES COSTA

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de ontem, lavrada de folhas 3, a folhas 4, do livro n.º C-91, de «escrituras diversas» deste cartório, foi dissolvida e liquidada para todos os efeitos legais a sociedade que girava sob a firma «SAMORA & BARATA, LIMITADA», com sede em Lisboa.

VAI CONFORME

Lisboa, seis de Julho de 1974.

O AJUDANTE
João da Silva

SINDICATO DOS CONTÍNUOS, PORTEIROS E PROFISSÕES SIMILARES

SECTOR: Porteiros de Prédios de Rendimento

A Direcção convoca todos os trabalhadores, Porteiros, para uma Assembleia Geral no próximo

dia 15, pelas 21 horas na «Voz do Operário»

com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informações
2. Posição do Sindicato nas negociações da Portaria.

Camarada: NÃO FALTES. NÃO ESQUEÇAS QUE:

SÓS NADA SOMOS
UNIDOS VENCEREMOS.

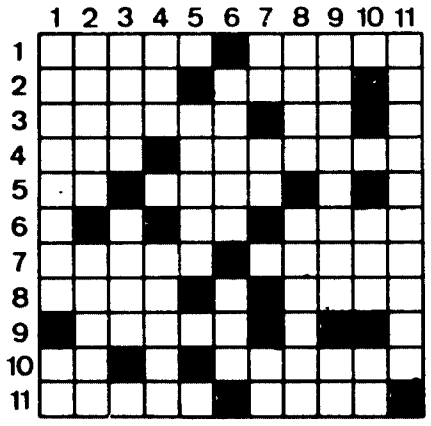
Lisboa, 11 Abril 1975

A Direcção

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA-LIVRARIA MAGALHÃES

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11058



HORIZONTAIS

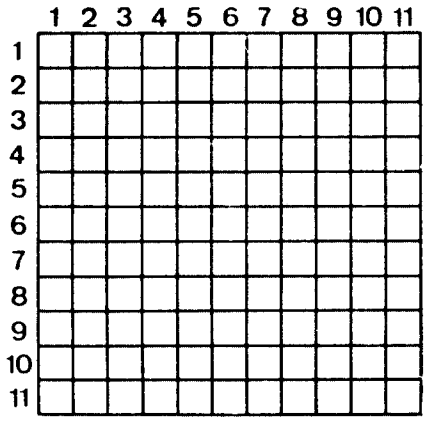
1 Passaro brasileiro. Magnetiza
2 Prender. Leal
3 Ria. Preposição
4 Irmão do pai. Deram urros
5 Artigo definido. Dá passos
6 Aqui. Peta
7 Freguesia do concelho de Torres Novas. Nome de frutos.
8 Mau. Caminhas.
9 Bafo
10 Cálcio (s.q.) Estavam em fogo
11 Empregara. Tempo do verbo ser

VERTICAIS

1 Aquele que salta. Cobre (s.q.)
2 Prendeis. Lusitanas
3 Cada fruto do cacho de uvas. Nome de um mês
4 Fava de um centímetro de diâmetro usada em quantidade diminuta como condimento. Pernão
5 Jamais
6 Veste com farda. Bondosa
7 Segundo. Rádio (s.q.) Reis
8 Montão. Semente de diversos frutos
9 Avisara do perigo. Caminhar.
10 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Em partes iguais
11 Alojassem em tendas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7216



HORIZONTAIS

1 Aerostato. Descascam
2 Ilha de Coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Remedeie
3 Hora canónica correspondente às quinze horas. Fluido aeriforme. Isolados.
4 Cloro (s.q.). Arrefecidas. Em a.
5 Cidade da Suiça. Aqui. Artigo definido
6 Mau. Prendes.
7 Preposição e artigo definido. Chefe etíope.
8 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Peça de Armadura que descia da cintura até aos joelhos (pl.)
9 Chefe da Igreja Católica. Tempo do verbo ir. Base aérea portuguesa
10 Dividis em toros. Pátria
11 Sisudas. Une

VERTICAIS

1 Secretária. Naipe das cartas de jogar.
2 Meter em atoleiro. Pequeno barco de recreio
3 Balela. Estrépito de desmoronamento. Justapor
4 O mais. Pequena árvore também chamada samouco. Apelido
5 Novelos. Autores.
6 Progenitor. Vila e concelho do distrito de Portalegre.
7 Arrancarias
8 Pertences. Vila e sede de concelho (Viseu)
9 Pelos de certos animais. Arraso
10 Nome de frutos. Bigorna de ourives.
11 Bancas. Dividira ao meio

OLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11057

ORIZONTAIS:

1 Camaratas.
2 Amaramos. Cá.
3 Sena. Imanar.
4 Tão. Agás. Li.
5 Or. Ibo. Aca.
6 Bei. Calas.
7 Corsário.
8 Camas. Iaia.
9 Al. Sara. Rum.
0 BOM. LIVRO.
1 Osso. Manua

VERTICAIS:

1 Castor. Cabo.
2 Amear. Calos.
3 Mano. BOM. Ms.
4 Ara. Sarei.
5 Ra. Abissal.
6 AMIGO. Rim.
7 Toma. Criava.
8 Asas. Aia. Rn.
9 Aloirou.
10 Calca. Au.
11 Farias. Mu.

ROVÉRBIO Bom livro, bom amigo

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7215

HORIZONTAIS:

1 Acra. Maçara.
2 Toa. Osos.
3 Er. Barcas.
4 Atracar. Aa.
5 Roeram. Alva.
6 Gr. Abater.
7 Álea. Sora.
8 Bari. Raros.
9 Am. S. M. Ruina.
10 Fão. Mua. Ad.
11 Asso. Arames.

VERTICAIS:

1 Atear. Abafa.
2 Corto. Lamas.
3 Ra. Reger. Os.
4 Barrais.
5 Maçã. MM.
6 Ramas. Ua.
7 Cr. Borrar.
8 Coa. Aarau.
9 Assaltariam.
10 Ro. Ave. Onde.
11 Asa. Arosa.

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado o vento era fraco e havia neblina em alguns locais

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	12º
P. DOURADAS	11º
COIMBRA	11º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	13º
FARO	17º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ANADIA
Máxima 24,5º

MONTALEGRE
Mínima 3,4º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13,9º
Atmosfera	12,6º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.36	3,7 m	11.10	0,9 m
17.50	3,7 m	23.32	0,9 m

Dia 15

6.09	3,6 m	11.46	0,9 m
18.24	3,7 m		

Dia 16

6.48	3,5 m	0.12	1,0 m
19.04	3,6 m	12.28	1,1 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado na orla costeira Ocidental a Norte do Cabo Carvoeiro e pouco nublado nas restantes regiões; vento fraco soprando moderado de Noroeste durante a tarde no Litoral e condições favoráveis à formação de neblina ou nevoeiro nas regiões a Norte do Cabo da Roca

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.01
OCASO ÁS 20.13

DIA 19 — DIA 25 — DIA 3 — DIA 11

BARS BOITES

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.** a actuar **GRAZIELA DE SIRTANAS** (Argentina)

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais. **T 26461/264526/264596/264621/264946**

HIPOPOTAMO Conjunto Hipopótamo. Encerra aos Domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A T. 48384**

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinees» todos os dias Encerra aos domingos. **Av. Duque de Loule, 69 T. 533117.**

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Noticiário Rádio Estudantil
18.00 Música variada
19.00 Campanha eleitoral
20.35 Calendário eleitoral
21.00 Musica portuguesa
21.45 Observação de teatro, por José Gil
22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
22.30 Musica variada
23.00 Leis, por Meneres Pimentel
23.30 Ultimo jornal

2.º Programa

16.00 Ópera
17.15 Solos de cravo
17.30 Música do século XX
18.00 Antologia sonora
18.40 Obras de Beethoven
19.00 Junção com o 1.º Programa
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Música de bailado
23.00 Música para dois pianos
23.32 Música de câmara
00.04 Música sinfónica
01.00 Fecho

Programa em Onda Media 2 — 397 m — 755 KHz

19.00 Junção com o 1.º Programa
21.00 Concerto sinfónico — no intervaol: canções de Shubert
23.00 O canto o os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
00.00 Música de câmara
00.20 Música coral
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Emissor de Lisboa Onda Média, 299,13 — 1034 KHz emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Media, 283,6 782 KHz — emissão contínua; Modulação de Frequência (principais emissores) Lisboa 97,4; Porto, 97,7; Portalegre, 98,9; Lousã, 90,8; Fóia, 86,1 e Mendro, 92 MHz

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Espaço musical
18.22 Música seleccionada
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.25 Leitura do programa
19.30 Espaço musical
21.08 Prgrama dos sócios
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Campanha eleitoral

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofonico de Portugal

Das **06.00** às **11.00** e das **19.30** às **22.00**

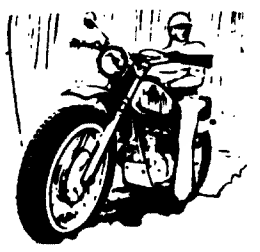
Radio Peninsular

Das **11.00** às **17.00**

Radio Voz de Lsiboa

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**

LEIA motor



farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 0-1

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

ALTO DE S. JOÃO
Vitális, Rua Morais Soares, 69 (tel. 841779)
ALVALADE
Marbel, Avenida de Roma, 131-A (tel. 776235).
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge,1(Galinheiras-Charneca) (tel. 790969).
ANJOS
Magalhães, Avenida Almirante Reis, 4 (tel. 49479).
Guerra, R. Andrade, 32 a 36 (Tel. 845513)
AREEIRO
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (à Praça do Areeiro) (tel. 727300).
AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53 (tel. 43938).
BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (tel. 783179).
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90 (tel. 847019).
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (tel. 666971).
OLIVAIS SUL
Antunes Rosas, Praça Cidade Luso, lote 199 (tel. 313610).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tels. 720703-728395).
RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos) (tel. 611814).
S. BENTO
Fénix, Rua Cruz dos Poiais, 52 (tel. 608531).
SETE RIOS
Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (tel. 778439).

TURNO 0-2

(TODA A NOITE)

ALVALADE
Belo, Avenida de Roma, 53-A (tel. 776314)
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (tel. 773043).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).
BAIXA
Estácio, Rossio, 60 (tels. 327067-324224).
BENFICA
Macedo, Estrada Poço do Chão, 69-C (tel. 703697).
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (tel. 680931).
ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (tel. 660955).
GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (tel. 862909)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (tel. 791131).
PICHELEIRA
Marluz, Calc. da Picheleira, 140-B/C (Tel. 720703 e 728395)
RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel. 681947).

SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente (tel. 638176).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião, 1-9 (tel. 48642).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. C.G.Guerra, 166 (T. 213953)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Até às 22 horas
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430485). Toda a noite
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
PAREDE
Macau, R.J.Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Até às 24 horas
S.JOÃO DO ESTORIL
S.João, Quinta da Carreira, 29-A (T. 261186). Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Lopes, R.Hangar, 3 (T. 260008). Toda a noite
CASCAIS
Nova, E.de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Toda a noite; Marginal, Av. Marginal (T. 280214). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T. 930019); Flama, R.Elias Garcia, 78-B (T. 932485); Confiança, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149)
DAMAIA
Damaia, P.Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)
CACÉM
Araújo e Sá, E.de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Misericórdia, Vila (T. 2930391)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250)
ALAMDA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 270271)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional 244-A (T. 2040141)
BARREIRO
Soares, Av. da Republica, 1 (T. 2073023)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R.Padre Manuel Bernardes, 1 (T. 2764466)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025)
MONTIJO
Higiene, R.José Joaquim Marques, 142 (T. 230370)

SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 67 (T. 229028)
SETUBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (T. 22783); Bonfim, Av. Rodrigues Lanitto, 12 (T. 24558)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

TURNO 10

ATÉ ÀS 22 HORAS

Batalha, Praça da Batalha, 26; Campo, Praça da República, 118; Costa Cabral, Rua de Costa Cabral, 1832; Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1463; Invicta, Rua do Bonfim, 330; Mira Paulo, Rua Castelo de Numão, 37; Barros, Rua do Bonjardim, 1292; Fátima, Rua Oliveira Monteiro, 475; Garantia, Rua Fernandes Tomás, 696; Sá, Rua Vale Formoso, 181 e Sarabando, Largo dos Lóios, 36

A PARTIR DAS 22 HORAS

Sá, Rua Vale Formoso, 181; Sarabando, Largo dos Lóios, 36; Costa Cabral, Rua de Costa Cabral, 1832 e Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1463

COIMBRA

Olivais, Rua Bernardo de Albuquerque; Universal, Praça 8 de Maio; Adriana, Praça da República

PASSE
UM FIM-DE-SEMANA
SEM CONTRATEMPOS

QUANDO ACORDAR
ESTARÁ NO ALGARVE

SERVIÇO DE CARRUAGENS-CAMAS LISBOA-ALGARVE

Barreiro-V.R.Sto. Antonio: sextas-feiras
V.R.Sto. Antonio-Barreiro: domingos
INFORMAÇÕES TELEF. 32 62 26

Caminhos de Ferro Portugueses

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«O Pá, Pega na Vasoura»

LISBOA/Cinemas

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Adeus Diango»
PARIS
21.15 (18 anos)
Minha mulher é doida»
OLÍMPIA
(18 anos)
«Chegam Django e Sartana e o Fioi»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Orgulho negro»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«Segredos Proibidos»
MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Terror de Lobishomem»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Viva a sua vida»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (13 anos)
«Um Crime no Expresso do Oriente»

OUTRA BANDA

ALAMDA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Uma Escrava É um Descanso»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Noite de Circo»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Criada para todo o serviço»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Roma antes de Cristo... depois de Fellini»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Experiência prematrimonial»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Dois homens na cidade»
VALE FORMOSO
21.30 (13 anos)
«Jesus Cristo Superstar»
CARLOS ALBERTO
21.15 (10 anos)
«O pistoleiro designado por Deus»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Cerimónia Solene»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os Difíceis Vinte Anos»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«A minha mulher é doida»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«As Bailarinas»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Os Perversos»
TRINDADE
c 21.30 (13 anos)
«Toda uma Vida»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Queridos Pais»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«O silêncio»
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Uma mulher e peras»
S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Toda uma Vida»
AVENIDA
20.30 e 23.00 (18 anos)
«Toda uma Vida»

Em ABRANTES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na firma Casaca e Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançalha

cinemas

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
LES VALSEUSES
(AS BAILARINAS)
Contém cenas eventualmente chocantes
Comédia à hora do almoço
Amanhã às 12.30 - 10 anos
AMERICANÍSSIMO

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Grupo C 14 anos
O ÚLTIMO COMBOIO DE GUN Hill
Kirk Douglas e Antony Quinn

APOLO 70
T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
PRIMEIRA PÁGINA
o grande filme de Billy Wilder
5.ª Semana

ROXY
T. 42872 14.00, 16.30, 18.45 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
DEMÓNIOS SOBRE RODAS
Com ou sem rodas elas procuram a emoção e o prazer

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EVA
Um dos melhores filmes Suecos do Ano
A primeira pedra o abuso da adolescência
Hoje sessão às 24 h

ALVALADE
T. 717480 15.30, 18.30, 21.15
Grupo D - 18 anos
O COMANDO ANTIDROGA
A Guerra explodiu no Harlem quando eles surgiram da sombra!

LIDO
T. 937593 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
CÓDIGO JUGGERNAUT

CINESTÚDIO
T. 937593 15.30 . 21.30
Interdito a menores de 18 anos
UM AMOR PASSAGEIRO

CINEMA 2000
ALGÉS 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
... E QUANDO O DINAMITE EXPLODE...
«Juntos são dinamite»

D JOÃO V
T. 971794 21.00
Interdito a menores de 18 anos
VIKING O SICILIANO

UNIVERSAL
T. 774402
Não acons. a menores de 13 anos
Às 14.30 e 20.30
OS FUZIS
De Rui Guerra
Às 16.30, 22.30.
Não acons. a menores de 13 anos
GREVE — OCUPAÇÃO
Às 18.30
Não acons a menores de 13 anos
ATTICA E TUPAMAROS

RESTELO
T. 610375 16.00, 21.00
Interdito a menores de 18 anos
O BEIJO
(Le Baiser)
Em 5.ª Semana
Com Maria Schneider

EDEN
T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JUNTOS SÃO DINAMITE ... E QUANDO O DINAMITE EXPLODE...
Terence Hill e Bud Spencer

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Para todos - maiores de 6 anos
ISTO É ESPECTÁCULO
Isto não é um filme é uma festa!
4.ª Semana

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
UM CRIME NO EXPRESSO DO ORIENTE

ROYAL
T. 865037 15.30, 21.00
Interdito a menores de 18 anos
LARANJA MECÂNICA

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
A PRIMA
Com Stefania Casini

ROMA
T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
A CASA DO PECADO
2.ª Semana

OXFORD
T. 2865027 16.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
TUDO FICOU EM FAMÍLIA

VOX
T. 720808 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
QUE NOITE DE NÚPCIAS
2.ª semana de êxito!

LUMIAR
T. 795296 21.15
Grupo D 18 anos
A NOITE DO TERROR CEGO

SATÉLITE
T. 562632 15.30, 18.30 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
IREI COMO UM CAVALO LOUCO
11.ª Semana

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
O CORDEIRO ENFURECIDO
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O CONFORMISTA
O Fascismo... A Traição... Os mortos...
Um filme de Bernardo Bertolucci
3.ª Semana

CONDES
T 322523 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
...girissimo, cruel, encantador, inteligente, erótico e... maldonissimo!
LES VALSEUSES
AS BAILARINAS
c/ Gerard Depardieu
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
(Int. a menores de 18 anos)
UM FILME EXCEPCIONAL
c/ Marga Lopez
MARCADA PELO DESTINO
A ODISSEIA DE UMA MULHER VÍTIMA DE UMA TERRÍVEL INFÂMIA DA AMANTE DO SEU MARIDO
(EASTMANCOLOR)

LONDRES
T. 801313 13.00, 15.45, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
LACOMBE LUCIEN
(O COLABORACIONISTA)
Uma história da resistência
Um filme de Louis Malle

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MULHERES APAIXONADAS

AVIS
T. 47163 15.30, 1830, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
ISCA HUMANA
com Tom Stern

CASTIL
T 530194 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
TUDO FICOU EM FAMÍLIA

CINEARTE
T. 660446 15.30 e 21.15
Grupo C - 14 anos
UM DÓLAR FURADO

ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
JULES E JIM
Um filme de François Truffaut

ESTÚDIO 444
T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
DOROTHEA
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

EUROPA
T. 661016 15.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
POR ORDEM DE MUSSOLINI

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30 21.15
Interdito a menores de 18 anos
OS MALDITOS

MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A MÁQUINA DO AMOR
Com Dyana Cannon

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 32115 4/5 32027 1/2/3
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

ESCOLA DA P.I.D.E. PASSA A CRECHE

. Trabalhadores do Instituto de Oncologia ocuparam, de sexta para sábado, as instalações da ex-Escola Técnica da ex-P.I.E./D.G.S., em Sete Rios e farão dela uma creche, esperando, neste momento, o necessário apoio do M.E.C., donde dependem os seus Serviços Sociais.

Esta ocupação fica a dever-se a uma espera de 25 anos, pois datam dessa altura as primeiras promessas de criação de uma creche para os filhos dos trabalhadores do Instituto. Chegaram, mesmo, a fazer-se inscrições. Uma das crianças inscritas, porém, já é, hoje, major da Força Aérea...

Os trabalhadores do Instituto de Oncologia pensam alargar os serviços da creche aos filhos dos trabalhadores da zona de Sete Rios.

Entretanto, como a nossa foto documenta, já algumas crianças foram confiadas à equipa de voluntários que, na ex-escola da P.I.D.E., fazem o «preenchimento simbólico» das instalações da nova creche.

OCUPAÇÃO PELA L.U.A.R.

Ao princípio da madrugada de hoje, e em acção conjunta com os operários e camponeses do Sobralinho, a L.U.A.R. ocupou a quinta do «Baptista», votada ao abandono há mais de 30 anos. Esta acção visa a instalação de um jardim de infância para os filhos dos populares da região

Primeiro contacto da África do Sul com a Frelimo

. CIDADE DO CABO, 14 (FP) . Um deputado sul-africano membro do Partido Unificado (oposição), Lionel Murray, encontrou-se com dirigentes da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), soube-se, sábado, na Cidade do Cabo. Trata-se da primeira reunião entre um politico sul-africano e a Frelimo.

Murray declarou que no final da sua visita «privada» a Moçambique e da reunião com a Frelimo, ficara com muitas esperanças de que a África do Sul e a Frelimo pudessem vir a estabelecer boas relações. Disse ainda estar convicto de que a África do Sul, em vez de continuar a condenar a Frelimo, devia, pelo contrário, preparar-se para lhe conceder o máximo auxílio na reconstrução de Moçambique.

Murray indicou, por outro lado, que ficara com a impressão de que os dirigentes da Frelimo não se tentariam ingerir, fosse de que maneira fosse, nos assuntos da África do Sul. Sefundo ele, o objectivo número um da Frelimo, é a reconstrução de Moçambique.

MACAU INTERMEDIÁRIO NO COMÉRCIO CHINA-AUSTRÁLIA

. MACAU, 14 — (ANI) — Dirigentes australianos manifestaram interesse em que Macau desempenhe o papel de intermediário nas compras que a Austrália efectuar à China — revelou uma funcionaria superior dos Serviços de Economia de Macau.

A aproximação comercial com a Austrália está a ser tentada, neste momento, pelo Governo de Macau, que sente a necessidade de aproveitar os mercados vizinhos.

Brevemente deslocar-se-á à Austrália uma missão comercial de Macau, que procurará obter facilidades de entrada para alguns produtos deste território.

Por outro lado, é aguardada ainda este mês em Macau uma missão australiana para consultas informais sobre o incremento das relações comerciais entre este território e a Austrália.

DIRECÇÃO-GERAL DA INFORMAÇÃO

A Direcção-Geral de Informação comunica que a partir de hoje, dia 14 de Abril, os Serviços Centrais do Ministério da Indústria e Tecnologia, incluindo os gabinetes do ministro, secretário e subsecretários de Estado, são transferidos do Terreiro do Paço para a Rua da Horta Seca, 15.

NÃO HÁ VIGILÂNCIA ESPECIAL NA FRONTEIRA PORTUGUESA

Segundo uma notícia publicada no diário madrileno «Informaciones», o Exército português teria reforçado a vigilância da fronteira, a partir do passado dia 10. Nestas funções, patrulhas militares teriam substituído, em grande parte, as habituais forças da G. N. R. e o facto estaria relacionado com as eleições gerais a realizar no dia 25.

Em contacto, esta manhã, com o Copcon, fomos informados de que a notícia só em parte é correcta: «de facto, assiste-se a um reforço de vigilância mas do lado espanhol da fronteira.»

. O facto de agora se verem mais patrulhas militares, do lado português, «não pode ser tomado como reforço especial de vigilância, que não existe».

VIOLÊNCIAS NA CAMPANHA ELEITORAL

Continuação da pág. 1

genário afecto ao P.C.P. (tiro numa perna também). Este último recomendava calma aos intervenientes quando foi atingido.

O comunicado cita os nomes de alguns dos agressores, entre os quais se encontraria o ex-presidente da Junta de Freguesia, demitido após o 25 de Abril.

CHOQUE NO PORTO ENTRE O C.D.S. E A L.U.A.R.

PORTO, 14 Na madrugada de anteontem, elementos do C.D.S. que faziam pichagens na Praça Marquês de Pombal, diante da sede da L.U.A.R., viram-se envolvidos por activistas desta organização no que um seu comunicado classifica como «confronto inevitável». Correrias, desforços físicos, retaliações.

Mais tarde soldados da P.M. deteriam ali um homem da L.U.A.R., Álvaro Ferreira Lipa, de 30 anos, metalúrgico, residente na Rua C, à Senhora da Hora, hoje presente ao Tribunal de Polícia. Há a registar danos em alguns carros estacionados na zona.

Também no Porto, na madrugada de ontem, verificaram-se na Avenida da Boavista no decorrer de uma manifestação promovida, ao que parece, pelos G.A.A.F.» Grupos de Acção Antifascista manifestação essa que saiu de junto do Castelo do Queijo cerca das 23 horas de sábado e se dirigia para a Praça de Mouzinho de Albuquerque.

O cortejo, em que se integraram mais de duas centenas de jovens, foi organizado para protestar contra o C.D.S., gritando os manifestantes palavras de ordem como «dissolução do C.D.S.»

. Já na Fonte da Moura os manifestações foram interceptados por forças militares. Gerou-se confusão e houve confrontações. Delas resultou que um soldado fosse atingido com uma pedra na cabeça, pelo que foi conduzido ao Hospital Militar. Depois de receber tratamento recolheu ao Quartel-General.

Entretanto os manifestantes, munidos de matracas e ferros, continuaram a subir a Avenida da Boavista. Ao chegarem um pouco mais acima do campo do Boavista, viram a sua marcha interrompida, dado que as forças militares e da P.S.P. haviam cortado todos os acessos com o fim de evitar que chegassem à rotunda da Boavista. Depois de dispersarem os manifestantes, as forças da ordem mantiveram-se naquela avenida até cerca das 3 horas.

Parece não haver ninguém detido.

VISEU FICOU ÀS ESCURAS

VISEU, 14 Cerca das 23 horas de ontem, na precisa ocasião em que o general Galvão de Melo, candidato independente proposto pelo C.D.S. neste círculo, usava da palavra num comício, a cidade ficou às escuras. Veio depois a apurar-se que um grupo de jovens não identificados havia irrompido na Central de Transformação e Distribuição dos Serviços Municipalizados e retirado dali os fusíveis, depois de haver agredido o guarda.

O incidente, rapidamente sanado, foi comentado pelo general Galvão de Melo como «um golpe da reacção». Enquanto esta usar tais «argumentos» acrescentou não haverá razão para receios.

ATAQUES AO P.C.P.

Cominicados de comissões concelhias do P.C.P. dão conta de novos ataques a candidatos e militantes seus. Locais: Quinta da Ferreira (Catanhede), Goães (Amares), Vale de Espinho e Nave de Haver (guarda).

Na aldeia gandaresa de Quinta da Ferreira teve que intervir um destacamento militar de Aveiro: o boicote à sessão do P.C.P., com a presença dos candidatos Alberto Vilaça e Vital Moreira (por Coimbra), ameaçava transformar os trabalhos numa agressão generalizada.

Em Goães, aos gritos de «Queremos religião, não queremos o comunismo!» e «Viva o P.P.D.!», contramanifestantes armados de paus, enxadas e pás impediram uma sessão de esclarecimento na quinta-feira e fizeram perigar uma caravana automóvel organizada no dia seguinte. Este último incidente foi «completado» com tiros disparados de um pinhal

O M.P.L.A. celebra hoje o Dia da Juventude de Angola, aniversário da morte em combate, em 14 de Abril de 1968, de Hoji ia Henda, durante o assalto à base portuguesa de Caripende, no Moxico. Hoji ia Henda era o nome de guerra de José Mendes de Carvalho, um dos pincipais organizadores da estrutura clandestina do M.P.L.A. em Luanda. Obrigado a refugiar-se no Congo-Brazaville, Hoji ia Henda foi membro do Comité Director, comandante da Região Politico-Militar de Cabinda e comandante das Forças Armadas do M.P.L.A., posto que ocupava quando morreu em combate pela independência de Angola

DIVÓRCIO

Milhares de assinaturas de apoio na Presidência da República

. Uma petição que traduz os desejos da grande maioria dos interessados na questão do divórcio foi hoje entregue na Presidência da República, pelo advogado Afonso Baptista de Carvalho.

Elaborada com base em milhares de pedidos, sugestões e alvitres, endereçados àquele advogado, solicita-se nessa petição o restabelecimento do divórcio por mútuo consentimento; a admissão da separação livremente consentida como fundamento de divórcio; a revogação da lei que restringe o casamento de militares com mulheres divorciadas; a constituição de um corpo de advogados públicos para dar assistência jurídica a quem a não possa pagar; a conversão da separação judicial em divórcio sem dependência de prazos nem notificação à parte contrária; a investigação obrigatória, oficiosa e gratuita da maternidade e paternidade ilegítimas.

CIDADE MARGINAL

MESMO FERIDO NÃO ESCAPOU

. Parece mentira, mas até foi verdade: aproveitando-se do estado físico em que se apresentava o jovem Carlos Moita que, vítima de uma queda da sua bicicleta, se encontrava inanimado sobre o empedrado da Rua Ribeiro Sanches, o carpinteiro João Ramiro, de 30 anos, natural de Olivais-Sul, despojou-o do casaco de veludo com 500 escudos e documentos vários. Só que não foi longe: alguns populares, que à distância tinham observado tão condenável atitude, caíram sobre ele dando-lhe logo ali o correctivo merecido (três ou quatro bofetadas e pontapés, em locais mais ou menos vulneráveis).

PISTOLA IMAGINÁRIA

Para atingir o saguão, onde funciona o armazém de um pronto-a-vestir da Calçada do Combro, o planificador Carlos Carvalho entrou na residência de um casal morador no andar de baixo, ameaçando os dois cônjuges de morte com um corta-vidros que dizia ser uma pistola. Mas a mulher, conseguindo ludibriar momentaneamente a sua atenção, atingiu a janela, gritando para a rua: «Acudam que temos um ladrão em casa!» — Carlos Carvalho ainda tentou escapar, mas o guarda-nocturno que acorrera ao apelo logrou imobilizá-lo já no vão das escadas do prédio.

TRÊS TIROS BASTARAM

O tipógrafo Manuel de Jesus e três companheiros acabavam de roubar um automóvel na Avenida do Uruguai, quando surgiu um carro patrulha da P.S.P. Sentindo-se descobertos, os quatro jovens saltaram lestos da viatura e logo empreenderam rápida fuga. E todos conseguiram concretizar os seus intentos, à excepção de Manuel Jesus, que escolhendo o itinerário mais difícil viria a levantar os braços em sinal de vencido, depois de ter ouvido zumbir sobre a cabeça três tiros ameaçadores, disparados pelos agentes perseguidores em jeito de intimidação.

Champalimaud não requereu a nacionalidade brasileira

Fontes próximas do industrial António Champalimaud desmentem que ele tenha requerido a nacionalidade brasileira, ao contrário do que escreveu o «Jornal do Brasil» (segundo telegrama da A.N.I. datado do Rio de Janeiro). A confusão deve provir — acrescentam essas fontes — do facto de um filho daquele empresário haver solicitado uma autorização de residência naquele país, onde Champalimaud possui diversos interesses económicos.

As mesmas fontes indicam que o familiar do empresário que está actualmente detido às ordens da Comissão de Inquérito ao 11 de Março não é seu filho, mas um sobrinho (filho de Carlos Champalimaud) um dos irmãos que moveu a acção conhecida como o «caso Sommer».

jornaleiro agrícola, 43 anos
12 José Lima, operário da construção civil, 24 anos
13 Carlos Eduardo Lourenço, empregado de escritório, 39 anos
14 João Cenra da Costa, professor, 24 anos
15 Manuel Pinto, operário têxtil, 27 anos

FSP

1 José Luía d'Olay da Silva Dias, profissional de seguros
2 Joaquim José Gomes Teixeira de Meira, empregado de escritório
3 Maria Teresa Bastos Ferreira de Melo Faria, professora
4 José Mendes, operário cartonageiro
5 Manuel Isaías de Carvalho Alves, estudante
6 José Pereira da Silva Gonçalves, técnico de caldeiras
8 Sérgio Ramires Coelho, arquitecto
8 Eduardo Grácio Aragão de Carvalho, empregado de escritório
9 José Luís de Oliveira Ferreira, bancário
10 Tiago dos Santos Gouveia, marítimo
11 Reinaldo Tavares Madeira, funcionário público
12 José Luís Marques Ferreira Cruz, empregado de escritório
13 Joaquim Carlos Castanheira da Silva Laço, escriturário
14 José António Pedroso Salgueiro Navarro, estudante
15 Vítor Manuel Pereira António, caixeiro

MDP/CDE

1 Santos Simões, professor do ensino secundário, 51 anos
2 José Manuel Mendes, estudante e professor do ensino secundário, 26 anos
3 Eduardo Ribeiro, construtor civil, 47 anos
4 Martins Costa, advogado, 39 anos
5 Márinho Dias, advogado, 58 anos
6 Jorge Coutinho de Almeida, professor assistente da Faculdade de Direito de Coimbra
7 Maria José Peixoto, professor do ensino secundário e delegado sindical, 32 anos
8 José Viriato Eiras Capela, estudante, 26 anos
9 Rebeldino Dá Mesquita Garcia, funcionário público e delegado pró-sindical, 42 anos
10 António Manuel Abreu Dantas, empregado de escritório, 37 anos
12 José Custódio de Matos Freitas, pequeno industrial, 41 anos
13 Januário Pinheiro, empregado de escritório, 26 anos
14 José Faria Martins Bastos, pequeno comerciante, 40 anos
15 António dos Santos Coelho, 39 anos

1 José Manuel Peixoto Bastos Machado, professor do ensino secundário, 23 anos
2 Alberto João Coraceiro de Castro, assist. univeritário, 23 anos
3 Abílio Lopes das Neves, operário têxtil, 54 anos
4 António Gualdaberto de Oliveira Pereira, empregado bancário, 25 anos
5 Baltazar Gomes dos Santos, funcionário sindical, 24 anos
6 Carlos Miguel Pinheiro de Abreu, técnico de desenho, 25 anos
7 António Ferreira Duar e, entalhador, 31 anos
8 Joaquim José Loureiro Amorim, prof. do ensino secundário, 26 anos
9 Manuel Ferreira de Carvalho, radiomontador, 23 anos
10 João Macedo Lourenço, prof. do ensino secundário, 24 anos
11 José Daniel Jacinto Nunes de Sá, prof. do ensino secundário, 22 anos
12 António Mendes da Silva Ferraz, assistente universitário, 24 anos
13 Ana Aragão Mendes, empregada de escritório, 24 anos
14 José Abílio de Sousa Martins, bancário, 24 anos
15 Fernando Francisco Silva, empregado de escritório, 41 anos

1 Carlos Costa, explicador, membro da Comissão Política do Comité Central, 46 anos
2 Joaquim Jorge Alves de Araújo, publicista, 38 anos
3 Lino Lima, advogado, 58 anos
4 Florinda Rodrigues, operária, 39 anos
5 José Pinho Coelho, agricultor, 50 anos
6 Manuel Gomes Macedo, operário electricista, 50 anos
7 Manuel Bento da Rocha Peixoto, médico, 39 anos
8 Alfredo Cardoso da Conceição, operário metalúrgico, 28 anos
9 Artur Fortuna Fidalgo Fernandes, regente agrícola, 37 anos
10 Laurentino Maurício da Silva Pimenta, operário electricista, 29 anos
11 Maria José da Silva Seabra, operário têxtil, 30 anos
12 António Bernardino de Sousa e Silva, funcionário da Casa do Povo, 37 anos
13 Alberto de Jesus Couto, electricista, 32 anos
14 Fortunato de Oliveira Frederico, técnico de calçado, 31 anos
15 Ana Maria Pereira da Fonseca Ferreira Lopes, prof. primária, 36 anos

PPD

1 Jorge Miranda, 37 anos, assistente da Faculdade de Direito
2 Fernando Alberto Matos Ribeiro da Silva, 43 anos, advogado
3 Fernando José Sequeira Roriz, 43 anos, comerciante
4 Armando António Correia, 59 anos, eng.º electrotécnico
5 João Batista Machado, 49 anos, advogado
6 Carlos Francisco Cerejeira Pereira Bacelar, 54 anos, advogado
7 Nívea Adelaide Pereira e Cruz, 36 anos funcionária da Previdência
8 Francisco Gonçalves, 37 anos, industrial
9 Manuel José Veloso Coelho, empregado bancário, 48 anos
10 Albino Pedrosa Campos, 44 anos, prof. liceal
11 Vasco Valentim Batista de Carvalho, 34 anos, advogado
12 Francisco José Brás Marques, 36 anos, advogado
13 Eurico Silva Teixeiro Melo, 49 anos, eng.º químico
14 Alberto Afonso de Lima Teixeira Aragão, 31 anos, eng.º mecânico
15 José Leite Machado, 40 anos, funcionário público

PPM

1 Fernando Sá Meneses, médico
2 Amadeu Ribeiro Meneses, regente agrícola
3 Manuel Pereira Barbosa, gerente comercial
4 Manuel Fraga Norton, arquivista
5 Isaura Seara de Sá, prof. ensino secundário
6 Alfredo Borges de Macedo, regente agrícola
7 Samule José da Cunha, tipógrafo
8 Octávio Almeida Machado, funcionário público
9 José Joaquim Borges de Araújo, gerente industrial
10 José Luís Correia, comerciante
11 João Almeida Sottomayor, engenheiro
12 Manuel Azevedo Carneiro, mecânico
13 João Pereira Alves, pequeno agricultor
14 Félix Augusto Ribeiro, industrial
15 Francisco Costa, regente agrícola

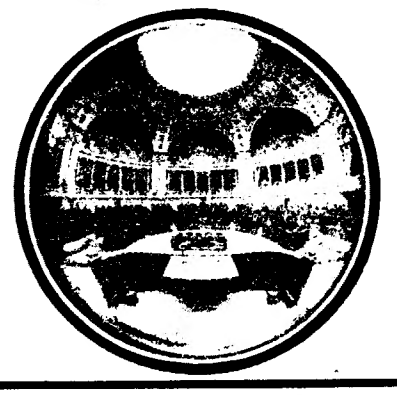
PARTIDO SOCIALISTA

1 Armando Bacelar, advogado
2 Francisco Tinoco de Faria, advogado
3 Mota Prego, advogado
4 Adelino Miranda Andrade, advogado
5 Jerónimo Silva Pereira, operário
6 Agostinho Domingues, prof. ensino secundário
7 Maria Helena Carneiro, prof.ª primária
8 Ângelo Medão, técnico têxtil
9 José Ferreira Salgado, advogado
10 Joaquim Oliveira Rodrigues, serralheiro
11 José Sousa Lopes, engenheiro
12 Artur Cunha Coelho, advogado
13 José Alves, operário
14 Maria Cândida Sarapico, prof.ª ensino secundário
15 Joaquim Loureiro, advogado

UNIDADE POPULAR

1 José Ferreira Pinto, 23 anos, operário da construção civil
2 Abílio Ferreira Machado, 28 anos, delegado de propaganda médica
3 António Luís Oliveira da Cunha, 23 anos, estudante
4 Firmino Ribeiro Mendes, 25 anos, professor do ensino secundário
5 Irene de Jesus Carvalho Cunha, 24 anos, empregado de escritório
6 Carlos Oliveira, 23 anos, operário têxtil
7 Manuel Fernando de Freitas Silva, 23 anos, operário têxtil
8 António Fernando Leite Pereira, 27 anos, estudante
9 Ernesto Rodrigues dos Santos, 24 anos, empregado comercial
10 António Vieira Fernandes, 49 anos, operário metalúrgico
11 Feliciano dos Santos Silva, 25 anos, mecânico
12 António Jaime Maravilhas da Silva
13 João Manuel Vieira Gomes, 24 anos, serralheiro
14 José Baptista de Carvalho, 23 anos, operário
15 Maria de Lourdes Oliveira Cunha, estudnate

Diário de Lisboa



PONTO ELEITORAL

Lisboa, segunda-feira, 14 de Abril de 1975

1.ª Já ouviu programas eleitorais na rádio ou televisão? Nesses programas o que mais o impressionou?

2.ª Na propaganda eleitoral que possibilidade considera mais efectiva. Cartaz, rádio ou televisão?

3.ª Entende que os analfabetos devem votar?

— BONERES CORREIA, 42 anos, motorista, residente em Moscavide

1.ª Tenho acompanhado tudo com o maior interesse, no entanto impressionam-me os ataques que alguns partidos fazem de outros que a gente conhece já há tanto tempo.

2.ª Acho que são válidos os cartazes e a televisão.

3.ª Acho que toda a gente deve votar.

JOÃO ESTEVES, 54 anos, comerciante, residente em Lisboa

1.ª Na televisão e na rádio. O que me custa é a censura que uns partidos fazem dos outros. Este aspecto entristece-me bastante.

2.ª Os cartazes porque só dizem o que dizem, enquanto que na televisão e na rádio dizem coisas que agradam a uns e desagradam a outros.

3.ª São cidadãos como os outros. Desde que estejam esclarecidos acho que devem votar.

— LUIS ANTONIO PORTUGUÊS CAMPOS, 22 anos, empregado de comércio, residente em Lisboa.

1.ª Vejo às vezes um pouco de televisão, mas realmente ainda nada me impressionou.

2.ª Acho que a televisão é mais importante porque sempre se vêem e ouvem as pessoas e isso para a província é muito importante.

3.ª Acho que é muito difícil por não saberem ler.

— ANTONIO CUNHA, 47 anos, cortador de carnes verdes, residente em Lisboa

1.ª Vejo na televisão e o que mais me tem impressionado é o desentendimento entre os partidos. Isso não me agrada porque realmente gostava mais que se entendessem.

2.ª Acho que a televisão atinge mais as pessoas

3.ª Acho que sim, porque podem não saber ler ou escrever, mas saber votar

CARLOS MANUEL ANTUNES, 28 anos, empregado de escritório residente em Lisboa.

1.ª Às vezes, ao princípio vi mais, agora começo a estar farto. Foi ouvir falar de coisas que eram proibidas até agora.

2.ª Os cartazes são tantos que já não se dá por nenhum e a rádio, como a propaganda é toda seguida, não sei se vende partidos, mas sei que vende aspirinas.

3.ª Acho que sim, se eles comem, trabalham e pagam impostos porque é que não haviam de votar?

— MARIA JOSE PAIVA SANTOS, 42 anos, empregada de escritório, residente em Lisboa

1.ª Vejo a televisão. Choca-me o grande ataque que os partidos fazem uns aos outros. Cada qual devia dizer o que tem a dizer sem ser necessário atacar outros.

2.ª Penso que é a televisão, porque quanto aos cartazes de certo modo penso que é desperdiçar dinheiro, e como se fala tanto em economia...

3.ª Se forem pessoas conscientes acho que sim, porque pelo facto de não saberem ler não quer dizer que não tenham a noção das responsabilidades.

— MARIA CLARA SOUSA PRETO, 21 anos, estudante, residente em Lisboa.

1.ª Vejo, mas já vi mais.

O que mais me impressiona é que os partidos se atacam mais uns aos outros do que deviam. Por exemplo: não nos dizem como é que querem influenciar a Constituiçao, jisto são eleições para uma Constituinte que vai fazer uma Constituição ora isso foi coisa que eu ainda não ouvi falar.

2.ª Para mim a mais importante tem sido a Televisão mas o que se diz passa e o que se escreve fica, por isso leio a Imprensa todos os dias.

3.ª Acho que devem votar. Em política, depois de 48 anos de fascismo não seremos todos um pouco analfabetos?

— JOAQUIM VICENTE, 43 anos, motorista, residente em Lisboa

1.ª Vejo a televisão e às vezes oiço na rádio. Impressionou-me um programa sobre educação que um partido apresentou. Acho que se aquilo for verdade, é óptimo, no entanto prometem tanta coisa...

2.ª Acho que é a televisão porque toda a gente vê.

3.ª Acho que se os analfabetos votarem vão ter dificuldades.

Lisboa: Quem vota e onde

Com a publicação das secções de voto das freguesias da Ajuda, Alcântara e St.ª Isabel, completamos o 2.º Bairro administrativo de Lisboa. Amanhã iniciamos a publicação das secções de voto do 3.º Bairro.

Freguesias do 2.º Bairro: Ajuda, Alcântara, Lapa, Prazeres, Santa Maria de Belém, St.ª Isabel, Santo Condestável, Santos-o-Velho e S. Francisco Xavier.

Freguesias cujas secções de voto publicamos hoje: Ajuda, Alcântara, S. Francisco Xavier.

AJUDA

. . Na **Sede da Junta de Freguesia de Ajuda** Calçada da Ajuda, 236

1.ª Secção de voto — de Abeilardo Gonçalves Rocha a Albertina dos Anjos Barreiro Rendeiro

2.ª Secção de voto — de Albertina dos Anjos Henriques a Alice dos Santos Portugal

No **Anexo da Junta de Freguesia de Ajuda** Calçada da Ajuda, 234 (Pátio do Bonfim)

. 3.ª Secção de voto — de Alice dos Santos Ramalho Bento a Ana de Jesus Félix

Na **Escola Voz do Operário** Calçada da Ajuda, 234 (Pátio do Bonfim) Ajuda

4.ª Secção de voto — de Ana de Jesus Freitas a António dos Anjos Garcia

5.ª Secção de voto — de António dos Anjos Mendes do Carmo a António José Oliveira

Na **Ajuda Clube — Associação Recreativa** Rua do Jardim Botânico, 2 — Ajuda

6.ª Secção de voto — de António José Paradanta a António Soares Esteves Palos

No **Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Ajuda** Calçada da Ajuda, 227 — Ajuda

7.ª Secção de voto — de António Soares Fernandes a Artur Miguel Calvário Xavier

8.ª Secção de voto — de Artur Miguel Oliveira Nunes a Bernardino António

9.ª Secção de voto — de Bernardino Barroso Pires a Carlos Manuel da Silva Sousa

10.ª Secção de voto — de Carlos Manuel de Sousa Neves a Clotilde Joaquina Martins Cameira

Nos **Escoteiros de Portugal** (2.º Grupo) Calçada da Ajuda, 228-230 — Ajuda

11.ª Secção de voto — de Clotilde Margarida Prazeres Botelho a Domingos Baptista Mendes

No **Centro Republicano da Ajuda** Rua da Bica do Marquês, 33 — Ajuda

12.ª Secção de voto — de Domingos Batista Rodrigues a Emídio dos Santos Gomes

Na **Academia Recreativa da Ajuda** Rua D. Vasco, 69 — Ajuda

13.ª Secção de voto — de Emídio Silva Gomes a Evaristo Garcia

Na **Escola Primária Oficial Feminina n.º 60** Rua Coronel Pereira da Silva, 18 — Ajuda

14.ª Secção de voto — de Evaristo Luís a Fernando Pereira dos Santos

15.ª Secção de voto — de Fernando Pereira de Sousa a Francisco Pereira de Araújo

16.ª Secção de voto — de Francisco Pereira Duarte a Henrique Botelho de Medeiros

17.ª Secção de voto — de Henrique de Carvalho Duarte a Irene Galvão Rodrigues

18.ª Secção de voto — de Irene Garnier Ferreira Rodrigues a João de Almeida Paiva

No **Antigo Quartel dos Bombeiros Municipais** Rua Coronel Pereira da Silva (ao lado da Escola Primária Oficial), à Boa Hora — Ajuda

19ª Secção de Voto — de João de Almeida Tavares a João Rodrigues Alves

20.ª Secção de voto — de João Rodrigues Alves a Joaquim Viegas

21.ª Secção de voto — de Joaquina Alegria Abelho a José Carlos Soares

Na **Escola Primeira Oficial n.º 19** Rua Nova do Calhariz — Ajuda

22.ª Secção de voto — de José Carlos de Sousa Silva a José Luís Jacinto Fernandes

23.ª Secção de voto — de José Luís Jerónimo a José da Silva Marques

24.ª Secção de voto — de José da Silva Monteiro a Laurentina Alves.

25.ª Secção de voto — de Laurentina Baía Pascoal a Luís de Almeida

No **Boa Hora Futebol Clube** (Associação Recreativa) Calçada da Boa Hora, 176 — Ajuda

26.ª Secção de voto — de Luís Almeida da Costa a Manuel Bernardo Guerra

27.ª Secção de voto — de Manuel Bernardo da Silva Salvador a Manuel Nunes

Na **Escola Primária Oficial n.º 172** Largo da Ajuda, 18 — Ajuda

28.ª Secção de voto — de Manuel Nunes a Maria Alice de Azevedo Ribeiro Raimundo

29.ª Secção de voto — de Maria Alice Baptista Relvão a Maria Bárbara da Anunciação Almeida Ferreira

30.ª Secção de voto — de Maria Bárbara Correia Pereira a Maria da Conceição Gonçalves de Matos

31.ª Secção de voto — de Maria da Conceição Gonçalves Nogueira a Maria Esteves Costa Torres

32.ª Secção de voto — de Maria Estrela Barata Marçano Pessoa a Maria da Graça Bragança da Silva

Na **Escola Primária Oficial do Alto da Ajuda** Alto da Ajuda — Ajuda

33.ª Secção de voto — de Maria da Graça Carvalho Rocha a Maria de Jesus Lopes Guerra

34.ª Secção de voto — de Maria de Jesus Madalena Cunha a Maria Luísa Faustino

35.ª Secção de voto — de Maria Luísa Félix de Brito Samora a Maria Manuela Pereira Gomes

36.ª Secção de voto — de Maria Manuela Pereira Gueifão Rosado e Silva a Maria Rita Esteves Firmino

37.ª Secção de voto — de Maria Rita de Jesus Grojinha a Marieta Gonçalves Viegas

38.ª Secção de voto — de Marieta Nunes Paulo Rodrigues a Noémia Ferreira Libreiro

39.ª Secção de voto — de Noémia Ferreira da Silva a Piedade da Silva Figueiredo

40.ª Secção de voto — de Pilar Gonzalez Martin Fontinhas a Rosária Marques Coelho

No **Clube Recreativo e Desportivo Armadorense** Rua do Cruzeiro, 237 — Ajuda

41.ª Secção de voto — de Rosária Martins Solipa Anceriz a Velariana de Matos Pereira Moita

No **Clube Desportivo Império do Cruzeiro** Rua do Cruzeiro, 166 — Ajuda

42.ª Secção de voto — de Venâncio Oliveira a Zulmira Vaz de Carvalho Antunes

ALCÂNTARA

. No **Liceu D. João de Castro** Rua Jau (ao Alto de Santo Amaro).

. 1.ª Secção de voto — de Abdul Oab Can a Albertina dos Santos Francisco

2.ª Secção de voto — de Albertina da Silva Félix Ribeiro a Álvaro Manuel de Azevedo Esperança

3.ª Secção de voto — de Álvaro Manuel Barata Ascenção a Ana Paula Cruz da Silva

4.ª Secção de voto — de Ana Paula Dias Ferreira a António da Cruz

5.ª Secção de voto — de António da Cruz Barreto a António Maria

	GUARDA	CONTIN.
Em outros tipos de ensino	487	15 162
Total	34.454	1 497 083
Cantinas escolares (1973):		
Total	81	1 585
N.º de alunos beneficiados	3.415	118 412

ACTIVIDADES CULTURAIS E RECREATIVAS:

N.º de bibliotecas existentes (1973)	2	249
Museus existentes	2	114
N.º de receptores existentes	8.164	605 112

CONSTRUÇÃO DE HABITAÇÕES:

N.º de fogos construídos para habitação (1973)	509	19 600

ENERGIA ELÉCTRICA

N.º de consumidores (1973)	51.017	2 232 097
Consumo total de energia eléctrica em 1000 kw/h (1973)	72.230	8 192 378
Consumo total por habitante em Kw/h (1973)	372	1 018

COMÉRCIO

Estabelecimentos comerciais por grosso e a retalho (1968):		
Total		4.005
Com de uma a três pessoas ao serviço		3.765

	GUARDA	CONTIN.
IMPOSTOS:		
Imposto profissional:		
N.º de contribuintes (1973)	4.379	468 993
Rendimentos tributados (em milhares de contos - 1973)	260.5	38 886.0
Imposto complementar:		
N.º de contribuintes (1973)	1.224	168 192
Rendimentos colectáveis (em milhares de contos - 1973)	227,6	44 152,4

DIVISÃO DE PROPRIEDADES

Explorações agrícolas:		
Com menos de 0,5 ha	6.048	249 915
Entre 0,5 e 5 ha	27.237	442 526
Entre 5 e 20 ha	8.343	67 518
Entre 20 e 50 ha	896	10 008
Entre 50 e 200 ha	135	3 935
Entre 200 e 1000 ha	18	1 570
Entre 1000 e 2500 ha	0	260
Com mais de 2500 ha	0	62
Total	42.677	775 794
Percentagem das explorações por conta própria	61 %	63%

PRODUÇÃO, POUPANÇA (1) E REMESSAS DE EMIGRANTES:

Produto interno bruto do distrito em percentagem do valor total do continente (1970)	1,5 %	100%
Produto interno bruto por habitante em contos (1970)	11,5	19,8
Poupança total por habitante em contos	3,8	5,8
Poupança dos particulares por habitante em contos (1970)	1,8	2,9
Remessas de emigrantes recebidas no distrito, em milhões de contos	1,2	19,2

BRAGA
partidos e candidatos

BRAGA: PARTIDOS E CANDIDATOS. POR OMISSÃO, NÃO PUBLICAMOS OS CANDIDATOS DESTE DISTRITO NO NÚMERO RESPECTIVO DE PONTO ELEITORAL.

CDS

1 Adelino Amaro da Costa, engenheiro, 31 anos
2 Francisco Sá Malheiro, engenheiro civil, 32 anos
3 Manuel Soares, engenheiro técnico, 52 anos
4 Joaquim Fernandes, operária fabril, 45 anos
5 João José Magalhães Ferreira, Pulido de Almeida, (Independente), professor do ensino técnico, 55 anos
6 Henrique Meneses de Moraes, médico, 43 anos
7 Fernando Manuel Pereira Malheiro Rodrigues, empregado de escritório, 27 anos
8 Maria Celeste de Castro Pinto, professora primária, 35 anos
9 Manuel da Silva Alves de Oliveira, electricista, 49 anos
10 Bernardino Gonçalves, estudante universitário, 29 anos
11 António Ribeiro de Azevedo, empregado de escritório, 28 anos
12 Querubim Alves Lamego, afinador têxtil, 29 anos
13 Luís Gomes Fernandes, gerente comercial, 45 anos
14 Joaquim de Aguiar Leitão, agricultor, 42 anos
15 Eugénio Maria Nuno Anacoreta Correia, engenheiro civil, 35 anos

FEC(m-l)

1 José Vilas Boas, camponês, 21 anos
2 Carlos Coutada, profissional de seguros, 30 anos
3 José Augusto Sendim, operário tipógrafo, 30 anos
4 Martinho de Figueiredo, operário têxtil, 36 anos
5 Manuel Silva Ribeiro, alfaiate, 23 anos
6 Jaime Matos Mota, operário, 25 anos
7 Augusto Machado de Sá, operário da construção civil 42 anos
8 António Peixoto Guise, operário tipógrafo, 28 anos
9 Albino Estêves Ferreira, empregada da indústria hoteleira 26 anos
10 Maria José Reis, empregada têxtil, 23 anos
11 Manuel Teixeira Carvalho,

PORTUGAL 75

PONTO ELEITORAL dedica todos os dias a sua atenção a um distrito do País e publica, sobre cada um deles, uma série de elementos úteis, não apenas a quem reside, mas a todos os portugueses interessados em saber como se vive e vota em Portugal:

1) Elementos estatísticos sobre a sua população e nível de vida.

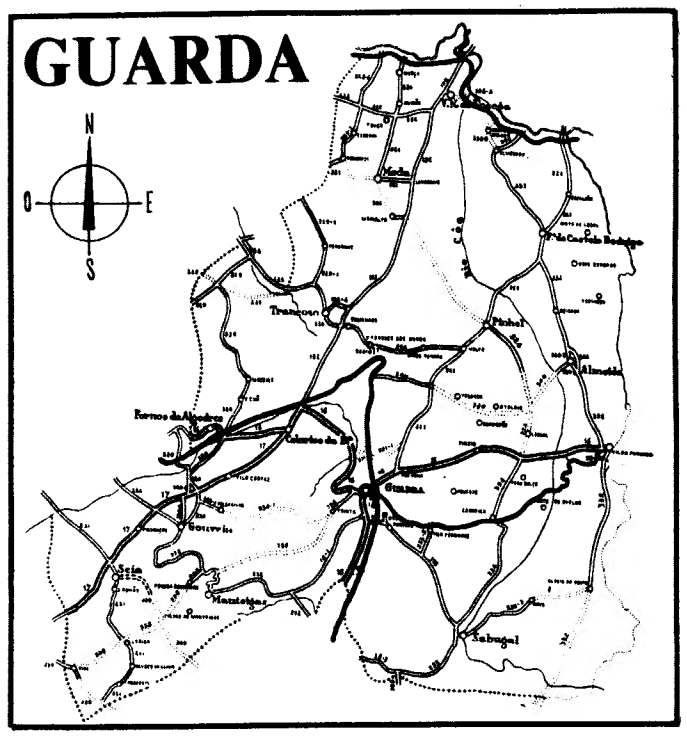
2) Lista de todos os partidos que nele concorrem às eleições e nomes dos seus candidatos.

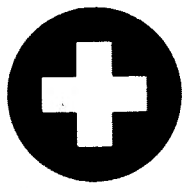
3) Informações diversas úteis a todos os eleitores.

Os distritos são tratados por ordem alfabética.

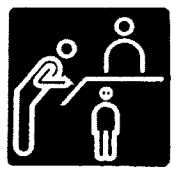
ELEMENTOS ESTATÍSTICOS

POPULAÇÃO	GUARDA	CONTIN.
Nível:		
População residente no meio do ano de 1973 (em milhares)		
Homens	90,1	3 803,4
Mulheres	104,1	4 242,4
Total	194,2	8 045,8
População activa em 1970 (em milhares)	69,3	2 988,2
Percentagem da população residente	32,9 %	37,0%
Evolução:		
Evolução entre 1960 e 1970	Diminuíu em 14 concelhos,	
Densidade:		
N.º médio de habitantes por km2	40	91
Emigração:		
N.º de habitantes que emigraram oficialmente entre 1960 e 1970	43.208	740 037
Mortalidade:		
N.º médio de óbitos por mil habitantes (1973)	13,7	11,1
Mortalidade infantil, por mil nados-vivos (1973)	58,4	43,6
Percentagem de óbitos de crianças com menos de um ano de idade	6,1 %	7,9%
N.º total de óbitos	2.656	89 079
Óbitos tendo por causa tuberculose do aparelho respiratório e pneumonias (1973):		
Número	105	6 081
Percentagem do total dos óbitos	4,0 %	6,8%
Óbitos tendo por causa enterites e outras doenças diarreicas (1973):		
Número	39	2 130
Percentagem do total dos obitos	1,5	2,4 %
Natalidade:		
N.º médio de nascimentos por mil habitantes (1973)	14,4	19,9
N.º total de partos (1973)	2.860	162 492
Partos em estabelecimentos de saúde com internamento (1973):		
Número	762	84 055
Percentagem do total de partos	26,6 %	51,7%
Partos sem qualquer assistência	1.197	33 348
Percentagem do número total	41,9 %	39,7%





Saúde:	GUARDA	CONTIN.
N.º total de estabelecimentos de saúde incluindo farmácias e postos (1973)	186	5 423
N.º de estabelecimentos de saúde com internamento (1973)	17	544
N.º de camas existentes	1.185	49 590
N.º de médicos	66	6 254
N.º de maternidades		22
N.º de habitantes por estabecimento	11.424	14 790



Educação:		
Estabelecimentos de ensino:		
De ensino infantil	2	317
De ensino primário	745	15 386
De ciclo preparatório	33	822
Do ensino liceal	16	440
Do ensino técnico	8	225
Do ensino superior	1	57
De outros tipos de ensino	4	191
Total	809	17 438
Pessoal docente (1973):		
Do ensino infantil	3	709
Do ensino primário	906	129 210
Do ensino preparatório	344	12 386
Do ensino liceal	218	8 788
Do ensino técnico	140	9 718
Do ensino superior	13	3 396
De outros tipos de ensino	39	1 705
Total	1.663	65 912
Alunos matriculados (1973):		
No ensino infantil	59	17 139
No ensino primário	23.124	895 978
No ensino preparatório	4.879	193 603
No ensino liceal	4.230	170 814
No ensino técnico	1.650	150 469
No ensino superior	25	53 918

6.ª Secção de voto — de António Maria Baptista Gomes a Armando Carvalho

7.ª Secção de voto — de Armando de Castro Bettencourt Amarante a Augusto Marques Leopoldo

8.ª Secção de voto — de Aurealiano António Alves Martins Soares Carneiro a Cândido Rebelo Aparício

9.ª Secção de voto — de Cândido dos Santos Caldas a Celeste Figueiredo de Brito Domingos

10.ª Secção de voto — de Celeste Frutuosa Candeias Simões a Delfina da Conceição Mourão de Seixas

Na Escola Industrial Fonseca Benevides Rua dos Lusíadas

11.ª Secção de voto — de Delfina da Conceição Santos de Oliveira a Eduardo Ribeiro Sequeira

12.ª Secção de voto — de Eduardo Rodrigues a Ermelinda Pina Ramos Santos.

13.ª Secção de voto — de Ermelinda Pires Pinheiro a Fernando Alberto Lopes Pinheiro

14.ª Secção de voto — de Fernando Alberto Matos de Campos a Fortunato da Silva Correia

15.ª Secção de voto — de Fradique de Almeida Tavares a Gracinda da Conceição Estrela Fernandes

16.ª Secção de voto — de Gracinda da Conceição Maçôas Mariano Casacão a Humberto Alves da Silva.

17.ª Secção de voto — de Humberto do Amaral Chaves a Isaura da Conceição Santos Carmo

18.ª Secção de voto — de Isaura da Conceição Silva d'Oliveira a João Frois Cardoso Pinto

19.ª Secção de voto — de João F[illegible]o Teixeira Saldanha a J[illegible]m Henriques Nogueira Aleixo

20.ª Secção de voto — de Joaquim Henriques Castelo a José António Peres Lima

Na Escola Comercial Ferreira Borges Rua Jau (ao Alto de Santo Amaro)

21.ª Secção de voto — de José António Perre Neto a José de Jesus

22.ª Secção de voto — de José de Jesus a José Ramos Alves Fradinho

23.ª Secção de voto — de José Ramos Cardoso a Julieta Lírio Gomes Sutre

24.ª Secção de voto — de Julieta Lopes de Carvalho Santos a Lino Brito dos Santos

25.ª Secção de voto — de Lino Domingos Moita a Luísa Maria Sousa da Piedade Fernandes Clemente

26.ª Secção de voto — de Luísa Marques de Matos a Manuel Joaquim Venâncio Rosa

27.ª Secção de voto — de Manuel Joaquim Vendas Carrapico a Maria Adília Rodrigues Gonçalves de Carvalho

28.ª Secção de voto — de Maria Adília Cerejo Goulão a Maria de Assunção Silva Carvalho Santos

29.ª Secção de voto — de Maria da Assunção Sousa Soares Miguel a Maria Clara da Conceição Sousa C. Pereira

30.ª Secção de voto — de Maria Clara da Cunha Pereira Cosmo a Maria Elvira Gomes de Matos

31.ª Secção de voto — de Maria Elvira Gonzalez Alvarez a Maria Francisca Fernandes

32.ª Secção de voto — de Maria Francisca Fernandes Azevedo a Maria Inês Pires

Na Escola Preparatória Francisco Arruda Calçada da Tapada, 152

33.ª Secção de voto — de Maria Irene Tavares Marcelino da Costa a Maria Júlia Valério de Campos Faria

34.ª Secção de voto — de Maria Júlia Mendes Vassalo Gil a Maria de Lourdes de Jesus

35.ª Secção de voto — de Maria de Lurdes Marques dos Santos Taveira a Maria da Nazaré Cristóvão Amante

36.ª Secção de voto — de Maria da Nazaré Dias Gonçalves a Maria dos Santos

37.ª Secção de voto — de Maria dos Santos a Mário Silva Caldeira.

38.ª Secção de voto — de

AUDIOVISUAIS

RÁDIO RENASCENÇA

Hoje

22.30 — FSP; -2.40 — MES; 22.50 — PS; 23.00 — PS; 23.10 — PS; 23.20 — CDS; 23.30 — PPD; 23.40 — MES; 23.50 — CDS.

R. C. P.

Hoje

22.30 — CDS; 22.40 — PPD; 22.50 — MES; 23.00 — PCP; 23.20 — CDS; 23.30 — MDP; 23.40 — CDS; 23.50 — PS.

EMISSORES ASSOCIADOS

Hoje

22.15 às 23.35 — MES; PPM; PUP; PCP; UDP; MDP; FSP; LCI.

TELEVISÃO

Hoje

Depois da 2.ª edição do Telejornal
Temas e candidatos

FSP — «Comércio externo» por Heitor Castanheira, «Campanha eleitoral em C. Branco» por José Maria Fradiano (C. Branco), «Campanha eleitoral em Portalegre», por Adelino Cardoso (Portalegre)

PS — Sotto Mayor Cardia (Lisboa) e Miller Guerra (Guarda)

Mário da Silva Neves a Olinda da Ressurreição Avelans

39.ª Secção de voto — de Olinda Ribeiro a Ricardo Figueiredo

40.ª Secção de voto — de Ricardo Garrido a Serafim das Dores Martins

41.ª Secção de voto — de Serafim Fernandes da Silva a Virgínia Rodriguez de Oliveira Coelho

42.ª Secção de voto — de Virgínio Rodrigues Ribeiro Duarte a Zulmira Soares da Silva

S. FRANCISCO XAVIER

1.ª Secção de voto — de Abel António dos Santos Leitão a António Baptista Marques Laranjo

2.ª Secção de voto — de António Bianchi Henriques Perestrelo Favila Vieira a Carlos Cabral Godinho

3.ª Secção de voto — de Carlos Cardoso de Oliveira a Fernanda Maria Martins Pedro Santos

4.ª Secção de voto — de Fernanda Maria Pesqueira Alberto Martins de Carvalho a Ivone Silva de Lacerda

5.ª Secção de voto — de Jacinta de Ascensão Baptista a José Joaquim Luís Gomes

6.ª Secção de voto — de José Joaquim Januário a Manuel Dias Pombo

7.ª Secção de voto — de Manuel Dinis Santos Raposo a Maria da Conceição Pereira Caetano

8.ª Secção de voto — de Maria da Conceição Pereira Ramos a Maria de Jesus Severino Alves Martins da Silva Girão

9.ª Secção de voto — de Maria de Jesus da Silva a Maria Rata Martins

10.ª Secção de voto — de Maria Regina Diogo Carlos a Quitéria de Jesus Charneca

11.ª Secção de voto — de Rafael Gonçalves a Zulmiro César Tavares Monteiro

(1) Ajuda (2) Alcântara (3) Lapa (4) Prazeres (5) Santa Isabel (6) Santa Maria de Belém (7) Santo Condestável (8) Santos-o-Velho (9) S.Francisco Xavier.

Continuação no próximo número.